U.PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Um percurso de sucesso na formação de jogadores em Futebol. Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal – Academia Sporting/Puma.

MIGUEL RIBEIRO MOITA

PORTO, 2008

U.PORTO

FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Um percurso de sucesso na formação de jogadores em Futebol. Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal – Academia Sporting/Puma.

Monografia realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Alto Rendimento opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Orientador: Prof. Doutor Júlio Garganta

Miguel Ribeiro Moita

Porto, 2008

Provas de Licenciatura

Moita, M. (2008). Um percurso de sucesso na formação de jogadores em Futebol. Estudo realizado no Sporting Clube de Portugal – Academia Sporting/Puma. Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO, FUTEBOL, ACADEMIA, SPORTING, SUCESSO.

DEDICATÓRIA

Quem tem pressa pouco vê e pouco sente…

“A todos aqueles que como eu, tentam pensar na formação de jovens de uma forma racional e paciente”

AGRADECIMENTOS

⇒ Ao Professor Júlio Garganta, pela paixão que demonstra cada vez que conversa sobre Futebol. Nos momentos em que pensava estar sem ideias, uma conversa consigo funcionava como *"uma lanterna na escuridão"* facilitando e impulsionando novamente a caminhada. Acima de tudo, muito obrigado por nunca me ter dado "receitas", e por ter levantado problemas pertinentes para que eu encontrasse a minha solução;

⇒ Ao Professor Vítor Frade, por me ter feito ver que afinal, no Futebol, ainda nem tudo está inventado, nem nunca estará;

⇒ Aos entrevistados: Pedro Luz, Luís Gonçalves, Luís Dias, José Lima, Aurélio Pereira, Diogo Matos, Jean Paul, Carlos Bruno Charrua, Paulo Bento e Pereirinha. Obrigado pela disponibilidade e interesse demonstrado na realização das entrevistas;

⇒ Um agradecimento especial ao Pedro Luz e ao Jean Paul pela simplicidade de processos e comunicação, pela humildade e simpatia. Obrigado por toda a disponibilidade que me foi presenteada na Academia;

⇒ Aos meus Pais, pelos valores que me transmitiram e por todas as experiências que me proporcionaram. Demonstraram sempre uma sensibilidade fora do comum para me colocar no "trilho" certo…aconselhando…e nunca impondo nada. Nunca esquecerei isso;

⇒ Ao meu "mano", pela sua existência e pelas nossas (ainda) brincadeiras de "miúdos". Pelas recentes memórias de nostálgicas vivências conjuntas no "*futebol de rua no jardim"* e pela sua adoração por Futebol (e pelo Benfica);

⇒ À HELOÍSINHA da minha alma, por ter aparecido na minha vida. Tens sido fundamental neste último ano da minha vida e tenho a certeza que sem ti este trabalho não estaria ainda terminado. A forma como te envolves em

tudo o que fazes, a paixão com que vives o teu dia-a-dia e a "ginástica" espaço-temporal que realizas para estares perto de mim, levam-me a acreditar que és a mulher da minha vida. Obrigado por tudo. *"És a Maior";*

⇒ Ao Gabi. Não só por termos concluído juntos esta última fase da nossa licenciatura, partilhando e discutindo opiniões, mas acima de tudo pelo verdadeiro amigo que és. (Ah! E porque uma monografia não se faz sozinho …lol);

⇒ À Tuna Musicatta Contractile, por considerar que é um grupo único de verdadeiros amigos, sendo *"a música a mágica fronteira que nos une"*. Por funcionar como um *"Caos Organizado"* – pois só dessa forma teremos uma identidade diferente das tunas demais. Por verificar que depois de algumas experiências vividas enquanto Tuno, foram muitos os ensinamentos que retirei para a minha vida pessoal e profissional. E sempre sem esquecer que: *"Uma vez Tuno, Tuno para Sempre…*";

⇒ À "*Maltinha"…* pelos bons e maus momentos partilhados ao longo destes cinco anos.

Obrigado por enriquecerem o tempo partilhado!

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS…….. V

ÍNDICE DE FIGURAS…… XI

ÍNDICE DE QUADROS…… XIII

LISTA DE ABREVIATURAS…… XV

RESUMO…….. XVII

ABSTRACT…… XIX

RÉSUMÉ…… XXI

1. INTRODUÇÃO……1

2. REVISÃO DA LITERATURA……..7

2.1. Formação: conceito e pesquisa…….9

2.2. Formação desportiva…….....11

2.3. Formação de jogadores em futebol……..…13

2.3.1. *A importância do futebol de rua*……...13

2.3.2. *Um meio de desenvolvimento e de garantia do futebol no futuro*..……...17

2.3.3. *Uma solução de viabilidade económica nos clubes de futebol*…..…… 18

2.3.4. *Academia de Futebol: uma escola dentro do clube*……..... 21

2.3.4.1. *Da formação futebolística à formação holística*……...22

2.3.4.2. *Um processo a longo prazo*..……..…….29

2.3.5. *A importância dos resultados desportivos na formação de jogadores*…..……30

2.3.6. *O perfil do treinador na formação de jogadores*……..32
2.3.7. *O papel da família na formação de jogadores*……34
2.4. Modelo de formação – o orientador de todo o processo de formação de jogadores num clube……..…….37
2.4.1. *Modelo de jogo, modelo de treino, modelo de treinador e modelo de jogador… quatro imperativos de referência para todo o processo de formação de um clube*……..……..……38
2.4.1.1. *Modelo de jogo*…… 39
2.4.1.2. *Modelo de treino*……40
2.4.1.3. *Modelo de treinador*…….……..42
2.4.1.4. *Modelo de jogador*……43
2.4.2. *Detecção, selecção, recrutamento e desenvolvimento de "talentos"*…….44
2.4.3. *Desenvolvimento do "talento": o papel da prática deliberada na melhoria da performance*……47
2.4.4. *A forma de jogar da equipa principal como referência para os escalões de formação*……..…….49
2.4.5. *Coordenador/director técnico – o regulador do processo de formação*……...50

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS……53
3.1. Metodologia de pesquisa……55
3.2. Condições de aplicação da recolha de informação/ Recolha dos dados…55
3.3. Caracterização da amostra……56

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS ENTREVISTAS……..…59
4.1. Academia Sporting/Puma… o acentuar de uma qualidade já evidenciada anteriormente……61
4.1.1. *Funcionamento da academia nas áreas extra-futebol* ……..…65
4.1.2. *Entre a formação futebolística e a formação holística*……73
4.1.3. *Formação entendida como um processo contínuo e a longo prazo: a competição e os resultados desportivos como factor de progresso*……..76
4.2. O modelo de formação do Sporting Clube de Portugal……79

4.2.1. *Ponto de partida: que modelo de jogador?.....79*
4.2.2. *O processo pré – Academia… ……..*81
4.2.2.1. "*Futebol de Rua": uma realidade a não descurar na procura de qualidade futebolística natural*……..81
4.2.2.2. *Detecção, selecção e recrutamento de "talentos" – os indicadores padrão de recrutamento*……86
4.2.2.3. *As Escolas Academia Sporting/Puma: um espaço privilegiado para o recrutamento de talentos*……..…88
4.2.3. *O processo de formação na Academia*……93
4.2.3.1. *A sintonia existente entre todos os escalões do departamento de formação e entre estes e o departamento de futebol sénior*……..93
4.2.3.2. *Modelo de jogo das equipas de formação*……..95
4.2.3.3. *Modelo de treino – as dimensões privilegiadas e a importância do treino como catalizador do "talento" já evidenciado*……...96
4.2.3.4. *O departamento de treino físico – a responsabilidade complementar de optimizar, reabilitar e monitorizar a performance dos jogadores*…….…… 100
4.2.3.5. Modelo de treinador – a formação interna de treinadores……..106
4.2.3.6. *A família – parte integrante do processo de formação*……109
4.2.4. *O processo pós – Academia: as causas da facilidade na integração e adaptação à equipa profissional e até a outras equipas de top*……..112

5. CONCLUSÕES……..115

6. SUGESTÕES PARA A FORMAÇÃO E FUTUROS ESTUDOS……..…121

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS……..…125

8. ANEXOS I (APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS)…… I

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Currículo Padrão de uma Academia de Futebol (Adaptado de Stratton, 2004)……25

Figura 2 – Triângulo Desportivo: Inter-relações entre a criança, pais e treinador (adaptado de Byrne, 1993)……34

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 e 2 – Funcionamento do sistema de educação e treinos dos jovens dos diferentes escalões da formação do SCP (dentro e fora da Academia)……66

Quadro 3 – Horário semanal dos atletas do Escalão dos sub-14 até sub-16 com treinos na Academia……67

Quadro 4 – Horário semanal dos atletas do Escalão sub-17 com treinos na Academia……68

Quadro 5 – Horário semanal dos atletas do Escalão sub-18/19 com treinos na Academia……68

LISTA DE ABREVIATURAS

SCP – Sporting Clube de Portugal

SLB – Sport Lisboa e Benfica

FCP – Futebol Clube do Porto

RESUMO

O Sporting Clube de Portugal (SCP) tem vindo a ser reconhecido, há vários anos, como um dos clubes que mais e melhor investem na formação de jogadores de Futebol. Este facto torna-se ainda mais evidente quando se procede a uma retrospectiva do percurso de vários jogadores de qualidade internacionalmente reconhecida e se verifica que muitos deles passaram pela formação do SCP tais como, Paulo Futre, Luís Figo, Hugo Viana, Simão Sabrosa, Ricardo Quaresma, Cristiano Ronaldo, João Moutinho, Nani, Yannick Djaló e, mais recentemente, Pereirinha, Miguel Veloso e Rui Patrício. Ultimamente este sucesso ganhou ainda mais visibilidade com a criação da Academia Sporting/Puma.

No presente estudo procura-se incidir sobre a importância da boa formação em Futebol, ilustrando concepções e práticas de um clube de referência. Face ao enunciado, pretende-se responder aos seguintes objectivos: (i) ilustrar, através duma revisão da literatura, a importância que o processo de formação tem na criação de jogadores de sucesso no futebol actual; (ii) identificar e verificar a partir da observação e análise do processo de formação do SCP, na sua Academia de Futebol, quais as variáveis que orientam o respectivo Modelo de Formação; (iii) identificar os objectivos da formação do SCP; (iv) indagar as vantagens que o espaço Academia do SCP proporciona à formação de jogadores; (v) averiguar a importância que a formação desportiva e pessoal tem para os responsáveis da formação do SCP; (vi) demarcar a percepção dos responsáveis acerca dos factores-chave que condicionam favoravelmente a adaptação eficaz dos jogadores dos escalões de formação do Sporting, ao futebol de alto nível.

Para este efeito, para além de uma revisão bibliográfica, foram também realizadas entrevistas a dez intervenientes na formação do SCP – Academia Sporting/Puma. Do cruzamento da informação entre a revisão bibliográfica e as entrevistas foi possível retirar as seguintes ilações: a) a administração do SCP tem como princípio prioritário a integração de jogadores provenientes dos escalões de formação na equipa profissional; b) os dois objectivos pretendidos são, em primeiro lugar, a formação de jogadores com qualidade para a equipa principal e em segundo lugar, a formação de homens; c) a ênfase na formação está direccionada para um desenvolvimento holístico; d) a criação da Academia Sporting/Puma, fez com que passasse a haver, para além de magníficas infra-estruturas, um maior acompanhamento e apoio a toda a formação dos jovens; e) o sucesso da formação do SCP é considerado como consequência da interacção do funcionamento conjunto das várias componentes existentes na Academia. No entanto, parece ser dada alguma ênfase à qualidade já demonstrada pelos jovens jogadores quando são recrutados para os escalões de formação do SCP, e também à preparação mental a que os mesmos são sujeitos durante todo o processo de formação levado a cabo na Academia Sporting/Puma.

PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO, FUTEBOL, ACADEMIA, SPORTING, SUCESSO

ABSTRACT

The Sporting Club of Portugal (SCP) has being recognized, since several years, as one of the clubs that invest more and better in football player's formation. This fact becomes more evident when we proceed to a retrospect of the carrier of some players of recognized international quality and we verify that many of them, such as Paulo Futre, Luis Figo, Hugo Viana, Simão Sabrosa, Ricardo Quaresma, Cristiano Ronaldo, Moutinho João, Nani, Yannick Djaló and, more recently, Pereirinha, Miguel Veloso and Rui Patricio, had grow in the SCP formation,. Lately, this success has acquired more visibility with the creation of the Sporting/Puma Academy.

In the present study it is wanted to show the importance of good Soccer formation, by illustrating experiences and conceptions of a remarkable team. Therefore, it is intended to answer to the following objectives: (i) to illustrate, through literature research, the importance of formation process in the creation of success players in the current soccer; (ii) to identify and verify, throw comment and analysis of SCP formation process, in its Soccer Academy, the component parts that guide their own Formation Model; (iii) to identify the objectives of SCP formation; (iv) to inquire the advantages that a space like SCP Academy provides to the players formation; (v) to understand the importance of sportive and personal formation to the masters of SCP formation; (vi) to demarcate the perception that responsible ones have about key's factors that lead to an efficient integration of young players formed by Sporting into high level soccer.

For this purpose, besides a bibliographical research, we have also realised interviews to ten agents of SCP formation - Sporting/Puma Academy.

By confronting the information decurrently of the bibliographical revision with the content of the interviews, we acquired the following results: a) SCP administration has as a priority principle the integration of players proceeding from the formation steps into the professional team; b) the two intended objectives are the formation of players with quality to integrate the main team, in first place, and the formation of men, in second place; c) the emphasis of the formation is put on the holistic development; d) the creation of the Sporting/Puma Academy, besides magnificent infrastructures, has leaded to a bigger accompaniment and support to all young formation; e) the success of SCP formation is considered a consequence of the conjoint functioning of some components that exist in the Academy. However, it seems to be given some emphasis to the quality already demonstrated by the young players when they are enlisted for the steps of SCP formation, and also to the mental preparation that they develop during all the Sporting/Puma Academy formation process.

KEY WORDS: FORMATION, SOCCER, ACADEMY, SPORTING, SUCCESS

Résumé

Depuis plusieurs années que Le Sporting Club du Portugal (SCP) est devenu reconnu comme l'un des clubs qui investissent le plus et le mieux dans la formation de joueurs de Football. Ce fait devient encore plus évident quand on fait une rétrospective du parcours de plusieurs joueurs de qualité internationalement reconnue et on vérifie que nombreux, tels que Paulo Futre, Luís Figo, Hugo Viana, Simão Sabrosa, Ricardo Quaresma, Cristiano Ronaldo, João Moutinho, Nani, Yannick Djaló et, plus récemment, Pereirinha, Miguel Veloso et Rui Patricio, ont passé par la formation de SCP. Récemment, ce succès a gagné encore plus visibilité avec la création de l'Académie Sporting/Puma.

Dans la présente étude, on prétend réfléchir à propos de l'importance de la bonne formation dans le Football, en illustrant des conceptions et des pratiques d'un club de référence. Face a ce qu'on a dit, on postule répondre aux objectifs suivants: (i) illustrer, à travers une révision de la littérature, l'importance que le processus de formation a dans la création des joueurs de succès dans le football actuel ; (ii) identifier et vérifier à partir de l'observation et de l'analyse du processus de formation de SCP, dans son Académie de Football, quels sont les variables qui guident son Modèle de Formation ; (iii) identifier les objectifs de la formation de SCP ; (iv) rechercher les avantages que l'espace Académie de SCP fournit à la formation des joueurs ; (v) enquêter l'importance que la formation sportive et personnelle a pour les responsables de la formation de SCP ; (vi) délimiter la perception des responsables concernant les facteurs clé qui conditionnent favorablement l'adaptation efficace des joueurs des étapes de formation du Sporting, dans le football de haut niveau.

Pour en trouver des réponses, outre une révision bibliographique, on a aussi réalisé des entrevues à dix intervenantes dans la formation de SCP - Académie Sporting/Puma. Le croisement des informations entre la révision bibliographique et les entrevues a permis d'enlever les conclusions suivantes: l') administration de SCP a comme principe prioritaire l'intégration de joueurs provenant des étapes de formation dans l'équipe professionnelle ; b) les deux objectifs prétendus sont la formation des joueurs avec qualité pour l'équipe principale, en premier, et la formation d'hommes en seconde place ; c) dans la formation, on met l'accent dans le développement holistique ; d) la création de l'Académie Sporting/Puma a produit des magnifiques infrastructures, mais aussi un plus grand accompagnement et aide en ce qui concerne toute la formation des jeunes ; et) le succès de la formation de SCP est considéré comme une conséquence de l'interaction des plusieurs composantes existantes dans l'Académie. Néanmoins, on accorde de l'importance à la qualité déjà démontrée par les jeunes joueurs quand ils sont enrôlés pour les étapes de formation de SCP, et aussi à la préparation mentale à laquelle les joueurs sont suomis pendant tout le processus de formation développé dans l'Académie Sporting/Puma.

MOTS CLÉ : FORMATION, FOOTBALL, ACADÉMIE, SPORTING, SUCCÈS

1. Introdução

Com a implementação da livre circulação de jogadores na Comunidade Europeia, aquando da instituição da Lei Bosman em 1995, a mentalidade dos clubes modificou-se. Segundo o Director Executivo da UEFA, Lars-Christer Olsson (2005), desde que a Lei Bosman foi instituída "*as transferências têm-se multiplicado e as quantias monetárias que circulam no mundo do futebol têm acentuado tal tendência, deixando os clubes quase sem identidade."*

O aparecimento desta lei fez com que o valor dos jogadores inflacionasse e as transferências atingissem valores astronómicos (Coelho, 2004). Gerou-se então uma diferença enorme entre os clubes mais e menos fortes, verificando-se uma natural vantagem dos clubes de maior poder económico na compra de jogadores.

Um dos clubes ilustrativos dos efeitos negativos desta lei foi o Ajax, que desde 1996, ano em que foi à final da Liga dos Campeões, nunca mais conseguiu atingir tal meta por ser incapaz de competir a nível financeiro com os clubes mais fortes da Europa (UEFAc, 2005).

No nosso país, essa diferença também foi sentida, na medida em que Portugal passou a ser um viveiro de jovens jogadores estrangeiros e baratos (Coelho, 2004), fechando as portas a vários jovens provenientes dos escalões de formação dos clubes.

No entanto, esse panorama tem vindo a mudar e o Futebol de Formação parece assumir nos dias de hoje cada vez mais importância, pois tem sido alvo de interesse crescente por parte de vários clubes (Franks et al., 1999).

No dia 21 de Abril de 2005 a UEFA, com o objectivo de fomentar o desenvolvimento da Formação e a redução do mercado de transferências exagerado que surgiu com a Lei Bosman, aprovou uma proposta "que obriga os clubes a criar metas de formação" (DN Desporto, 2005). Esta medida prevê que em 2008/2009 cada equipa possua nos seus quadros quatro jogadores formados pela própria academia do clube e outros quatro formados em clubes nacionais (UEFAe, 2005). A mesma entidade reafirmou toda a importância da Formação na conferência do Futebol de Formação realizada em 2006, onde referiu que o futebol de alto nível pode apenas desenvolver-se em comunhão

com um "cuidadoso" acompanhamento dos escalões jovens (UEFA, 2006), o que concede especial atenção às pessoas que orientam o processo de Formação.

No que diz respeito ao treinador, através de tudo aquilo que faz, educando e formando seres humanos, constitui um modelo para todos aqueles com quem trabalha no dia-a-dia (Pacheco, 2001) não podendo nunca ser uma pessoa sem sensibilidade para lidar com jovens. Nesta tarefa "*só o pedagogo pode satisfazer. Não basta a emotividade ou a boa vontade. Precisos são também o engenho e a especialização"* (Sérgio, 1974).

Em Portugal existe um clube que se destaca dos outros relativamente à formação de jogadores, o Sporting Clube de Portugal (SCP).

Desde há algum tempo a esta data que o S. C. P. é reconhecido como o clube português que mais e melhor investe na formação de jogadores e aquele que mais sucesso tem alcançado neste domínio. Este facto torna-se ainda mais evidente quando se procede a uma retrospectiva do percurso de vários jogadores de qualidade internacionalmente reconhecida e se verifica que muitos deles passaram pela formação do SCP Recentemente este sucesso ganhou ainda mais visibilidade com a criação da Academia Sporting/Puma.

Trata-se, pois, de um clube que mantém uma regularidade invejável na formação de jogadores com qualidade, ano após ano. Salientemos alguns exemplos de jogadores que, ao longo de várias gerações, ali se formaram e atingiram o mais alto patamar da performance futebolística: Paulo Futre, Luís Figo, Hugo Viana, Simão Sabrosa, Ricardo Quaresma, Cristiano Ronaldo, João Moutinho, Nani, Yannick Djaló e, mais recentemente, Pereirinha, Miguel Veloso e Rui Patrício.

Não nos referimos apenas à "natural" integração e adaptação destes jogadores ao plantel sénior do SCP, mas sobretudo à extraordinária adaptação que alguns daqueles jogadores têm conseguido noutras equipas, algumas de top mundial.

Para que se tenha uma ideia da grandiosidade existente na Formação do SCP, no último Mundial de Futebol estiveram presentes dez jogadores formados no SCP Apenas um clube conseguiu igualar este número, o Ajax de Amsterdão, também ele um clube com marcada tradição na formação de jogadores.

Ainda na esteira das actividades que convergem para o sucesso da formação do SCP destaca-se um projecto que teve início no ano passado, denominado “Escolas Academia Sporting/Puma”, o qual consiste numa rede de Escolas de Futebol espalhadas por todo país e visa captar mais jovens para o Clube e aumentar a respectiva capacidade de recrutamento no que refere a atletas mais jovens.

Se analisarmos bem todo este investimento do SCP na formação de jogadores, surgem algumas interrogações que parecem pertinentes, nomeadamente: De que forma se consegue alcançar este padrão de qualidade? Que tipo de trabalho é desenvolvido? Como e em que idades é levado a cabo?

No fundo, e tendo em conta a supremacia nacional e europeia do SCP ao nível da formação de jogadores, o que pretendemos com este trabalho de investigação prende-se com os seguintes objectivos:

Objectivos gerais:

- Ilustrar, através duma revisão da literatura, a importância que o processo de formação tem na criação de jogadores de sucesso no futebol actual;
- Identificar e verificar a partir da observação e análise do processo de formação do SCP, na sua Academia de Futebol, quais as variáveis que orientam o respectivo Modelo de Formação;

Objectivos específicos:

- Identificar os objectivos da formação do SCP;
- Indagar as vantagens que o espaço Academia do SCP proporciona à formação de jogadores;
- Averiguar a importância que a formação desportiva e pessoal tem para os responsáveis da formação do SCP;

- Demarcar a percepção dos responsáveis acerca dos factores-chave que condicionam favoravelmente a adaptação eficaz dos jogadores dos escalões de formação do Sporting, ao futebol de alto nível;

No intento de cumprir os objectivos delineados, recorreu-se a uma metodologia que consistiu numa revisão bibliográfica, através da qual se procurou enquadrar o tema e evidenciar o estado actual do conhecimento que o sustenta.

Posteriormente, foram efectuadas entrevistas abertas a intervenientes do processo de formação do SCP cujos campos de interesse se ligam com a problemática em questão.

Assim, o presente estudo está estruturado de acordo com os seguintes pontos:

1. O primeiro, a “introdução”, tem como objectivos: apresentar e justificar a pertinência do estudo, delimitar o problema e definir os objectivos;

2. O segundo ponto consiste numa revisão da literatura relacionada com o tema em apreço;

3. O terceiro ponto tem que ver com a descrição do material e da metodologia adoptada;

4. No quarto ponto, análise e discussão das entrevistas, estabelece-se uma relação entre a literatura e o que os entrevistados pronunciaram;

5. No quinto ponto, apresentar-se-ão as conclusões;

6. No sexto ponto, serão dadas as sugestões para a formação e futuros estudos;

7. No sétimo ponto, serão indexadas todas as referências bibliográficas mencionadas no texto dos pontos anteriores;

8. No oitavo ponto, serão anexadas todas as entrevistas efectuadas.

2. Revisão da Literatura

2.1. Formação: conceito e pesquisa

"Só deixando de lado a ignorância é possível promover a qualidade e a excelência, a inovação e a qualidade."
Bento (2006)

Apesar do conceito *"Formação"* ser alvo de várias reflexões, o seu significado é difícil de delimitar. De facto, a palavra *formação* não tem apenas um sentido, podendo ser aplicada em vários contextos e momentos da existência do ser humano.

Com efeito, tanto se pode encontrar a palavra formação[(1)] associada aos conhecimentos recebidos durante o percurso escolar, como à transmissão de valores acerca de determinado assunto.

Reconhece-se, assim, que a ideia base subjacente a esta palavra é a de algo que é, ou pretende ser, organizado, ordenado e com uma finalidade bem definida, no sentido da transformação positiva de comportamentos e atitudes do ser humano.

Por seu turno, o acto de "formar" é definido no Dicionário de Língua Portuguesa (2004) como a acção de dar origem a, fazer existir, conceber algo, organizar e/ou dispor numa dada ordem, transmitir valores a alguém ou educar.

No que concerne à transmissão e recepção de conhecimentos, a formação é, actualmente, essencial em qualquer actividade humana e social (Neves, 2003). O mesmo autor refere que os aspectos relacionados com a formação, nas mais diversas áreas, são fundamentais na criação de novas sociedades, pois os desafios que hoje se deparam são cada vez mais complexos.

Bento (2006) menciona dez elementos estruturantes do conceito de formação, não obstante, no que diz respeito à perspectiva pedagógica, faremos apenas referência àqueles que se afiguram mais pertinentes para o trabalho em questão.

[(1)] De uma maneira global, segundo o Dicionário de Língua Portuguesa (2004), **formação** é definida como: "disposição ou organização, grupo de pessoas com objectivos comuns, conjunto de conhecimentos adquiridos referentes a uma área ou exigidos para exercer uma dada actividade, transmissão de conhecimentos valores ou regras, conjunto de valores morais e intelectuais".

Em primeiro lugar, este autor discorre acerca da teoria de conotação antropológica elaborada por Humboldt, que tem como ponto de partida a seguinte questão lançada por este pensador: “Qual é o fim supremo do homem?” Ao que responde: “ O fim supremo do homem é formar-se, isto é, reforçar, elevar, espiritualizar e transcender a sua natureza animal e o seu aparato físico.”. Assim podemos concluir que o ser humano nasce para formar a sua identidade.

Em segundo lugar, a formação é referenciada segundo uma perspectiva histórico-social-cultural, em que a sociedade e sua cultura são uma base para potenciar a liberdade de acção, ou seja, é nesse confronto sócio-cultural constante ao longo da nossa vida que “as forças da pessoa se formam e desenvolvem.”. Neste sentido, o mesmo autor refere ainda que “o mundo se apresenta como o espaço histórico e cultural onde o homem constrói a sua identidade.”.

Outro dos elementos que é referido por Humboldt relaciona-se com o carácter dinâmico e sem possibilidade de conclusão que a formação possui. A formação tem obrigatoriamente que ser um “processo permanente e contínuo, com necessidade de um reajustamento constante.”. De facto não pode ser adquirida toda de uma só vez, mas sim através de um esforço diário de cada um.

Do exposto conclui-se que a criação e o desenvolvimento da sociedade estão, portanto, ligadas à criação de estratégias estabelecidas com base no saber, ou seja, trata-se de um investimento no futuro que pressupõe um investimento na inteligência, na educação e formação (Bento, 2004, p. 140).

2.2. Formação desportiva

> *"A aquisição de uma habilidade não depende, da instrução ou iniciação precoce, mas sim da sua aprendizagem no momento oportuno."*
>
> Tani (2007)

A prática desportiva é fundamental na formação do indivíduo, enquanto atleta e pessoa. Não obstante, não basta praticar desporto para que exista uma garantia de que o processo de formação desse indivíduo promova também o seu desenvolvimento (Mesquita, 1997).

Há vinte anos atrás assistiu-se a uma enorme controvérsia no que diz respeito à formação desportiva dos mais jovens, travando-se uma "batalha" entre dois tipos de formação: uma mais especializada (unilateral) e outra de carácter mais global (multilateral) (Barbanti e Guedes, 2004, pp. 208-211). Os mesmos autores referem que a formação mais especializada transforma o treino dos jovens numa prática repetitiva das habilidades específicas da modalidade em questão, descurando o desenvolvimento mais amplo das suas capacidades que seriam necessárias para posteriores rendimentos. Por outro lado, numa formação global o treino é mais diversificado, tentando ir ao encontro do estágio de desenvolvimento da criança e fazendo com que sejam desenvolvidas, para além de habilidades específicas de um determinado desporto, habilidades consideradas fundamentais para a coordenação geral.

Lima (1988) diz que a formação desportiva das crianças e jovens tem a responsabilidade de se opor à simples reprodução do desporto adulto, devendo caracterizar-se por um processo que contribua para a formação global dos mesmos, através de actividades físicas e desportivas que sejam favoráveis ao desenvolvimento das capacidades e qualidades físicas, como factor necessário à realização individual do ser humano.

Na mesma linha de pensamento, Constantino (2002) refere que o trabalho de formação desportiva não é somente uma tarefa centrada na aprendizagem das habilidades técnicas de uma modalidade, mas também no desenvolvimento das condições físico-desportivas que permitam ao jovem, na idade adulta, "a expressão máxima de rendimento no domínio dessas

técnicas.". No entanto, a vontade de ganhar faz com que variadíssimas vezes se utilizem formas de ensinar e treinar incorrectas, favorecendo a assimilação de "erros" técnico-tácticos que posteriormente custam muito a corrigir e que se vão reflectir na competição, onde se procuram objectivos imediatos (Pacheco, 2001).

Para contrariar esta tendência, é necessário compreender que a formação deverá anteceder a especialização, a qual, para ser bem sucedida no futuro, pressupõe a existência de "alicerces" adquiridos durante o período de formação do atleta (Mesquita, 1997). Estes "alicerces" devem ser criados o mais cedo possível, tendo como base a qualidade do processo de treino e da intervenção das pessoas que orientam a formação. Por outro lado, iniciar cedo a preparação desportiva não é necessariamente sinónimo de especialização precoce (Marques, 1991), "desde que sejam respeitadas as leis do treino e o processo de desenvolvimento do atleta." (Mesquita, 1997). "O facto de em todas as modalidades desportivas se iniciar a preparação desportiva cada vez mais cedo revela-se positivo, constituindo um processo permanente de vários anos, com objectivos claros e distintos para cada uma das fases do processo." (Marques, 1991).

Em suma, fica claro que a formação desportiva do jovem constitui um aspecto fundamental na globalidade da sua preparação desportiva, revelando-se muito importante a definição de objectivos em cada uma das etapas do processo de formação, para que o seu desenvolvimento ocorra assim de forma harmoniosa (Mesquita, 1997).

2.3. Formação de jogadores em Futebol

"O Futebol de Formação é a base e se não fizer parte de uma cultura enraizada, todo o Futebol vai sofrer com isso."

Lennart Johansson (2005)

2.3.1. A importância do "*Futebol de Rua"*

"Uma das coisas que mais me fascinam é pensar que o melhor jogador do mundo em 2014, estará, neste momento, descalço, a correr sobre terra e a passar fome num qualquer bairro de Buenos Aires ou Favela do Rio de Janeiro. Basta pensar nas origens de Maradona,Romário, Pelé ou Eusébio, no hipnótico contexto africano."

Lobo (2007)

Analisando esta citação de Luís Freitas Lobo, no sentido de reflectir acerca da formação de jogadores no futebol, parece-nos importante questionar onde jogaram Maradona, Romário, Pelé e Eusébio antes de ingressarem nos respectivos clubes?

Ramos (2003) realça que esse período que antecede a entrada dos jogadores nos clubes é essencialmente vivido na rua, local onde muitos dos jogadores iniciam a sua prática de forma completamente espontânea e sem nenhuma base teórica na orientação da sua aprendizagem. Na verdade, "se pensarmos na origem dos melhores jogadores do mundo, neles não existem grandes academias, campos relvados e botas fantásticas. Existem, isso sim, bairros de lata, baldios de terra revolta e pés descalços." (Lobo, 2007).

A prática do Futebol de Rua é efectuada em terrenos baldios e irregulares, com bolas de diferentes texturas e dimensões e sem a presença de qualquer treinador, através de pequenos jogos de 3x3, 4x4, consoante o número de participantes existentes, em espaços variados (largos ou compridos) e com dimensões reduzidas (Pacheco, 2001). Não obstante o mesmo autor defende que foi com o Futebol de Rua, e através de uma aprendizagem não organizada, que apareceram "muitos jogadores dotados de um grande virtuosismo técnico.".

De facto, esta realidade é comum a grandes estrelas actuais do Futebol Mundial, senão vejamos os exemplos que se seguem: Andriy Shevchenko, campeão europeu pelo A.C. Milão, jogou nas ruas de Kiev até aos seus 9 anos, antes de ter despontado para o futebol federado no F.C. Dynamo. Michael Owen, ex-jogador do Liverpool e da selecção inglesa, enquanto criança jogava futebol com o seu pai e irmão no parque da cidade todos os domingos de manhã. George Hagi, um dos maiores talentos romenos, jogou na rua com os seus amigos até aos 14 anos, sem no entanto pertencer a qualquer equipa federada até essa data (Roxbourgh, 2004).

Michels (2001) reforça a importância do *Futebol de Rua* quando escreve: "…o *Futebol de rua* é o sistema educacional mais natural que pode ser encontrado. Se analisarmos o *Futebol de Rua*, concluiremos que a sua força reside no facto de se jogar diariamente de uma forma competitiva, com uma preferência para se jogar em todos os tipos de terreno, fazendo-o normalmente em grupos pequenos. No *Futebol de Rua* raramente vimos os miúdos a praticar gestos técnicos ou tácticos de uma forma isolada*".*

No sentido de confirmar o que referimos anteriormente, passamos a citar alguns jogadores e treinadores reconhecidos internacionalmente:

> *"Foi sempre muito importante jogar com os meus amigos nas ruas. Estávamos sempre a aprender algo e jogávamos por puro prazer, para nos entretermos. Aprendi muito nesse período da minha vida e muito do que aprendi levo agora comigo para o futebol profissional"*
>
> João Moutinho (in BBC, 2007)

"Nunca fui de exigir muito. Só precisava mesmo era de uma bola e de autorização dos meus pais para andar na rua. Adorava jogar na rua, de preferência… descalço"!
Deco (in Alves 2003:15)

> *"Quando éramos crianças nem sequer brincávamos às guerras como muitos miúdos faziam. O Futebol e o cricket ocupavam todos os nossos tempos livres. Nas paredes desenhávamos a giz os postes e as barras das nossas balizas, e não havia um único carro nas ruas que incomodasse as nossas partidas. As crianças de hoje perdem muito por não poderem jogar à bola nas ruas."*
>
> Bobby Robson (2006:20)

*"Acho que a minha geração estava cheia de jogadores de rua,
pois o Futebol não organizado, ou seja, fora dos clubes era ultra-importante.
A gente ia todo o dia para um "campinho" ou um relvado, ou aonde quer que
fosse,só para passar o tempo – com Futebol. Acho que é ao Futebol de
rua que eu devo o meu talento e, afinal de contas, a minha carreira profissional"*
Klinsmann (2006)

> *"Os meus primeiros jogos tiveram lugar no prestigiado estádio da rua Rubens Arredo: «balizas» feitas com sapatos velhos, em cada uma das extremidades – uma onde a rua terminasse num "beco" sem saída e a outra onde se cruzava com a rua Sete de Setembro; as linhas laterais eram mais ou menos onde as casas começavam de cada lado. Mas para mim era como se fosse o Maracaná, e foi o local onde comecei a desenvolver as minhas aptidões."*
>
> Pelé (2006:36,37)

*"Jogávamos sempre à volta da minha casa, em "Las Siete Canchitas".
Era um descampado enorme com vários campos. Uns tinham balizas
e outros não. "Las Siete Canchitas" era como um desses centros
desportivos com relva sintética e tudo! Não tinha relva nem sintéticos,
mas era para nós uma maravilha. Era de terra, de terra bem pura.
Quando começávamos a correr, levantava-se tanto pó que parecia
que estávamos a jogar em Wembley e com neblina."*
Diego Maradona (2001: 18)

Apelidado por Pereira (2007) e Lobo (2007) como "Universidade de Craques", o Futebol de Rua tem vindo a desaparecer nos últimos anos.

Tal como refere Garganta (2006), actualmente, resultado do desenvolvimento das cidades, da diminuição dos espaços e do tempo disponíveis, é difícil encontrar espaços nos quais se possa jogar livremente, verificando-se uma tendência crescente para a diminuição da prática do Futebol de Rua.

Pacheco (s/d) alerta também para essa realidade quando refere que hoje em dia os jovens já não jogam Futebol na rua, ou por falta de espaços apropriados, devido ao desenfreado desenvolvimento das cidades, ou por não poderem jogar futebol nas escolas, pois quando os professores faltam os alunos são encaminhados para as salas de aula, para as denominadas "aulas de substituição.".

No seguimento desta ideia, Roxbourgh (2005) salienta que os jovens de antigamente praticavam livremente futebol no anonimato das ruas, enquanto actualmente os jovens têm o seu tempo todo organizado e são "vítimas" de uma oferta enormíssima de variedade tecnológica (computador, consola, Tv, etc) que os retira automaticamente das ruas.

Cruyff (2004) partilha da mesma opinião e refere como exemplo a sua experiência pessoal: “A minha geração passava muitas mais horas a jogar futebol do que os miúdos de hoje em dia. Actualmente, os jovens só jogam futebol nos seus clubes e, por isso, há que dar muito mais ênfase ao trabalho de base.”.

Pedro Almeida, Psicólogo do Desporto com formação em Futebol, em entrevista à *notícias magazine* refere que o que mudou entre as velhas e as novas gerações foram acima de tudo “os estímulos – pois hoje há mais e diferentes - e os espaços – no passado as crianças brincavam sobretudo na rua com a bola e o pião.”. Hoje, nos espaços urbanos, não é seguro brincar na rua e as novas tecnologias invadiram o quotidiano da vida das famílias e das crianças, alterando, dessa forma, os seus comportamentos. No entanto, o mesmo autor acrescenta que, actualmente, os rapazes continuam a gostar de jogar à bola e por isso “as Escolas de Futebol facilmente conquistaram o seu espaço.”.

Depreendemos então que o futuro do Futebol deve passar invariavelmente pelas Escolas de Futebol e/ou Academias de Futebol, “acreditando-se que estas podem estreitar a relação das crianças com o jogo, tal como acontecia há alguns anos atrás com o Futebol de Rua.” (Fonseca, 2006).

No entanto não se pode esquecer que a passagem para o futebol organizado se torna muitas vezes num entrave à evolução natural dos jovens, pois características como a espontaneidade, a independência e a criatividade não entram nos vocabulários de muitos treinadores. “Frases como «não levanta a bola!» ou «joga a um-dois toques!», não fazem sentido num processo de formação que se quer, no início, puramente selvagem e experimental.” (Lobo, 2007). Jogar livremente deve, pois, fazer parte do processo de desenvolvimento de qualquer jovem (Roxbourgh, 2005).

Neste sentido, concordamos com Lobo (2007) quando este refere que as Academias ou Escolinhas de Futebol devem procurar isso mesmo, “reproduzir em laboratório o Futebol de Rua (…) e cruzá-lo, depois, com melhores condições de lapidar o talento, a nível físico (nutrição, coordenação corporal, etc). Tudo porém sem beliscar os instintos naturais dos jovens.”.

2.3.2. Um meio de desenvolvimento e de garantia do Futebol no futuro

"Nunca devemos esquecer que as grandes estrelas também já foram jovens futebolistas"
Andy Roxburgh (2006)

"Falar de futebol juvenil é fundamentalmente falar do futebol de amanhã"
Carlos Queiroz (1989)

Decorria o ano de 2004 quando no Fórum de Clubes Europeus todos os presentes concordaram que o fomento global do futebol de formação é fundamental tanto para o desenvolvimento dos jogadores, como para salvaguardar o futuro do futebol (Roseiro, 2004, p.19).

O presidente da UEFA, Lennart Johansson, e o Director-Executivo, Lars-Christer Olsson, referiram também, em Março de 2006, na Conferência do Futebol de Formação da UEFA subordinada ao tema - Futebol Presente e Futuro, que o futebol de formação é uma área-chave para a UEFA e para as suas federações nacionais, sendo que o programa da UEFA para o Futebol de Formação visa auxiliar as federações a aumentar o número de jogadores nos escalões jovens. Para alcançar estes objectivos a UEFA oferece assistência ao desenvolvimento das infra-estruturas do futebol juvenil e à formação de treinadores.

Como se pode então constatar, a temática relacionada com a Formação no Futebol está sem sombra de dúvidas em voga e parece ser hoje em dia uma aposta séria em grande parte dos clubes. Franks et al. (1999) confirmam isso mesmo quando referem que "há cada vez mais preocupação e empenho no desenvolvimento de jovens jogadores.".

No entanto, e partindo do princípio que o objectivo principal da Formação no Futebol, em todos os clubes, deve prende-se com o facto de se conseguir uma integração harmoniosa dos jovens jogadores na equipa principal do clube, "não é rentável os clubes contemplarem escalões de formação na sua organização e depois não apostarem nos jogadores por eles formados, sendo o aproveitamento do trabalho realizado a esse nível praticamente nulo." (Leal & Quinta, 2001).

O futebol, os treinadores e os jogadores evoluem, mas existe um grande entrave a essa evolução que são os clubes, porque fazem as coisas estagnar, uma vez que não possuem uma identidade, uma filosofia (Antão, 2006).

Sabendo que a formação do jogador tem em vista atingir o alto rendimento (principalmente integrando a equipa sénior), não nos parece possível isso acontecer se não existir uma racionalização de todo o processo, bem como se esse processo não tiver como referência a equipa sénior (Leal & Quinta, 2001).

Hoje em dia é então fundamental que se compreenda de uma forma clara que "o Futebol de Formação é uma escola de jogadores de Futebol. Assim como a escola tradicional pretende dar uma formação cultural e académica aos cidadãos para que mais tarde possam vir a ser integrados na vida activa, a escola de futebol pretende dar uma formação adequada aos jovens futebolistas, para que mais tarde possam vir a integrar as suas equipas seniores." (Pacheco, 2001).

Desta forma, para que a formação de jogadores tenha uma coerência lógica torna-se importante, acima de tudo, que todo esse processo seja balizado por objectivos bem definidos que sirvam de modelo para todas as equipas do clube. É preciso transformar a formação de jogadores "num processo ajustado e com objectivos adequados às diferentes fases do desenvolvimento do jovem jogador" (Leal & Quinta, 2001).

2.3.3. Uma solução de viabilidade económica nos clubes de futebol

> *"Sou acérrimo defensor da formação e o meu trabalho sempre foi conduzido nessa base (…). O futebol tem de assumir a sua autonomia numa altura em que está a asfixiar em termos financeiros. Esta pode ser a solução, até para devolver o carácter populista ao próprio jogo."*
> Nelo Vingada (2004)

Com a implementação da livre circulação de jogadores na Comunidade Europeia, aquando da instituição da Lei Bosman em 1995, a realidade futebolística alterou-se por completo.

No dia 15 de Outubro de 2004, no Jornal de Negócios, o jornalista Sobral (2004) refere, num artigo intitulado “A classe média do futebol”, que “num topo estão cada vez mais os grandes clubes e os jogadores «galácticos» e, no outro canto, aqueles que só procuram sobreviver. A importação de mão-de-obra futebolística foi arrasando as «escolas» dos clubes e com isso as hipóteses de jogadores que não são génios singrarem nos clubes, como antigamente.”.

Constantino (2002) é da mesma opinião que o jornalista citado anteriormente, afirmando que “a livre circulação dos praticantes num mercado aberto introduziu uma dinâmica em que a lógica dos países economicamente mais fortes prevalece sobre os mais fracos, criando uma situação onde tendencialmente os melhores praticantes se concentram nos mercados com maior poder aquisitivo.”.

Recentemente, Soares Franco (2007), Presidente do SCP citado pela agência Lusa, referiu que a transferência de Nani para o Manchester United “mostra o poder económico que existe nos outros países, que podem vir cá pagar todas as cláusulas de rescisão que os clubes portugueses fixam.”. Acrescentou ainda que “o seu cavalo-de-batalha tem sido tentar explicar o difícil que é a uma equipa portuguesa ser competitiva a nível europeu, apostando na formação para o conseguir”, face a esta supremacia financeira dos colossos europeus.

Apesar do panorama desfavorável, todos os esforços estão a ser feitos para que este cenário de crise económica nos clubes europeus seja alterado. No dia 21 de Abril de 2005 a UEFA aprovou uma proposta “que obriga os clubes a criar metas de formação.” (DN Desporto, 2005). Esta medida prevê que em 2008/2009 cada equipa possua nos seus quadros quatro jogadores formados pela própria academia do clube e outros quatro formados em clubes nacionais (UEFAe, 2005), e tem como objectivo o desenvolvimento da Formação e a redução do mercado de transferências exagerado que surgiu com a Lei Bosman (DN Desporto, 2005).

Esta aposta séria e organizada na formação de jovens jogadores por parte dos clubes de futebol pode representar um aspecto decisivo para o sucesso dos mesmos não só no plano desportivo, mas também no plano financeiro, pois, tendo em conta a possibilidade de se poderem vir a tornar

futuros jogadores do plantel sénior, isso resultará numa poupança ao nível financeiro por parte do clube, que não precisará de contratar jogadores a outros clubes. Por outro lado, a venda futura destes jogadores poderá proporcionar ganhos financeiros para o clube.

Constata-se, então, que a conjuntura actual da formação no futebol leva-nos a pensar muito além do desenvolvimento desportivo dos clubes. A formação desportiva deixou de ser apenas um processo que tinha como objectivo assegurar a qualidade desportiva dos clubes, para ser também um meio ideal para optimizar os recursos humanos (Constantino, 2002)

Oliveira (2001, p.12) é da mesma opinião quando refere que a aposta na formação é uma das grandes soluções para resolver os problemas económicos dos clubes. Para esse efeito, o autor sugere a criação de estruturas, a alteração de conceitos e metodologias, de forma a que "o número de jovens com talento seja maior do que o da realidade actual.".

Veja-se então o que dizem alguns dirigentes e treinadores acerca deste assunto. Carraça (2003, p.82) refere que é necessário perceber que neste momento os jovens jogadores de um clube são activos e têm um grande potencial de rentabilização futura.

João Cardoso, coordenador geral do departamento de formação do S. C. Braga vai ao encontro da opinião de Carraça, quando, em entrevista à *revista Futebolista (2008),* afirma que "a venda de 1 a 2 jogadores por ano, que tenham sido formados na escola, permitirão subsidiar a futura academia durante várias épocas. A continuidade das vendas de jogadores irá justificar o investimento realizado nesta importante infra-estrutura, durante décadas.".

Também Camacho (in Alves, 2004, p.84) partilha da mesma visão, mencionando que "o lançamento de jovens futebolistas está muitas vezes relacionado com os condicionalismos económicos de cada clube. Equipas que não têm grande capacidade financeira a nível internacional têm nos jogadores formados nas suas escolas a oportunidade de reforçarem os seus planteis e de, ocasionalmente, venderem jogadores, o que lhes podem trazer importantes contrapartidas financeiras.".

Numa entrevista realizada pelo *Jornal Público* em 1993, Co-Adriaanse refere que "antigamente, no Ajax, quando as equipas estrangeiras vinham buscar os nossos jogadores, pagavam muito pouco (…), no entanto estamos a

mudar essa realidade e agora quando compram os nossos jogadores, têm que pagar um preço justo.". Acrescenta ainda que "as transferências de Bergkamp e Jonk renderam ao clube 12,5 milhões de euros, que serão investidos totalmente na formação.".

O Fulham F.C. é também um bom exemplo de como a Academia do clube se pode transformar numa fonte de recursos financeiros bastante preciosa (Stratton, Reilly, Williams, & Richardson, 2004). Os responsáveis deste clube acreditam que a sua Academia tem o potencial de poupar milhões de libras devido ao facto de reduzir (teoricamente) as suas transferências de jogadores.

Em suma, fica bem claro que é realmente imperativo, os clubes apostarem na formação para que assim rentabilizem melhor os seus recursos humanos e financeiros e, ao mesmo tempo, se mantenham competitivos.

2.3.4. Academia de Futebol: uma escola dentro do clube

"Não se trata apenas de treinar. É mais que isso:
é educar, é acompanhar o crescimento e maturação,
é sentir os problemas dos atletas, é participar, é viver
e acompanhar a escola, o namoro ou a discoteca."
Leal & Quinta (2001)

"Estou na Academia desde que foi construída
e posso dizer que é uma Escola de Homens"
Adrien Silva (2008)

A formação da pessoa acontece sempre em determinados espaços ou locais e no caso concreto do Futebol, o clube desportivo é um dos locais clássicos onde a formação acontece, pelo que importa entendê-lo quanto antes como "entidade cultural insubstituível no papel de agregador das diferenças, como local de cultivo de valores humanos e sociais, educativa e pedagogicamente relevantes." (Bento, Graça, & Garcia, 1999).

De acordo com este entendimento, emerge actualmente um novo conceito nos clubes de futebol espalhados pelo mundo fora: a Academia de Futebol.

A palavra Academia, segundo o *website* Wikipédia, é o nome dado a várias instituições vocacionadas para o ensino e promoção de actividades artísticas, literárias, científicas e físicas, sobretudo universidades.

Actualmente, as Academias de Futebol fazem já parte da realidade de muitos clubes de top europeu e mundial tais como o Ajax FC, Manchester United FC, Sporting CP, Fulham FC, AC Bilbao, FC Barcelona, Manchester City FC.

De seguida, tentar-se-á mostrar quais são os principais objectivos e finalidades de muitas destas academias, partindo do pressuposto que a formação do indivíduo deve ser um processo pensado a longo prazo e de forma integral (Mesquita, 1997). Neste contexto, gostaríamos, em primeiro lugar, de realçar a ideia base lançada por Pedro Mil-Homens e Lee Kershaw, respectivamente os responsáveis da Academia de Futebol do Sporting C.P. e Manchester United F.C., no 5.º Congresso Mundial de Ciência e Futebol, realizado em 2003: *"Uma Academia não serve só para descobrir talentos, precisa de ser essencialmente uma preparação para a vida.".*

2.3.4.1. Da formação futebolística à formação holística

"Desporto e pedagogia se os juntassem
como irmãos,esse conjunto daria verdadeiros
cidadãos! Assim, sem darem as mãos,
o que um faz, outro atrofia"
António Aleixo (1979)

"O corpo contém, tanto como o cérebro, a história da vida."
Edna O´brien (2007)

O que actualmente é reconhecido como essencial na formação dos jovens – o desporto como um modelo de educação e formação – foi, no século passado, vítima de uma séria resistência por parte de muitos pedagogos (Marques, 2004), pois era entendido como uma forma de degeneração da "moral" formativa. Felizmente, as razões dessa crítica transformam-se aos poucos em razões de defesa (Constantino, 2007).

Na formação desportiva, o cuidado e a atenção atribuídos à formação ética são na generalidade muito reduzidos. A sociedade aponta, como referência quase exclusiva, para modelos de sucesso com resultados práticos imediatos, relegando para segundo plano outras questões menos palpáveis de carácter moral, social, etc…(Ramos, 2006). No entanto, os valores do desporto não se situam no plano de um "corpo motor", mas sim, de um "corpo" que, ao realizar determinados movimentos, suscita o aparecimento de atitudes e condutas que reivindicam uma certa dimensão cultural, com consequências no plano educativo e formativo (Ramos, 2006).

Segundo Pacheco (2001), a formação desportiva deve ser encarada como "um processo globalizante, que visa não só, o desenvolvimento das capacidades específicas (físicas, táctico-técnicas e psíquicas) do futebol, como também, a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde e a aquisição de um conjunto de valores tais como a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação, contribuindo desta forma para uma formação integral dos jovens.".

Lee Kershaw refere que "muitos dos jovens que passam pela nossa escola nunca irão jogar no Manchester United. A grande parte deles não irá, de certeza. Não tenho números certos, mas provavelmente só 10 a 15 por cento dos nossos miúdos chegam ao plantel do Manchester. Por isso, temos que os obrigar a seguirem os estudos, porque o mais importante é que tenham sucesso na vida.". Enquanto os potenciais talentos de uma academia sonham em ser estrelas de futebol do futuro, é-lhes muito fácil descurar os estudos. Desta forma a Academia tem a responsabilidade de enfatizar não só o seu desenvolvimento futebolístico, mas também a sua formação académica (Stratton et al., 2004).

Também a Academia do Manchester City FC foi estabelecida com o intuito de preparar o futuro dos jovens do clube e de lhes dar a possibilidade de progredirem tanto a nível futebolístico como a nível pessoal (Manchester City Football Club, 2008). No site deste clube pode ler-se ainda o seguinte: "a nossa meta é ver cada vez mais jogadores da formação a transitarem para a equipa principal e também ajudarmos outros jogadores a estabelecerem-se com sucesso noutras equipas." (Manchester City Football Club, 2008).

Através destas ideias percebe-se então, que uma Academia de Futebol é um local onde, para além do desenvolvimento desportivo, existe também um

grande apoio e desenvolvimento no que diz respeito à parte académica e formação individual. De acordo com este entendimento, concordamos com Pedro Mil-Homens quando, no Congresso de Desporto em Janeiro de 2005, referiu que uma Academia de Futebol "é uma Escola dentro de um Clube.". Na opinião do autor a missão da Academia de Futebol do Sporting CP é formar jogadores aptos a integrar a equipa A e simultaneamente, promover o desenvolvimento pessoal e social dos jovens pertencentes aos escalões de formação. Da mesma forma, na Academia do FC Barcelona – La Masia, o objectivo é acolher todos os jovens jogadores que vivem longe das suas famílias (espanhóis ou estrangeiros) e desenvolvê-los tanto no sentido desportivo, como no sentido académico. No vigésimo aniversário da Academia e realizou-se uma retrospectiva do seu percurso, e obtiveram-se feedbacks bastante favoráveis, pois chegou-se à conclusão de que grandes nomes como Amor, Guardiola, Sergi, De la Peña, Puyol, Xavi, Reina, Víctor Valdés, Gabri ou Messi viveram e cresceram em La Masia e transitaram com sucesso para a equipa profissional (Fc Barcelona, 2003).

Na Academia de Futebol do Fulham FC os objectivos traçados passam por realizar um desenvolvimento técnico, académico, pessoal e social de cada indivíduo. A educação de todos os seus jovens jogadores é uma responsabilidade do próprio clube e é feita através de uma abordagem holística, em que o desenvolvimento do "todo" (do indivíduo) é tido em consideração e não é comprometido pelo maior ênfase dado ao desenvolvimento da técnica (Fulham Football Club, 2003).

No seguimento desta ideia, parece também importante referir as preocupações que o SCP tem no que concerne às relações com os pais e às avaliações específicas que fazem aos seus jovens. Segundo Mil-Homens (2003), trata-se de um percurso "acompanhado" em que os pais têm uma palavra importante a dizer. "O problema é quando são os próprios pais a incentivarem-nos a tirar os miúdos da escola, porque o que querem é ver o filho num clube de futebol. Por vezes, esquecem-se de precaver o futuro e de pensar que se o filho parte uma perna, perde o futebol e pode perder-se para a vida.". Esse acompanhamento realizado no SCP tem também que ver com as avaliações periódicas realizadas aos seus jovens jogadores no Natal, na

Páscoa e no final da época. “Procuramos informações sobre o que devem melhorar e qual tem sido a evolução deles” refere ainda.

Em suma, hoje em dia os jovens que integram uma Academia de Futebol estão expostos a um riquíssimo currículo que lhes proporciona uma variada formação. Este currículo consiste sobretudo em considerações relacionadas com o desenvolvimento das seguintes “categorias”: técnicas, tácticas, físicas, sociais, comportamentais, psicológicas, nutricionais, educacionais e de qualidade de vida (Stratton et al., 2004).

A figura seguinte (fig.1) representa um potencial currículo padrão disponibilizado nas Academias. No entanto, é importante referir que este currículo poderá ter algumas variantes consoante os objectivos, valores, aspirações e finanças de cada clube (Stratton et al., 2004).

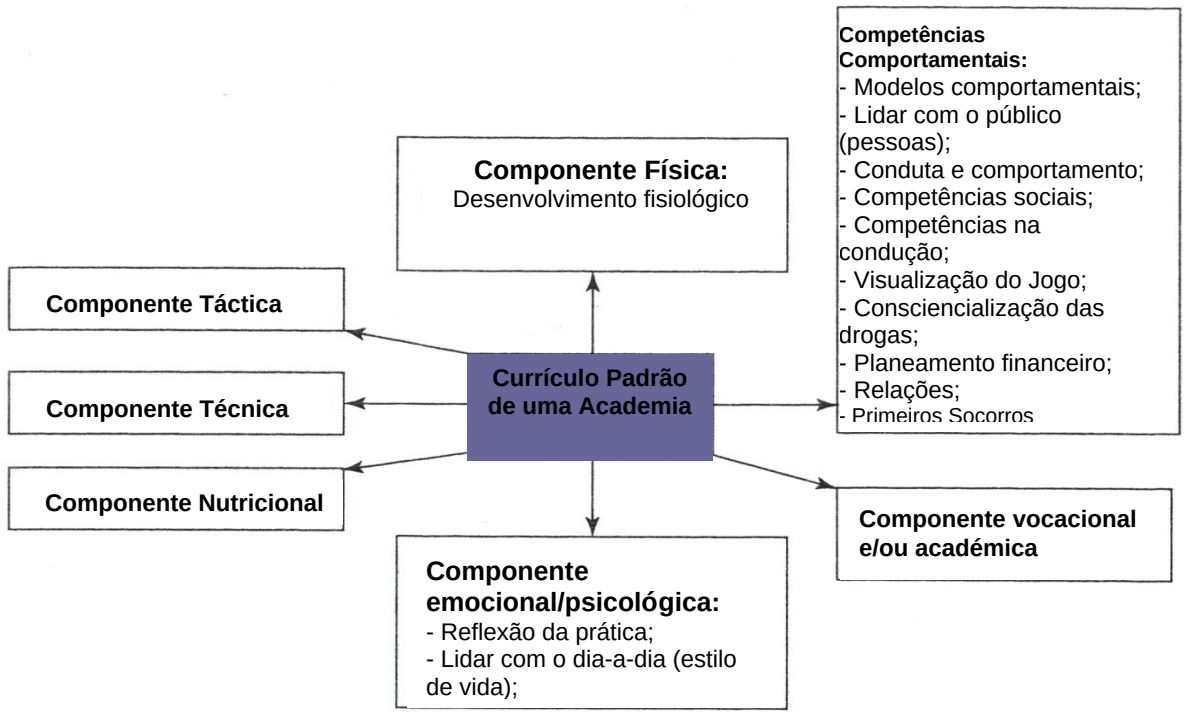

Fig. 1 – Currículo Padrão de uma Academia de Futebol (Adaptado de Stratton, 2004)

Componentes táctico-técnicas

O desenvolvimento técnico de um jogador é fundamental para alcançar performances elevadas no futuro e recentemente está a ser dado cada vez mais ênfase a esse desenvolvimento. Por isso, nas Academias começam a existir treinadores que trabalham essa capacidade em idades mais baixas (Stratton et al., 2004).

Para além disso, existem já clubes que adoptam uma filosofia de jogo igual para todas as equipas da Academia e por vezes para todo o clube (ex: Sistema de 4-3-3 do Ajax), no entanto isto nem sempre acontece, muito devido à forma de gerir o clube por parte dos seus responsáveis máximos. De uma maneira ou de outra os jovens jogadores pertencentes a uma Academia recebem cada vez mais cedo ensinamentos relativamente à consciência táctica (posicionamento em campo, sistemas de jogo) e à medida que avançam de escalão a ênfase na consciência táctica aumenta gradualmente tentando conciliar a evolução das performances, individual e colectiva (Stratton et al., 2004).

Componente nutricional

Em primeiro lugar é necessário que os jovens jogadores entendam que para terem boas performances, necessitam também de realizar uma alimentação equilibrada e apropriada.

Algumas Academias já educam os seus jovens jogadores e ainda mais importante, os seus pais, relativamente aos alimentos que devem ingerir. O volume de treinos e jogos a que os jovens de uma Academia estão sujeitos faz com que necessitem de se alimentar de forma regrada para assim, aumentarem a sua performance (Stratton et al., 2004).

Componente física

A componente física existente numa Academia tem que ver, regra geral, com o desenvolvimento e optimização fisiológica dos jovens jogadores,

incluindo o desenvolvimento da flexibilidade, força, potência, velocidade (Stratton et al., 2004).

Normalmente os testes realizados (ex: $VO_{2máx}$, testes aeróbios, anaeróbios e testes de agilidade), são rigorosos e realizados em todos os jovens da Academia de forma a transmitirem informação acerca da capacidade física de cada jovem em vários aspectos e dessa forma realizar planos individualizados de melhoria ou reabilitação da performance (Stratton et al., 2004).

Componente psicológica

Aos poucos, os clubes começam a reconhecer a importância do desenvolvimento psicológico e emocional em jovens jogadores. Sabe-se que o desenvolvimento desta capacidade está muito relacionado com a ênfase dada à reflexão e consolidação pelo jovem e por isso, os jovens são encorajados a ser mais responsáveis com o seu próprio desenvolvimento (Stratton et al., 2004).

Numa formação recente jovens jogadores foram encorajados a reflectir no seu desenvolvimento, nas suas habilidades, na sua técnica e consequentemente na sua performance (Premier League Learning, 2003). Kees Zwamborn (AjaxUSA, 2001) refere que no entanto, o lado psicológico e emocional é o mais complexo no desenvolvimento do jovem jogador: *"A personalidade é um problema. Para além de ser difícil de descrever, é também de difícil desenvolvimento.".*

Devido à complexidade existente no desenvolvimento da capacidade emocional e psicológica, é necessário então, dar-lhes mais atenção. Desta feita, elementos como o estabelecimento e ajuste de objectivos, bem como o ordenamento da performance, estão cada vez mais presentes nas Academias (Stratton et al., 2004).

Componente académica

Tradicionalmente e durante muitos anos, esta componente do desenvolvimento de um jogador de futebol foi considerada irrelevante. No entanto a crescente informação dos benefícios de produzir jovens mais completos e com várias competências por parte da maioria dos clubes, assegurou que a educação tem que fazer parte de todo o processo de desenvolvimento dos jovens existente numa Academia. O suporte educacional é muitas vezes fornecido pela Academia, mas só quando o jovem jogador assinar um contracto a tempo inteiro com a Academia. Até esse momento a responsabilidade educacional é predominante do próprio jogador, dos pais e da escola (Stratton et al., 2004).

Competências comportamentais

Juntando ao programa educacional, os jogadores da Academia deviam estar também sujeitos a um conjunto de competências e habilidades comportamentais do dia-a-dia. Nesse sentido, quem fica responsável por instruir os jovens são normalmente psicólogos do desporto. Estes programas proporcionam aos jogadores uma diversidade de competências (sociais e comportamentais) que podem ambas ser utilizadas dentro ou fora da Academia e/ou clube (Stratton et al., 2004).

Em suma e analisando o anteriormente enunciado neste capítulo apercebemo-nos das preocupações existentes por parte dos clubes em formar jogadores cada vez mais completos, através de um processo mais holístico. Desta feita, e sabendo que actualmente o desenvolvimento de jovens jogadores de elite através da Academia e para a equipa principal, são os objectivos de qualquer Academia de Futebol, parece-nos estarem a trilhar o caminho mais correcto rumo a esses objectivos.

2.3.4.2. Um processo a longo prazo

"A cultura do impacto mede com
muito mais generosidade o episódio
isolado que o trabalho contínuo"
Jorge Valdano (2008)

"Abranda a velocidade com que vives
Arranja tempo para brincares com as tuas crianças
Observa-as a crescer e regista todos os pormenores
Aprecia cada momento e nunca desejes pelo futuro"
Darrel Erickson (2004)

A formação desportiva dos atletas é um processo a longo prazo e, como tal, deve ser estruturada e organizada segundo um conjunto de pressupostos e princípios (Raposo, 2006); no entanto, vemos muita gente não saber distinguir as várias competições e os objectivos associados, afirmando, por exemplo, que o grande objectivo de um qualquer programa de formação desportiva é o de formar campeões. Ora "esta pressa em obter tudo, de uma só vez, sem perspectiva de percurso, sem semear, é muito própria dos nossos dias" (Ramos, 2006) e deve ser encarada com cuidado.

Queimar etapas, antecipando alguns conteúdos de preparação, é condenar a evolução do atleta, impedindo-o de manter uma margem de progressão ao longo dos anos (Raposo, 2006) .

Stratton, Reilly, Williams & Richardson (2004) referem que a grande missão de uma Academia de Futebol é criar um ambiente que privilegie o desenvolvimento de jogadores de elite que se possam integrar na equipa principal do clube. Ora, para que isso aconteça é necessário dar tempo ao tempo, pois qualquer processo de formação não pode ter como preocupação primária a obtenção de resultados imediatos. A aprendizagem não deve ser balizada por imperativos de rendimento imediato, sob pena de se estar a comprometer a evolução futura do jovem praticante (Mesquita, 1997). A formação desportiva deve, pois, realizar-se dando passos e não correndo, construindo e construindo-se, num espaço mental que acreditamos ser indiscutivelmente educativo (Ramos, 2006).

Mil-Homens (2003) reforça esta ideia afirmando que, "Uma Academia como a nossa faz um trabalho de longo prazo. É uma construção, um percurso

que se faz passo a passo. Temos a obrigação de cuidar do futuro dos jovens que passam pela nossa casa.".

Na famosa Academia de Formação do Ajax, o objectivo é formar jovens talentos transformando-os em jogadores de top mundial, tendo sempre em conta que este é um processo bastante árduo e prolongado.

Segundo estes testemunhos a formação do jogador é considerada um processo a longo prazo e temos que concordar com Garganta (1986) quando este refere que um atleta passa por várias etapas antes de alcançar os mais elevados níveis de desempenho desportivo, sendo que, para que isso aconteça, é imperativo racionalizar e organizar esse percurso desde o início da formação até aos mais altos níveis de desempenho.

A formação de jovens jogadores de futebol deve então ser assumida pelos clubes, mas sem pretensões de realizar um processo instantâneo e repentino. O processo de formação deve ser algo pensado e realizado "à la longue", para que, assim se formem jogadores maduros e preparados para o futebol de alto nível.

2.3.5. A importância dos resultados desportivos na formação de jogadores

"É necessário encontrar um equilíbrio entre a ideia de que na formação não interessa ganhar, mas sim competir; e a atitude de fazer depender a formação dos jogadores dos resultados desportivos imediatos"
Pacheco (2001)

"*Sem a competição sempre presente no nosso dia-a-dia, onde iríamos buscar o apelo constante à superação e à necessidade de atingirmos a excelência"*
Jorge Araújo (2001)

Ouve-se muitas vezes dizer em vários contextos desportivos frases como «*perder ou ganhar é desporto», «o que interessa é participar».* Mas será que as vitórias não são importantes no processo de formação de um jogador?

Como se verificou no capítulo anterior, a formação do jovem jogador requer tempo e paciência, sem pretensões de resultados imediatos. Pacheco

(2001), é desta opinião quando refere que em idades mais baixas aquilo que deve ser o objectivo principal no processo de ensino é a formação adequada do jogador, no entanto o mesmo autor, faz um à parte, afirmando que "não é apologista daquela famosa frase em que se diz que «o importante é participar, não é ganhar». Na opinião de Araújo (2001) ter sucesso é muito importante. Na opinião deste mesmo autor "buscar o sucesso significa dar o nosso melhor, tentar ser excelente quanto possível", sem que para isso se tente obter sucesso a todo custo, como é óbvio. Ou seja, não vale tudo para se obter sucesso. Ainda Araújo (2001) acrescenta que o lado oposto também não deve ser aceite, isto é, *"que não importa ter sucesso, que ganhar ou perder é a mesma coisa"* porque se assim fosse, então para quê competirmos?"*.*

Almeida (2005) refere que *"se as crianças competirem só para ganhar, então está tudo mal pois significa que a criança é vítima de pressões negativas por parte do clube, dos treinadores e dos pais, o que cria sempre problemas.".*

Neste seguimento de ideias Araújo (2001) afirma a existência de um equilíbrio: *"O de sermos capazes de valorizar a participação na competição fazendo ressaltar acima de tudo o esforço que desenvolvemos todos os dias no sentido de alcançarmos o sucesso que almejamos.".*

Em suma, conclui-se então que o sucesso e o insucesso são duas faces da mesma moeda, representada pelos resultados desportivos, e que estes fazem parte do processo de formação de um jogador, tal como outro aspecto qualquer. Portanto, não devemos entender esses resultados como um fim em si, mas sim, como um meio para atingir um fim, sendo este fim a formação do jogador.

2.3.6. O perfil do treinador na formação de jogadores

"Num trabalho de Formação Desportiva só o pedagogo pode satisfazer. Não basta a emotividade ou a boa vontade. Precisos são também o engenho e a especialização."

Sérgio, M. (1974)

(…) formar jogadores vai para além do ensino dos elementos técnico-tácticos do jogo. Importa aprender,através do futebol, a ler e entender o mundo e a exercer a cidadania. O que exige mestres da educação e do saber e não misters da ignorância e da rotina."

Bento (2004a)

Como já foi referido anteriormente, a formação de jogadores deve tratar-se de um processo a longo prazo em que sejam desenvolvidas, simultaneamente as capacidades motoras e as capacidades intelectuais. Assim, e partindo do pressuposto que as crianças têm especificidades próprias e que o seu treino em futebol não pode ser igual ao de um adulto, questionamo-nos sobre a formação dos treinadores. Será que a maioria dos treinadores tem formação para trabalhar com os escalões jovens de forma a não comprometer o seu crescimento?

Pereira (1996) e Almeida (2005) dizem que há ainda muitos treinadores sem habilitações técnicas e pedagógicas para trabalhar no futebol juvenil, o que pode comprometer o crescimento harmonioso dos jovens como atletas e pessoas. Em sintonia com este autor, Losa (2007) refere que ainda existem muitos treinadores que, por ambição ou falta de conhecimento, comodidade e até mesmo confusão, aplicam nas crianças um planeamento desportivo concebido para adultos, o que actualmente nos parece inadmissível.

Ora, para conseguir um ensino mais integral e educativo, o treinador de jovens deverá ter um perfil parecido com o de um maestro ou um educador, com formação técnica e pedagógica adequada e que oriente e facilite a formação motora do jovem (Giménez, 2003).

O mesmo autor acrescenta ainda que, como educador, as suas funções são formar jogadores e preparar equipas utilizando uma metodologia que tenha em conta, sobretudo, o atleta.

Partilhando da mesma linha de pensamento, Pacheco (2001) refere que "o treinador/educador não poderá continuar a ser o ex-praticante ou o praticante em final de carreira, que sem formação específica é convidado para treinar os jovens, como recompensa pelos muitos anos de dedicação ao seu clube, e que se limita a aplicar a sua experiência de antigo atleta e a organizar e a dirigir sessões de treino.". Na opinião de Garganta (2004) "o papel do treinador não deve, assim, ser entendido nos limites restritos do «técnico», do instrutor ou do adestrador, pois dele se espera que seja capaz de liderar o processo global de evolução dos atletas a seu cargo, induzindo a transformação e o refinamento dos comportamentos e atitudes, na procura do rendimento desportivo e do desenvolvimento pessoal e colectivo.". Sendo assim, treinadores com maior conhecimento acerca do desenvolvimento da criança e com experiência no treino de jovens têm mais hipóteses de ajudar jovens jogadores de futebol a encontrar o seu potencial (Stratton et al., 2004).

Olhando para o treinador como um professor (educador), concordamos com Pereira (1996) quando este afirma que "o treinador de jovens deve ser uma pessoa devidamente formada e com habilitações técnicas e pedagógicas para o exercício de um cargo desta natureza" ou, por outras palavras, "deve ser um indivíduo que, simultaneamente, possua experiência como praticante desportivo e tenha uma formação própria que o habilite a treinar jovens futebolistas." (Pacheco, 2001).

"Mais educadores e menos treinadores"
Sérgio (1974)

2.3.7. O papel da família na formação de jogadores

> *"Os Pais também jogam, mas não são o número um, dois ou três, dez ou onze, nem estão no banco nem no campo. O papel dos pais passa por não interferir nos papéis dos outros adultos relevantes no contexto educativo e desportivo dos filhos, nomeadamente treinadores e dirigentes; apoiar os seus filhos e trabalhar a motivação, reforçando aquilo que fazem bem"*
>
> Almeida (2005)

Quando uma criança inicia a sua formação desportiva e integra um determinado desporto, é inevitável o envolvimento e apoio que existe por parte das suas famílias (Byrne, 1993).

De facto, através do apoio financeiro e emocional que proporcionam, a presença da família é fundamental e torna-se sem sombra de dúvidas um dos elementos chave para o envolvimento das crianças no desporto (Rowley, 1986 cit. por Gilroy, 1993). Consequentemente, quanto maior começa a ser o envolvimento da criança, maior começa a ser, também, o envolvimento da sua família, em especial os pais (Gilroy, 1993).

Neste contexto, Byrne (1993) chama-nos à atenção para o triângulo desportivo existente em qualquer desporto praticado por crianças. Este triângulo consiste em inter-relações entre o treinador e a criança, o treinador e os pais e entre os pais e a criança, tal como mostra a figura 2.

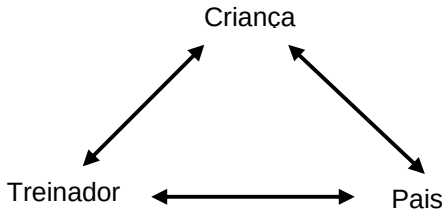

Fig. 2 – Triângulo Desportivo: Inter-relações entre a criança, pais e treinador (adaptado de Byrne, 1993)

Ainda relativamente a este triângulo desportivo, o mesmo autor acrescenta que para um treinador ser eficaz no seu trabalho precisa de manter excelentes relações de trabalho com os seus atletas. No entanto, no que diz respeito ao envolvimento dos pais no desporto dos seus filhos, a opinião já é variada.

Segundo o mesmo autor podemos distinguir três pontos de vista de treinadores em relação ao envolvimento dos pais no desporto. No primeiro, estão aqueles treinadores que apoiam e aceitam o envolvimento dos pais como um elemento vital no processo de treino. No segundo ponto de vista inserem-se aqueles que vêem o envolvimento dos pais como uma situação inevitável, mas certamente não encorajada. Por último, e incluídos numa minoria, estão aqueles que consideram que o envolvimento dos pais deveria ser excluído, considerando-os um verdadeiro problema.

Esta última preocupação existente por parte de alguns treinadores é compreensível, muito em parte devido à pressão exercida pelos pais nos próprios filhos. Esta coisa nebulosa a que chamam pressão pode ter muitas facetas, entre elas, pode levar a que alguns pais (e por vezes alguns treinadores) comecem a ficar obcecados com o sucesso da criança; pode levar a que a criança olhe para a vitória como sendo o mais importante, descurando os meios que irá utilizar para a alcançar, etc." (Gilroy, 1993). Neste seguimento de ideias, Almeida (2005) refere que "existe um número assustador de pais que têm a capacidade de influenciar negativamente os filhos, seja projectando neles o desejo de virem a ser futuros craques, quer seja por razões económicas, sonhos não realizados ou outros, e também de interferir no trabalho dos treinadores, fazendo-lhes reparos, dando instruções aos filhos durante os jogos que são contrárias às que as crianças receberam.". O mesmo autor acrescenta ainda que são frequentes as situações em que os pais agridem verbalmente árbitros, técnicos, pais e atletas de clubes adversários, havendo ainda aqueles que se zangam com os filhos porque não foram convocados, porque não jogaram a titulares ou porque acham que eles não jogaram como sabiam e deviam, desconhecendo que não compete aos pais subvalorizarem ou sobrevalorizarem a prestação dos filhos. "Os pais precisam de saber que os sucessos e os insucessos desportivos dos filhos fazem parte do processo de aprendizagem, tal e qual como acontece na escola, ou noutro qualquer contexto de formação de crianças e jovens." (Almeida, 2005).

No entanto, parece evidente que a experiência desportiva será muito mais agradável e terá muito mais sucesso para todos se as relações entre treinadores, crianças e pais forem cultivadas de forma cuidadosa (Byrne, 1993).

Desta feita, aqueles treinadores que escolherem não dar importância aos pais, irão seguramente enfrentar muitos problemas no futuro, sendo que muitos desses problemas irão resultar em mensagens inconsistentes tanto dos pais, como dos treinadores, causando confusão e incerteza às crianças. Aqueles treinadores que tentam comunicar com os pais podem evitar um conflito de ideias entre o triângulo desportivo. Conversar com os pais dos seus jogadores possibilitará um maior entendimento do contexto familiar em questão, estabelecerá respeito e aumentará as hipóteses de atingir os seus objectivos (Byrne, 1993).

Segundo Almeida (2005), reconhecendo que os pais podem, por vezes, tornar-se um grande problema, é urgente que os clubes assumam a responsabilidade da educação dos pais dos seus atletas, para que o rendimento e o desenvolvimento desportivo dos seus filhos não seja prejudicado pelos seus comportamentos. Os pais tem que ser informados e formados acerca de qual deve ser o papel e a responsabilidade da família no envolvimento do desporto do seu filho (Byrne, 1993).

Formal ou informalmente, considera-se que o caminho é este. Se os treinadores gastarem um pouco do seu tempo com os pais e lhes explicarem que não se pode esperar que os seus filhos tomem sempre as decisões mais acertadas sob pressão em contexto real de jogo, será com certeza tempo bem gasto. Mais ainda… Se os treinadores conseguirem explicar aos pais que os seus comentários, aquando de tomadas de decisão erradas dos seus filhos durante um jogo, lhes aumentam a ansiedade e fazem, também, com que a sua performance diminua ao longo desse jogo, os pais mais racionais tentarão reagir de maneira a reduzir essa pressão sobre as crianças (Thorpe, 1993).

2.4. Modelo de formação – o orientador de todo o processo de formação de jogadores num clube

> *"É urgente que os clubes portugueses e os seus dirigentes criem as condições humanas, materiais e apoiem de uma forma efectiva todos os projectos de formação."*
> Leal & Quinta (2001)

O ensino/treino do Futebol é muitas vezes efectuado sem um programa e metodologia definida (Pereira, 1996) e por isso, ano após ano negligenciado pelos clubes de Futebol.

O que é normal encontrar como objectivos na maior parte dos clubes é, por exemplo, a classificação a obter nos quadros competitivos ou então dizer que "o objectivo é a formação de jogadores para que mais tarde integrem a equipa de seniores." (Pereira, 1996). Carraça (2005) dá o exemplo concreto do Benfica, do qual é gestor da área de Formação cujo objectivo é "organizar um trabalho estruturado, concertado e qualificado que possa potenciar, todos os ano, dois ou três jovens jogadores para a equipa principal.".

Concordarmos plenamente com estes objectivos, mas parece-nos tanto ou mais importante saber em que moldes a formação se irá efectuar, para se alcançarem esses objectivos. Desta forma, é necessário reflectir acerca da importância inquestionável que o ensino do futebol assume na actualidade, exigindo por parte dos clubes e todos os seus intervenientes, "que lhe seja prestada uma maior atenção e uma melhor coordenação, através da implementação de um *Modelo de Formação*, com programas, formas e uma metodologia de treino adequada." (Pacheco, 2001).

Os clubes têm que definir aquilo que realmente pretendem do Futebol em idades jovens, implementando "*Modelos de Formação* próprios, com um programa adequado, que contribuam para uma melhor aprendizagem do jogo, que respeitem as várias fases de desenvolvimento dos jovens, que sirvam de guião para os treinadores e que contribuam para uma melhor e mais eficaz formação dos jovens futebolistas." (Pacheco, 2001).

Fica então claro que, para um clube obter sucesso na Formação de Jogadores, considerando-se como sucesso a obtenção de jogadores com qualidade e a posterior integração dos mesmos na equipa principal do clube,

apresenta-se cada vez mais como fundamental a criação de uma filosofia que tenha como ideia base um *Modelo de formação*.

2.4.1. Modelo de jogo, modelo de treino, modelo de treinador e modelo de jogador… quatro imperativos de referência para todo o processo de formação de um clube

> *"Os clubes não poderão continuar a viver ao acaso, sobre modelos improvisados, sem uma coerência lógica de desenvolvimento, ao sabor de critérios pessoais dos vários treinadores, que ciclicamente por lá vão passando e cujos resultados parecem não ser os mais satisfatórios."*
>
> Pacheco (2001)

Para que o Modelo de Formação de um clube seja coerente e racionalmente aplicado, parece-nos fundamental que todo o processo de formação seja norteado por princípios bem definidos que sejam aplicados a todos os escalões do clube (Lemos, 2005), desde a equipa sénior até às escolinhas.

A inexistência de uma estrutura duradoura nos clubes (sobretudo ao nível de treinadores e direcção) e o não estabelecimento de objectivos são alguns dos factores que dificultam a definição de um Modelo de Jogo comum a todos os escalões e que norteie o processo de formação (Leal & Quinta, 2001).

Desta forma qualquer clube deverá "ser alicerçado numa filosofia que contemple a existência de um *Modelo de Jogo*, o qual, por sua vez, orientará a concepção de um *Modelo de Treino* e de um complexo de exercícios, de um *Modelo de Jogador* e mesmo de um *Modelo de Treinador.*" (Leal & Quinta, 2001). Concordamos então com Vale (2003) quando este refere que "tudo o que tenha a ver com o aspecto da formação num clube deve nortear-se por princípios bem sólidos" e que se alguma coisa mudar nunca devem ser esses princípios, mas antes as pessoas, pois são esses princípios que dão uma identidade a um clube. Se tivermos que mudar os princípios por cada vez que

venha uma pessoa nova (treinador), vai ser muito difícil não se perder essa identidade.

No sentido de se entender melhor a capital importância destes quatro modelos para atingir o sucesso na formação de jogadores num clube, explicaremos de seguida o que entendemos por cada um e qual a relação existente entre eles.

2.4.1.1. Modelo de jogo

> *"O mais importante numa equipa é ter um determinado modelo, determinados princípios, conhecê-los bem, interpretá-los bem, independentemente do facto de ser utilizado este ou aquele jogador. No fundo é aquilo a que eu chamo organização de jogo."*
>
> Mourinho (2002b)

Hoje em dia, muito se ouve falar em "*ideia de jogo"* ou "*concepção de jogo"* de um treinador e a isso se associa invariavelmente a forma de jogar da equipa em questão. Frases como "esta equipa joga à imagem do seu treinador" são muito usuais nos nossos dias.

Segundo Frade (cit. por Martins, 2003), a concepção de jogo de um treinador está relacionada com a forma como este entende o próprio jogo, com a forma como pretende que a sua equipa jogue, estando assim relacionado com o futuro a que aspira. Não basta porém ter uma ideia de jogo, se a mesma não for operacionalizada de acordo com a concepção que se tem. Desta forma torna-se necessário modelar essa ideia de jogo.

Segundo Le Moigne (1990), a modelação pode ser entendida como a acção de elaboração e de construção intencional de modelos susceptíveis de tornar inteligível um fenómeno complexo (o jogo). Assim, se pretendemos entender um sistema complexo devemos modelá-lo (Garganta & Pinto, 1996).

Com efeito, o Modelo de Jogo deve entender-se como um ponto de partida e nunca como um modelo a atingir em absoluto (Garganta & Pinto, 1996), até porque, como diz Frade (2001), "o Modelo de Jogo é algo que não existe, mas que todavia se pretende encontrar.". É também algo que se

constrói e reconstrói consoante o futuro a que se aspira, tratando-se de um processo que nunca estará concluído (Frade, 1985).

De uma forma mais explícita, concordamos então com Oliveira (1991) quando este refere que o Modelo de Jogo deve constituir-se como o núcleo central de ideias que o treinador pretende que sejam adoptadas pela sua equipa. Assim, o Modelo de Jogo deve ter como base os *princípios de jogo* [(1)] relacionados com os comportamentos tácticos defensivos, ofensivos e de transição defensiva e ofensiva que o treinador pretende que sejam realizados pelos seus jogadores, bem como todo um conjunto de atitudes, comportamentos e valores que permitem caracterizar a organização desses processos quer em termos individuais quer fundamentalmente em termos colectivos da referida equipa.

Em suma, e na óptica de um clube formador, o Modelo de Jogo deverá ser a sustentação da formação, criando e desenvolvendo jogadores capazes de, ao longo do seu processo de formação, interpretarem e vivenciarem as exigências e particularidades encontradas (Leal & Quinta, 2001), permitindo-lhes no futuro terem mais possibilidades de sucesso tanto na equipa principal do clube, como noutras equipas.

2.4.1.2. Modelo de treino

"O Treino fundamenta-se e desenvolve-se a partir do elemento primário de todo o processo – O Jogo."
Queiroz (1986)

Partindo do princípio que a táctica é aquela que mais parece condicionar os Jogos Desportivos Colectivos (JDC) (Garganta, 1996) e sendo o Futebol considerado um JDC, concordamos com Oliveira (1991) quando refere que treinar consiste em criar ou trazer para o treino situações táctico-técnicas e táctico-individuais que o *jogo* requisita.

[(1)] Por **princípios de jogo** podemos entender um conjunto de regras que devem coordenar as acções dos jogadores, individual ou colectivamente, na procura das soluções mais eficazes de acordo com o momento de jogo em questão (Pacheco, 2001).

Mas que *jogo*? O jogo que o treinador pretende alcançar. Ou seja, o treino deverá ser um espaço em que o treinador reproduz *exercícios* que induzirão a sua equipa a fazer aquilo que ele quer que a mesma faça no jogo.

Mas que exercícios? Partindo do princípio que o Modelo de Jogo é o guia de todo o processo de treino, Oliveira (2004) refere que, os exercícios propostos devem tê-lo como referência em todos os momentos. A título de exemplo, o mesmo autor acrescenta que um exercício pode ser completamente adequado a uma equipa, porque requisita sistematicamente comportamentos que o respectivo Modelo de Jogo pretende e como tal estão a proporcionar a criação de adaptações e conhecimentos específicos/imagens mentais importantes para a equipa e para o jogador. Por outro lado, se um exercício proporcionar repetidamente comportamentos não adequados ao Modelo de Jogo pretendido, "as adaptações criadas vão ser prejudiciais ao desenvolvimento dos conhecimentos específicos/imagens mentais desejados" (Oliveira, 2004).

Assim, o treinar passa, em grande medida, por focalizar a vivência consciencializada dos jogadores nos vários extractos de jogo, sem nunca deixar de realizar a articulação de sentido com o todo (jogo). Durante o treino, os jogadores devem ser levados a entender melhor o jogo e o *jogar* que se pretende (Oliveira, Amieiro, Resende, & Barreto, 2006).

Desta forma, torna-se óbvia a referência imprescindível do Modelo de Jogo na construção do processo de treino.

No que se refere à formação, embora se compreenda que cada escalão tenha as suas características e singularidades, já para não falar na ideia de jogo do treinador, é importante que exista um "*fio condutor"* comum que oriente o treino e que estabeleça a ligação com os restantes escalões do clube (Leal & Quinta, 2001).

Para um clube ter a pretensão de alcançar algum sucesso na implementação de um Modelo de Formação, parece-nos imprescindível então a uniformização de um Modelo de Treino, de uma forma de trabalhar semelhante em todos os escalões de formação e até de um Modelo de Exercícios, todos subjugados ao Modelo de jogo implementado (Leal & Quinta, 2001), para que, a título de exemplo, um jogador que transite do escalão de iniciados para o escalão de juvenis não sinta grandes diferenças na metodologia de trabalho

que vai encontrar, adaptando-se assim mais facilmente à forma de jogar desse escalão.

2.4.1.3. Modelo de treinador

Acerca do que já foi referido acerca do perfil do treinador na formação de jogadores (capítulo 2.3.5), parece-nos importante acrescentar a preocupação que começa a existir na implementação de um Modelo de Treinador por parte de alguns clubes.

De facto, hoje em dia, há já quem defenda que os clubes devem formar os seus próprios treinadores, como pessoas identificadas com o mesmo e com uma determinada forma de trabalhar (Leal & Quinta, 2001).

Wein (2000, cit. por Losa, 2007) considera mesmo que uma parte importante do património de um clube é a capacidade de formação dos seus técnicos. Por esta mesma razão recomenda que se criem nos clubes formações para os seus treinadores. No entanto, para que isso aconteça tem que existir uma preocupação por parte das pessoas que dirigem os clubes, no sentido de alterar mentalidades (Leal & Quinta, 2001).

Ao encontro do que foi dito anteriormente, considera-se essencial que os vários agentes ligados a um processo de formação tenham a mesma concepção de jogo, de treino e de jogador, visualizando desta forma a formação pelo mesmo prisma (Leal & Quinta, 2001). Montón Salvador (2000, cit. por Losa, 2007) é da mesma opinião quando afirma ser “primordial que todas as equipas de um clube sigam uma linha comum de trabalho.”. Salva (s/d, cit. por Losa, 2007) refere que também considera benéfica a unificação de critérios no trabalho dos treinadores de um clube, permitindo assim que não existam lacunas importantes na formação dos jogadores.

Uniformizar os critérios dos treinadores dos diferentes escalões terá, portanto, efeitos benéficos no processo de formação levado a cabo pelo clube, pois eliminará a possibilidade de conflitos perturbadores da normal evolução do jovem praticante, optimizará os meios, evitará quebras e descontinuidades na sua evolução e evitará acima de tudo a introdução de ideias díspares perigosas para o seu desenvolvimento (Leal & Quinta, 2001).

É público que o que é mais usual encontrar-se nos clubes são as trocas constantes de treinadores e, por conseguinte, a alteração de rotinas, métodos e ideias de jogo. Segundo Leal & Quinta (2001), a inexistência de uma estrutura que perdure, nomeadamente a não estabilização de uma estrutura directiva e a não definição de objectivos a médio e longo prazo são, também aqui, factores fulcrais para a origem desse problema.

Assim, torna-se fundamental que os treinadores sintam a serenidade e a estabilidade necessárias, da parte de quem dirige, de forma a saberem que para o clube é mais importante o processo de formação de jogadores e a posterior integração na equipa sénior, do que os resultados desportivos (Leal & Quinta, 2001). Dessa forma, tranquila e sem pressas, os treinadores terão a possibilidade de realizar um trabalho planeado e organizado, não tendo para isso, que queimar etapas na formação dos jogadores.

2.4.1.4. Modelo de jogador

Como já foi referido, não é coerente que cada treinador dos diferentes escalões de um clube trabalhe de forma independente e de acordo com as suas convicções, não havendo uma uniformização relativamente ao modelo de jogo e modelo de treino. Também não é coerente se não existir por parte de todos os treinadores do departamento de formação uma unificação do modelo de jogador que se pretende formar (Leal & Quinta, 2001).

Não havendo uma definição clara, por parte do clube, do tipo de jogador que pretende formar, vão sendo excluídos ao longo de todo o processo de formação jogadores cujo perfil não se adapta ao modelo de jogo de cada treinador em cada escalão, já que um bom jogador para um treinador, pode não o ser para outro (Leal & Quinta, 2001).

Desta forma, Oliveira (2003: XXXIII) refere que há a necessidade de existir um modelo de jogo único que seja identificado por todos da mesma maneira, para que a formação e o desenvolvimento dos atletas seja sempre o maior possível e não se verifiquem desvios nessa formação.

No entanto, o mesmo autor alerta-nos para o seguinte facto: actualmente, e principalmente no futebol português, o treinador da equipa

sénior não é um treinador estável, implicando, então, que o modelo de jogo esteja sempre a mudar. Tal não é favorável para o processo de formação de um jogador e por isso há a necessidade de o departamento de formação ter um modelo de jogo definido que considere ajustado à evolução dos atletas de forma a potenciar esses mesmos atletas.

Jean Paul (2003: XXVIII), actualmente director técnico da formação do Sporting, é da mesma opinião afirmando que "não faz sentido que a formação esteja constantemente a adaptar-se ao que se passa na equipa A. O que faz sentido é que nós sejamos capazes de formar jogadores aptos para se adaptarem a qualquer modelo de jogo ou sistema, isso sim, faz sentido.".

Leal & Quinta (2001) acrescentam que os clubes deverão formar, acima de tudo, um jogador específico que se quer inteligente e autónomo e possuidor de cultura táctica evoluída.

No mesmo seguimento de ideias, Mourinho (2002a: 22) afirma que "cada vez mais os jogadores de primeira linha têm que ser multifuncionais" e acrescenta ainda que não pode ter um jogador no seu plantel que só saiba jogar no seu modelo de jogo, porque no final do seu vínculo contratual vem outro treinador que, eventualmente, joga num modelo diferente e o jogador têm que se adaptar a um novo modelo; isto é, "os jogadores têm que possuir uma cultura táctica cada vez maior que lhes permita desempenhar diversas funções, independentemente do modelo de jogo adoptado.".

Em suma, parece que o mais importante é que o processo de formação consiga alcançar "a formação de um jogador inteligente, capaz de agir por ele próprio, utilizando os seus conhecimentos e as suas experiências." (Bayer, 1994, in Leandro, 2003:3).

2.4.2. Detecção, selecção, recrutamento e desenvolvimento de "talentos"

Segundo Garganta (2006a) "um talento é alguém capaz de uma performance acima da média num dado domínio e em vários momentos.". Um talento possui características que o demarcam de outros indivíduos não considerados talentos e que permitem, por vezes, predizer a sua potencial performance no futuro (Franks, Williams, Reilly, & Nevill, 1999).

Desta feita, constata-se que o grande objectivo da identificação de talentos é a de aumentar a probabilidade de seleccionar jogadores de elite no futuro, em idades mais baixas (Franks et al., 1999).

Segundo Stratton et al. (2004), a maioria dos clubes concorda que sem um processo de detecção, selecção e recrutamento de "talentos" até os treinadores mais experientes e talentosos terão dificuldades em preparar uma equipa para competir ao mais alto nível.

Também Leal & Quinta (2001) acreditam que a criação de um departamento de selecção e detecção de talentos num clube é uma das premissas fundamentais na potenciação de todo o processo de formação.

Hoje em dia, o processo de identificação e recrutamento de talentos, na maior parte dos clubes, incide essencialmente em jovens com sete ou mais anos de idade (Stratton et al., 2004), o que nos leva a pensar que quanto mais cedo forem recrutados talentos com determinadas características, maior será o seu processo de evolução no clube. Nessa altura, a ênfase deve ser colocada na provisão de treinadores e treinos apropriados e, também, de estruturas de suporte, que possibilitarão aos jovens jogadores uma maior potenciação das suas qualidades (Stratton et al., 2004). Franks et al. (1999) é da mesma opinião e refere que identificar e recrutar um potencial jogador em idades mais baixas garante que esse jogador receba posteriormente no clube treino especializado, de forma a poder evoluir progressivamente e a potenciar mais ainda o seu talento.

No entanto, para que este processo de identificação e recrutamento de talentos ocorra de forma organizada, é essencial que o clube em questão defina elementos chave para sabermos quais as características que pretendemos identificar nos jogadores (Franks et al., 1999).

Segundo Garganta (1995, cit. por Pacheco, 2001), de uma forma geral, na detecção de talentos é fundamental estar atento a pressupostos que indiciem o talento de um jogador de futebol, que podem ser os seguintes:

- Habilidade técnica em velocidade;

- Disponibilidade táctica;

- Eficiência orgânica e muscular: agilidade, velocidade, reacção rápida, rápidas mudanças de sentido e direcção;

- Valor moral elevado: auto-controlo, coragem, auto-confiança, combatividade, carácter.

De uma forma mais concreta pode-se fazer referência ao Ajax, um clube em que essas características estão bem definidas e que funcionam como traços fundamentais de avaliação indispensáveis para criar o tal modelo de jogador do clube. É o chamado sistema TIPV[(1)]: T simboliza técnica, aquilo que o jogador pode fazer com a bola; I é para inteligência, entendida aqui como cultura táctica; P é para personalidade, um aspecto muito importante para os detectores de talentos e formadores do Ajax; V significa velocidade, pois para jogar no Ajax é muito importante não só a velocidade simples, mas também é imperioso ter rapidez com a bola nos pés (Lobo, 2003).

Estes critérios de selecção fazem com que os jogadores pertencentes ao Ajax possuam logo, aquando da sua entrada no clube, estas características: técnica elevada, inteligência, personalidade interessante e uma boa rapidez de execução (Kormelink & Seeverens, 1997), ficando mais facilitada a tarefa de desenvolvimento desses mesmos jogadores.

O sucesso do modelo (TIPV) fez com que alguns clubes da Premier League Inglesa formulassem também modelos semelhantes, tais como TAEV[(2)] (talento, atitude, equilíbrio e velocidade) e HIPV[(3)] (habilidade, inteligência, personalidade e velocidade), emergindo como uma marca primordial na identificação de talentos (Stratton et al., 2004).

Reconhecendo então que cada clube deverá uniformizar um modelo de jogador e partindo do pressuposto que o ideal será formar jogadores inteligentes que sejam facilmente adaptáveis a vários modelos de jogo, parece que esse objectivo será alcançado mais rapidamente, se os clubes tiverem preocupações em recrutar jogadores cada vez mais cedo e que já possuam características favoráveis para atingir esse modelo.

(1) **TIPV**, em inglês TIPS (Technique, intelligence, personality, speed);

(2) **TAEV**, em inglês, TABS (talent, attitude, balance, speed)

(3) **HIPV**, em inglês, SUPS (skill, understanding, personality, speed)

2.4.3. – Desenvolvimento do talento: o papel da prática deliberada na melhoria da performance

> *"Não há génio sem técnica» dizia Picasso, e isso também é válido para o futebol. Conseguir com que uma bola obedeça a esse ponto é como domesticar um animal selvagem: requer horas de prática paciente. Quando esse animal redondo entrou naquele ângulo, Cristiano Ronaldo gritou cheio de felicidade, com paixão, com orgulho, consciente de que essa alegria compensava o esforço de anos e lhe proporcionava um salto de qualidade na carreira."*
>
> Valdano (2008)

Quando atletas de elite demonstram as suas habilidades em público, seja num jogo de futebol, num ringue de patinagem ou num jogo de basquetebol, as suas performances parecem ser muitas vezes sobrenaturais, graciosas e realizadas com o mínimo esforço, dando a ideia ao típico observador que, mesmo com muito treino, será impensável alguém conseguir alcançar iguais performances (Ericsson, 2003). O mesmo autor refere que é comum olharmos para estas performances extraordinárias como o reflexo de um talento único e inato.

São vários os autores (Léger, 1986; Pérez, 1993; Howe, Davidson & Sloboda, 1998 cit. por Costa, 2005) que defendem uma perspectiva genética de talento, em que os indivíduos talentosos são naturalmente dotados, possuindo qualidades (capacidades e habilidades) inatas[(1)] denominados por "dons" , "talentos" ou "aptidões naturais", os quais lhe permitirão alcançar desempenhos de excelência numa determinada actividade.

Analisando o ponto de vista enunciado anteriormente, verificamos então que o talento é algo que nasce connosco e que não se aprende, alheando a prática de todo o processo de desenvolvimento (Fonseca, 2006).

Mas será que o alcance de performances elevadas se pode explicar apenas pelo Talento?

[(1)] De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2003), **inato** significa: que nasce com o individuo; que é independente do que o individuo apreende ou experimenta depois do nascimento; que o organismo traz ao nascer; congénito; inerente.

De facto, segundo Ericsson et. al (1993) o papel da prática no desenvolvimento de performances elevadas sempre foi negligenciado e colocado em segundo plano, mesmo que a evidência da importância dos factores genéticos nesse mesmo desenvolvimento seja algo ambígua.

Segundo Almeida (2005), a discussão entre o que é hereditário e o que pode ser adquirido é "velha" e promete continuar. Embora seja inegável que haja condicionantes físicas e psicológicas, sabe-se que o factor fundamental para ditar o sucesso de uma criança ou jovem enquanto atleta é o treino e não as características inatas.

É neste sentido, que Garganta (2004a) defende que para ser jogador de "top" não é suficiente nascer com talento, treinar torna-se imprescindível. A genética predispõe para algo, mas só por meio da modificação das atitudes e dos comportamentos se consegue, efectivamente, sê-lo. Assim, o talento possibilita e potencia a aprendizagem, mas não pode substituí-la, o que significa que o capital biológico do atleta precisa de validação posterior. Deste modo, "Antes de se submeter a um processo de treino, pode existir um talento, mas o jogador só existe depois disso." (Garganta, 2006a).

Neste seguimento de ideias e "*a fim de determinar o que diferencia a performance de peritos*[(2)] *e não peritos, nos seus respectivos domínios de excelência, surge a noção de que, talento inato, predisposições hereditárias e limitações genéticas e níveis elevados de habilidades, não podem ser alcançados sem largos anos dedicados à prática."* (Cunha, 2007).

Assim, Ericsson et. al (1993) propuseram uma teoria para explicar elevadas performances, tendo como base dessa teoria, o conceito-chave de "P*rática Deliberada*". O mesmos autores definiram "*Prática Deliberada*" como sendo uma actividade com um grande grau de estruturação e com o objectivo de desenvolver a performance, implicando para isso o acesso a professores profissionais, material e instalações para treinar. É uma actividade onde têm que ser inventados exercícios para que os atletas ultrapassem algumas

[(2)] **Perito** é aquele que desempenha conscientemente de modo excepcional num dado domínio (desporto) ao longo de um período de tempo (Araújo, 2004), segundo a psicologia ecológica a perícia não é uma propriedade fixa da pessoa, mas antes uma relação variável entre as exigências impostas pelo contexto e os recursos que o individuo tem disponíveis. O desempenho perito surge da interacção das características do jogador e das do envolvimento, portanto a perícia de acordo, com a psicologia ecológica deverá ser entendida como um processo holístico e dinâmico (Araújo, 2004).

fraquezas e onde a performance é cautelosamente monitorizada para que se arranjem maneiras de a melhorar no futuro. É também considerada uma actividade que exige esforço e que deverá ser praticada durante um período limitado por dia, evitando assim a exaustão. Não se apresenta necessariamente como divertida e prazerosa. Ainda segundo esta teoria, essa prática leva o indivíduo a refinar continuamente o seu desempenho, servindo-se dos resultados obtidos e dos feedbacks que recebe.

Em suma, concordamos com Valdano (2008) quando este afirma que para se criar uma proeza genial, "há, primeiro, que sonhar, e depois treinar, experimentar, falhar, e voltar a treinar…" atribuindo desta forma uma elevada importância à prática deliberada no processo de desenvolvimento de um talento.

2.4.4. A forma de jogar da equipa principal como referência para os escalões de formação

Tendo em conta o anteriormente enunciado compreende-se que a uniformização de um modelo de jogo em todo o clube é algo que por vezes é utópico, muito por culpa da instabilidade que normalmente existe nos clubes, que trocam de treinador da equipa sénior constantemente, alterando também o processo de evolução que se dá na formação dos jogadores desse clube. No entanto, e segundo Oliveira (2003: XXXIII), seria benéfico que houvesse uma grande relação entre os escalões de formação e a equipa sénior, porque no fundo o clube está a formar jogadores para o escalão superior. O mesmo autor acrescenta que o ideal seria que existisse um modelo de jogo o mais idêntico possível ou igual ao dos seniores, de forma a que a passagem dos escalões de formação para o escalão sénior não se sinta e seja uma passagem completamente lógica. "Não faz sentido a equipa de juniores ter um modelo de jogo que contempla determinados aspectos e haver disparidades com os seniores. Deve haver algo de muito parecido e bem estruturado naquilo que as equipas fazem." (Alves, 2007).

Também Leal & Quinta (2001) referem que, para existirem mais possibilidades de sucesso na integração de jogadores na equipa sénior do clube, torna-se fundamental que o modelo de jogo implantado pelo departamento de formação tenha como referência o modelo de jogo da equipa sénior, ou então, que sejam um só (com as devidas diferenças para cada escalão).

Contudo, nunca se pode esquecer, como já foi referido anteriormente, que o mais importante na formação "é formar jogadores inteligentes, com cultura táctica, que se adaptem a qualquer modelo e sistema." (Paul, 2003). Desta forma, estarão a criar-se bases para o desenvolvimento de jogadores mais completos e com mais margem de progressão, tanto na equipa principal, como em outras equipas.

Em síntese, e reconhecendo as dificuldades inerentes a este processo, parece-nos que, actualmente, a política dos clubes deverá evoluir no sentido da definição de um modelo de jogo único para o clube e então, em função disso, realizar a contratação do treinador da equipa principal. Isto é, não poderá ser contratado um treinador qualquer, mas sim, alguém identificado com toda a filosofia do clube, tendo em conta o modelo de jogo e o modelo de treinador do clube em questão (Oliveira, 2003: XXXIII). Desta forma, pensamos nós, estar-se-á a caminhar de forma mais segura e estável para um futuro promissor na formação de jogadores com qualidade.

2.4.5. Coordenador/director técnico – o regulador do processo de formação

De acordo com tudo aquilo que já se referiu nos capítulos anteriores, concordamos que, face aos constrangimentos existentes nas estruturas organizativas e directivas de vários clubes, torna-se difícil uniformizar uma ideia comum a todos os intervenientes na implementação de um Modelo de Formação.

Mourinho (2002a:15) refere que quando um projecto de formação é implementado, torna-se fundamental que os treinadores dos escalões de formação saibam em que direcção ir e saibam também de que maneira podem

colaborar com o futebol da equipa principal do clube. Tem que existir uma similaridade em todos os processos e tem que haver um acompanhamento diário do futebol de formação, para que dessa forma, se verifique a existência (ou não) de similaridade entre aquilo que se pretende e aquilo que realmente é realizado.

Actualmente, pensa-se que em qualquer clube minimamente organizado terá que existir alguém que faça a interligação entre os diversos departamentos existentes, os diversos escalões e os diversos treinadores do clube, uniformizando para isso critérios de selecção, de orientação e, fundamentalmente, de acção (Leal & Quinta, 2001). Adriaanse (1996:21) é da mesma opinião e refere que “este cargo precisa de alguém identificado com toda a filosofia do clube.”. Esse alguém deverá ser o Coordenador Técnico (Leal & Quinta, 2001), que deverá possuir um grande conhecimento do clube e de toda a sua filosofia.

3. Procedimentos Metodológicos

3.1. Metodologia de pesquisa

Para a concretização dos objectivos definidos para o estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos de recolha de informação:

⇒ Pesquisa e análise documental – No que diz respeito à parte teórica foi efectuada uma revisão bibliográfica e documental, seleccionando-se a informação disponível que melhor pareceu enquadrar-se com o tema em questão, através da respectiva análise do conteúdo.

⇒ Entrevista de estrutura aberta - Com base na revisão bibliográfica efectuada e de acordo com os objectivos definidos, foram elaboradas questões guia, que serviram de suporte às entrevistas realizadas.

No que diz respeito à parte prática, a metodologia utilizada na recolha dos dados e informação, ocorreu sob a forma de inquérito oral, por meio de entrevista de estrutura aberta, com base em questões guia, previamente elaboradas e registadas num gravador *Sony TCM-20DV..*

O carácter aberto da entrevista teve como propósito permitir que os entrevistados pudessem expor os seus pontos de vista de uma forma clara, pessoal e o mais aprofundada possível.

3.2. Condições de aplicação da recolha de informação/ Recolha dos dados

As entrevistas foram realizadas entre os dias 24 a 30 de Março de 2008 na Academia de Alcochete. Antes do inicio, os entrevistados foram informados da natureza e dos objectivos do estudo e, avisados do carácter não avaliativo das mesmas, procurando assim que as declarações fossem 100% autenticas. Procuramos também, desde o início do contacto com os entrevistados, gerar alguma empatia que proporcionasse uma conversa natural e sem tabus.

Para explorar devida e correctamente o seu conteúdo, foi utilizado um gravador com o conhecimento e autorização dos entrevistados. Posteriormente as entrevistas foram transcritas para o programa Microsoft Word do Windows XP Professional.

3.3. Caracterização da amostra

Quando se opta por realizar entrevistas, pretende-se saber aquilo que os entrevistados pensam acerca de um ou vários assuntos, com o intuito de esclarecer determinados aspectos abordados na revisão bibliográfica.

Tendo em conta que o nosso trabalho é um estudo de caso acerca da formação do Sporting C.P. procurámos acima de tudo que os nossos entrevistados fossem parte integrante e importante (de uma forma ou de outra) dessa formação e que partilhassem connosco experiências, sentimentos, conhecimentos e informações que pudessem enriquecer o presente estudo.

De acordo com o que já foi dito anteriormente, seleccionamos para realizarem entrevista as seguintes personalidades:

⇒ **Luís Gonçalves** (Treinador da equipa A de iniciados e Coordenador do Escalão de Iniciados do Sporting C.P.);

⇒ **Luís Dias** (Treinador da equipa de Juvenis do Sporting C.P.);

⇒ **José Lima** (Treinador da equipa de Juniores do Sporting C.P.);

⇒ **Pedro Luz** (Secretário Técnico de Formação do Sporting C.P.);

⇒ **Jean Paul Castro** (Director Técnico da Formação do Sporting C.P.);

⇒ **Aurélio Pereira** (Coordenador do Departamento de Recrutamento do Sporting C.P.);

⇒ **Diogo Matos** (Coordenador responsável pelo Projecto das Escolas de Futebol Academia Sporting/Puma);

⇒ **Carlos Bruno Charrua** (Coordenador do Treino Físico dos escalões de iniciados, juvenis e juniores do Sporting C. P.);

⇒ **Pereirinha** (Ex-jogador dos escalões de formação do Sporting C.P. e actualmente jogador do Sporting C.P., Internacional sub-21 português);

⇒ **Paulo Bento** (Ex-jogador do Estrela da Amadora, Benfica, Sporting C. P., Celta de Vigo, Oviedo. Ex-internacional português. Ex-treinador dos Juniores do Sporting C.P. e actualmente Treinador da equipa profissonal do Sporting C. P.).

4. Análise e Discussão das Entrevistas

Depois de realizadas a revisão da literatura e as entrevistas, passou-se à análise das respostas dos entrevistados, no sentido de comparar e discutir o conteúdo das mesmas, cruzando-o com a informação proveniente da revisão realizada.

4.1. Academia Sporting/Puma… o acentuar de uma qualidade já evidenciada anteriormente

"Melhores condições de trabalho,
mais possibilidades de ter sucesso."
Bento (2006)

"Um atleta da Academia Sporting é um jovem a quem a vida sorriu, pois tem todas as condições para singrar no mundo do futebol. Se souber aproveitar todas as magníficas estruturas que o Sporting lhe proporciona.".

Esta é uma afirmação de Vítor Marques que podemos encontrar afixada num quadro situado num dos corredores da Academia Sporting/Puma e que nos deixa a pensar na grande oportunidade que é para os jovens da formação do Sporting, poderem usufruir deste magnífico espaço como é a Academia, alertando, no entanto, ainda que indirectamente, que só isso não basta para que no futuro se consiga singrar no mundo do futebol. De facto, os jovens têm que ter em mente que, para continuarem a evoluir, terão que trabalhar muito, não só no plano futebolístico, mas também no plano mental.

Pedro Luz, Secretário Técnico da Formação do SCP partilha da mesma opinião referindo que "*a missão da Academia tem como grande objectivo formar jogadores com capacidade de integrar a nossa equipa sénior de futebol, sendo que o nosso segundo objectivo, para além de formar jogadores, é formar homens.".*

Este projecto, designado por Academia Sporting/Puma, nasceu no dia 21 de Junho de 2002 e colocou o Sporting na vanguarda da elite mundial no

que diz respeito à formação de novos talentos. Na verdade, quando referimos que o Sporting está na vanguarda da formação a nível mundial, socorremo-nos de dados reais e incontestáveis. O SCP foi, no último Mundial de Futebol, a par do Ajax de Amsterdão, a equipa que colocou mais jogadores formados no mesmo clube numa Selecção Nacional. Por outro lado, da sua formação já saíram grandes talentos do futebol nacional e internacional, tais como Futre, Luís Figo, Cristiano Ronaldo, Ricardo Quaresma, Simão Sabrosa e Nani. Além disso, o Sporting possuí uma política administrativa que possibilita a inclusão de jogadores provenientes da formação na equipa principal, como por exemplo os cinco jogadores que jogaram regularmente este ano (Rui Patrício, Miguel Veloso, João Moutinho, Yannick Djaló e Pereirinha), e grande parte das equipas da primeira e segunda ligas portuguesas possuem jogadores que pertenceram à formação do SCP

Com a inauguração da Academia e com as condições lá criadas, o futebol de formação do SCP ganhou uma nova força. O escalão de iniciados foi campeão nacional nas épocas 2003/2004 e 2005/2006, em Juvenis foi campeão nacional nas épocas compreendidas entre 2003 e 2007 e em Juniores nas época entre 2004 e 2007.

Surgem, no entanto, algumas dúvidas que pensamos serem pertinentes: será que antes de a Academia existir se alcançava a qualidade agora evidenciada na formação de jogadores e resultados desportivos? Será que as condições fantásticas existentes na Academia serão suficientes para explicar todo este êxito na formação, seja ele colectivo ou individual?

Aurélio Pereira, Coordenador do Departamento de Recrutamento do SCP retira-nos a dúvida relativamente à primeira questão e alerta-nos para o facto de também serem campeões e de também formarem grandes jogadores que antes de existir a Academia, quando refere que *"eu sei o que é treinar cinquenta jogadores, mais seis guarda-redes, em meio campo, sozinho, e mesmo assim ser campeão nacional pelo Sporting, e o meu irmão, o Carlos Pereira, treinar cinquenta iniciados no outro meio campo e também ser campeão nacional, tendo os outros clubes muito melhores condições do que nós.".*

Estes feitos não acontecem por acaso e o mesmo Aurélio Pereira refere que *"a diferença está sempre no mesmo detalhe – os jogadores. Eu não tinha*

condições, mas tinha jogadores e ganhava.". E acrescenta ainda um aspecto muito importante quando refere que *"não nos podemos esquecer que a treinar nos campos pelados e na terra batida criamos «Figos» e «Ronaldos». Não nos podemos esquecer disso.".*

Pedro Luz elucida-nos quanto à segunda questão, afirmando que "*a importância do espaço (Academia) em si é relativa, na minha opinião. O que eu penso é que o conjunto do espaço, das pessoas que cá estão dentro, da competência de cada uma delas, daquilo que é feito ao nível do recrutamento inicial, seleccionando os melhores dos melhores, esse conjunto de factores sim, torna importante este projecto, dá importância a este projecto.".*

De facto, tal como se constatou na revisão da literatura em relação ao funcionamento das Academias, hoje em dia os jovens que integram uma Academia de Futebol estão expostos a um riquíssimo currículo que lhes proporciona uma variada formação. Este currículo consiste sobretudo em considerações relacionadas com o desenvolvimento das seguintes "categorias": técnicas, tácticas, físicas, sociais, comportamentais, psicológicas, nutricionais, educacionais e de qualidade de vida (Stratton, Reilly, Williams, & Richardson, 2004). Da articulação destas componentes, resulta, também, a qualidade dos jogadores formados na Academia.

Para além de toda a magnífica estrutura e condições extraordinárias que os atletas possuem na Academia, existe por detrás deste projecto toda uma equipa de profissionais que dão o seu melhor no acompanhamento e formação dos jovens, substituindo muitas vezes os próprios pais na sua formação como homens e como futebolistas, o que também contribui para o excelente funcionamento da Academia.

Aurélio Pereira é peremptório e não deixa quaisquer dúvidas quanto à importância que a Academia tem para o sucesso da formação do SCP: *"Vindo para a Academia, tendo jogadores e condições de trabalho, eu consigo ganhar na mesma, tal como ganhava antigamente, mas agora consigo levar o jogador muito mais bem preparado para a equipa principal."*. Paulo Bento, actual treinador da equipa profissional do SCP, vai ao encontro da ideia anterior, referindo que "n*o passado, mesmo sem Academia, o clube fez grande aproveitamento da formação, mas admito que agora, pela proximidade, as coisas são tratadas de outra forma. Por estarmos mais próximos, o diálogo e a*

observação ocorrem com muito mais frequência. Logo, certas questões são analisadas de forma mais fácil." (Bento, 2007). Pereirinha, jogador do plantel sénior do Sporting e internacional sub-21 pela selecção portuguesa, partilha da mesma opinião, referindo de forma sumária que *"o modelo Academia permite formar jogadores com muita qualidade, mas ao mesmo tempo também boas pessoas, com bons princípios e já com alguma disciplina por viverem aqui com as regras que são impostas.".*

Através destes relatos, pode então concluir-se que, com a criação da Academia, passou a haver, para além de magnificas infra-estruturas, um maior acompanhamento e apoio a toda a formação dos jovens, possibilitando assim que, no futuro, possam surgir mais jogadores com a qualidade já evidenciada anteriormente e, consequentemente, melhores resultados desportivos.

Concluiu-se ainda, através da revisão bibliográfica realizada, que o investimento na formação de jogadores é hoje considerado um meio de desenvolvimento e de garantia do Futebol no futuro. A confirmar esta ideia, Franks et al. (1999) referem que existe cada vez mais preocupação e empenho no desenvolvimento de jovens jogadores. Porém, não é rentável para os clubes investirem nos escalões de formação na sua estrutura e depois não apostarem nos jogadores por eles formados, sendo o aproveitamento do trabalho realizado a esse nível praticamente nulo. Assim, sabendo que a formação do jogador tem em vista atingir o alto rendimento (principalmente integrando a equipa sénior), não parece possível isso acontecer se não existir uma racionalização de todo o processo, bem como se esse processo não tiver como referência a equipa sénior (Leal & Quinta, 2001). Relativamente àquilo que se pôde constatar, no SCP existe essa racionalização, existem princípios e objectivos bem definidos, que correspondem ao que foi encontrado na bibliografia. Ou seja, a administração tem como princípio base a aposta em jogadores provenientes da formação e tem como objectivo principal a integração desses jogadores na equipa principal do SCP. Esta ideia pode ser confirmada através das palavras de Pedro Luz quando refere que o sucesso obtido pelo SCP na formação *"parte da administração, que define jovens dos escalões de formação como prioridade na aquisição de jogadores para o plantel profissional. Se não fosse isso, o nosso sucesso seria mais difícil*", acrescentando ainda que esse sucesso também se deve "*à existência de uma*

grande entrega e de um grande espírito de entreajuda, sempre focalizados no nosso objectivo principal, que é formar jogadores para a equipa principal.".

Já no que diz respeito à viabilidade económica que um processo de formação pode ter para um clube e após se ter referido na revisão da literatura que a aposta na formação é, hoje em dia, uma das grandes soluções para resolver os problemas económicos dos clubes (Oliveira, 2001, p.12), nenhum dos entrevistados abordou o aspecto financeiro como sendo uma vantagem que o processo de formação proporciona ao SCP. No entanto, verifica-se que, face aos jogadores que já ingressaram e continuam a ingressar na equipa principal do SCP, e face aos valores que alguns clubes já pagaram por jogadores provenientes da formação, como por exemplo o caso de Nani, que rendeu 25,5 milhões de euros ao clube, o retorno financeiro pode considerar-se positivo (Mil-Homens, 2007).

4.1.1. Funcionamento da Academia nas áreas extra-futebol

> *"Estou a tentar terminar o 12º ano. Sinto que se não fosse a Academia tudo seria muito mais complicado. Antes acabava por não render o que podia tanto nos treinos, como nos estudos… Aqui, temos biblioteca, sala de estudo com Computadores e o apoio das psicólogas"*
>
> Carriço (2007)

Depois da observação que realizámos na Academia Sporting/Puma, e aproveitando o facto de nos ter sida concedida a oportunidade de conhecer algumas normas e rotinas do funcionamento interno, parece pertinente, neste capítulo, tentar explicar sucintamente de que forma está estruturada a Academia no que diz respeito a recursos-humanos e materiais. Por outro lado, procuraremos elucidar quais as categorias contempladas neste modelo de formação e de que forma elas funcionam na relação com o dia-a-dia normal de um atleta da Academia, sempre numa perspectiva comparativa com a revisão da literatura anteriormente efectuada.

Primeiramente, convém salientar que a Academia Sporting/Puma está dividida em duas áreas distintas, mas que no entanto estão interligadas – a

área *Profissional* e a área de *Formação.* De ora em diante, concentremo-nos, pois, na área de Formação.

Na Academia Sporting/Puma, regra geral, só treinam e vivem jovens a partir do momento em que pertencem ao escalão de sub-14 (iniciados) e até ao escalão de sub-19 (juniores), mas apenas no caso de serem jogadores estrangeiros ou de morarem muito longe da Academia. Jean Paul, Director Técnico do Departamento de Formação do S.C.P confirma este pressuposto e acrescenta ainda um dado interessante ao enunciado, ao afirmar que *"Efectivos na academia é a partir dos treze anos, no escalão de iniciados e só no caso de serem estrangeiros ou então de morarem longe da Academia, porque se não, preferimos que eles fiquem com as famílias. No entanto às vezes, também acontece que quando os miúdos são oriundos de famílias desagregadas ou com contextos familiares mais complicados, nós retiramo-los do meio e trazemo-los para aqui."*.

De forma a aprofundarmos um pouco mais esta estruturação do sistema de educação e treinos existente na formação do SCP, apresentamos os seguintes quadros (quadro 1 e quadro 2):

Grupos de idades – sub 9 – sub 13
Vivem na Grande Lisboa (n=120)
⇒ Educação – Responsabilidade das famílias (com algumas excepções)
⇒ Treino – Em Lisboa (Estádio Universitário)

Grupos de idades – sub 14 – sub 19
⇒ Sub-14 (n=34) e sub-15 (n=26) 28 residentes na Academia
⇒ Sub-16 (n=27) e Sub-17 (n=23) 17 residentes na Academia
⇒ Sub-18 (n=11) e sub-19 (n=14) 11 residentes na Academia

Quadro 1 e 2 – Funcionamento do sistema de educação e treinos dos jovens dos diferentes escalões da formação do SCP (dentro e fora da Academia).

Como se pode observar através dos quadros apresentados, os jogadores pertencentes aos escalões de sub-9 até sub-13 vivem fora da Academia, na Grande Lisboa, junto das suas famílias que são responsáveis pela sua educação. No entanto, por vezes existem algumas excepções, havendo jogadores que, mesmo com esta idade, ficam a residir na Academia, após aprovação dos técnicos. Nestes escalões existem aproximadamente 120 jogadores e os treinos são realizados no Estádio Universitário em Lisboa.

Os jogadores pertencentes aos escalões de sub-14 até sub-19 são aqueles que treinam sempre na Academia, o que não significa que todos residam lá, como já vimos. Nestes escalões existem 135 jogadores, estando efectivos na Academia vinte e oito jogadores do escalão de Iniciados, dezassete jogadores do escalão de Juvenis e onze jogadores no escalão de Juniores.

De seguida, apresentamos uma possível distribuição do horário dos jogadores dos diferentes escalões, em tempo de aulas (quadros 3, 4 e 5).

Escalões dos sub-14 até sub-16

	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Sáb.	Dom.
08,00h 16,00h	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Rep.	Jogo
16.30h 18.00h	S.E.	Treino Comp.	S.E.	Treino Comp.		OTL	Família
18.00h 19.30h		Treino 1	Treino 2	Treino 3	Treino 4	OTL	

Quadro 3 – Horário semanal dos atletas do Escalão dos sub-14 até sub-16 com treinos na Academia.

Da análise deste quadro, podemos depreender que, durante a semana, os jovens pertencentes à Academia têm aulas todos os dias no período compreendido entre as 8.00h e as 16.00h, até às 18.00h podem ter treino complementar, Sessão de Estudo (S.E.) ou tempo livre. De terça a sexta-feira, das 18.00h às 19.30h, os jogadores têm treinos e ao Sábado o dia é preenchido com repouso e com actividades recreativas mais para o fim da tarde. Ao domingo é dia de jogo e de estar com a família.

O volume dos treinos é igual para os escalões de sub-14, sub-15 e sub-16 e corresponde a seis horas semanais.

Escalão de sub-17

	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Sáb.	Dom.
08,00h 11,00h	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Rep.	Jogo
11.45h 13.00h	Escola	Treino 1	Escola	Treino 4	Escola	Rep.	Jogo
15.00h 16.00h	Escola	S.E.	Escola	S.E.	Escola	OTL	Família
16.00h 17.30h	Escola	F.C.	Treino Comp.	F.C.	Treino Comp.	OTL	
18.00h 19.30h		Treino 2	Treino 3	Treino 5	Treino 6		

Quadro 4 – Horário semanal dos atletas do Escalão sub-17 com treinos na Academia.

Ao analisarmos este quadro, verificamos que existe um aumento da carga horária e uma diminuição dos tempos livres, em comparação com o quadro anterior. Neste escalão, é dedicado mais tempo à escola e, para além de duas horas de Sessões de Estudo, existem também três horas de Formação Complementar (F.C.), onde são abordados temas de interesse para o escalão em questão. Aos fins-de-semana, o funcionamento é idêntico ao dos escalões anteriores, no entanto o volume de treino aumenta para nove horas semanais, destacando-se dois treinos bi-diários.

Escalão de sub-18/19

	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	Sáb.	Dom.
08,00h 11,00h	Escola	Escola	Escola	Escola	Escola	Rep.	Família
11.00h 13.00h	Escola	Treino 2	Treino 3	Treino 5	Treino 6	Rep.	
14.00h 15.30h	Escola	Escola	S.E.	Escola	S.E.	Jogo	
16.00h 17.30h	Escola	F.C.	Treino Comp.	F.C.	Treino Comp.	Jogo	
17.30h 19.30h	Treino 1		Treino 4				

Quadro 5 – Horário semanal dos atletas do Escalão sub-18/19 com treinos na Academia.

Neste ultimo quadro referente ao horário do escalão sub-18/19, podemos constatar que são poucas as diferenças em relação ao quadro anterior. O volume de treino semanal é igual, diferindo apenas nos dias em que é realizado, pois, apesar de só terem um treino bi-diário semanal, os Juniores

treinam todos os dias da semana. O facto de terem os treinos de manhã às terças, quintas e sextas-feiras, faz com que os jogadores tenham tempo para as tarefas escolares da parte da tarde. Os jogos são realizados ao sábado à tarde, o que possibilita a estes jovens terem o Domingo livre para estarem com a família.

É de realçar que, em todos os quadros que vimos em cima, o Treino Complementar (T.C.), a F.C. e a S.E. não têm que ser necessariamente realizados nos horários estipulados. Há flexibilidade de horários e procedem-se a alterações de acordo com as necessidades de cada escalão.

Jean Paul, reportando-se ao dia-a-dia de um jovem que viva na Academia, refere que *"Não é um dia-a-dia fácil (…) Não é fácil, eles têm uma actividade muito intensa entre treinos e aulas, porque, como te expliquei, eles chegam a ter três treinos por dia. Ou seja, às vezes treinam às 11h, almoçam, vão à escola, vêm treinar às 15h30 e depois treinam outra vez às 18h.".* Neste caso, Jean Paul reporta-se apenas aos escalões de sub-17 e sub18/19, pois são os únicos que têm a possibilidade de ter três treinos diários ao longo da semana.

Este terceiro treino referido por Jean Paul é aquilo a que na Academia chamam de Treino Complementar (T.C.) e que se define como um treino específico de jogadores do mesmo sector. Este treino é realizado consoante os jogadores dos três escalões disponíveis e presentes na Academia, pois muitas vezes os compromissos escolares não o permitem. Jean Paul elucida-nos melhor acerca deste T.C. quando menciona que *"com treinos bi-diários semanais só há dois grupos, os sub-17 e os sub-18 e 19 (…) e alguns destes podem ter, como já falamos, mais um T.C. Dos sub-17 para baixo, têm um treino por dia, com alguns deles (aqueles que têm disponibilidade e horários compatíveis com a escola) a fazerem mais o T.C."*.

No que diz respeito ao contacto com as famílias, por vezes existem jovens, nos vários escalões, que não vêem a família durante muito tempo. Existe uma grande sensibilidade face a esta situação com todos os jovens. O exemplo seguinte, contado por Jean Paul, manifesta claramente esta preocupação relativamente à importância da família: *"Muitas vezes, e numa situação prolongada de ausência paternal, retiramo-los da competição para ir a*

casa. «Há mês e meio que não vais a casa, tens que ir a casa». "Mas eu quero jogar, mister", reclamam os miúdos. "Não interessa, não vais jogar, vais a casa.".

E nos casos em que há jovens estrangeiros a residir na Academia, sem possibilidades de visitar as suas famílias, Jean Paul refere que *"Com miúdos que têm a família longe e que não têm a possibilidade de ver os pais regularmente, nós procuramos encontrar no grupo em que ele está inserido alguém que o acolha ao fim-de-semana e ele fica então com uma família de acolhimento, chamemos-lhe assim. E fazemos isso com vários miúdos.".*

No que concerne à componente académica, verificou-se que esta foi, durante muitos anos, tal como se referiu na revisão da literatura, considerada irrelevante. Marques (2004) refere que o que actualmente é reconhecido como essencial na formação dos jovens – o desporto como um modelo de educação e formação – foi, no século passado, vítima de uma séria resistência por parte de muitos pedagogos. Não obstante, a crescente percepção, por parte da maioria dos clubes, dos benefícios de se produzirem jovens mais completos e com várias competências, assegurou que a componente académica passasse a fazer parte de todo o processo de desenvolvimento dos jovens numa Academia (Stratton, Reilly, Williams, & Richardson, 2004). Neste aspecto, o SCP não foge à regra.

Para melhor conciliarem os treinos com as aulas e sessões de estudo, a Academia Sporting tem protocolos com escolas de Alcochete, o que facilita bastante este processo de formação. Sobre este assunto, Jean Paul afirma que *"existe um protocolo com duas escolas de Alcochete, uma preparatória e uma secundária"* e acrescenta que *"alguns miúdos que não residam cá e sejam da zona de Lisboa e têm mais problemas para estudar, a nível de horários ou mesmo de concentração, nós trazemo-los para aqui e tiramos partido do facto de termos o protocolo com as escolas, e então temos a possibilidade de arranjar um horário mais compatível com os treinos. Mas é um problema que nós sentimos actualmente e com tendência para piorar. Com o aumento das cargas horárias, torna-se complicado para os miúdos treinarem. Não está fácil…".*

De forma a acompanhar este processo de formação integral, existe na Academia um gabinete responsável por dar todo o apoio necessário aos jovens residentes na Academia no que diz respeito a assuntos escolares e emocionais/psicológicos – o Gabinete Psicopedagógico. De forma a se compreender melhor a utilidade deste gabinete, atentemos no discurso de Jean Paul acerca do funcionamento deste gabinete*: "As professoras que compõem este gabinete substituem os encarregados de educação e vão às reuniões da escola. E depois há momentos durante o dia, e à noite também, na sala de estudo, reservados ao estudo e à realização dos trabalhos de casa onde também têm uma professora deste gabinete a apoiá-los.".*

Relativamente ao apoio psicológico, gostaríamos ainda de remeter para Zees Zwamborn, autor citado na revisão da literatura, que afirma que *"A personalidade é um problema. Para além de ser difícil de descrever, é também de difícil desenvolvimento." (AjaxUSA, 2001).* Desta forma, e dada a tamanha complexidade desta componente, torna-se cada vez mais necessária a aposta forte nesta área. Consciente disso, o Sporting tem vindo a apostar nesta vertente, senão vejamos as afirmações de Jean Paul sobre este assunto: "*Temos uma psicóloga que faz parte do gabinete psicopedagógico e temos mais uma que está a fazer estágio, mas é uma área em que ainda vamos evoluir. Neste momento, ainda só fazemos o acompanhamento psicológico àqueles jogadores que têm mais necessidades.".* Concluí-se então que, apesar de não ser considerada uma área muito desenvolvida na Academia Sporting, denota-se vontade em evoluir e em investir mais.

Durante o processo de formação na Academia, o trabalho desenvolvido por este gabinete privilegia bastante o desenvolvimento da autonomia e da auto-reflexão diária nos jovens, para que estes, quando cheguem ao escalão de sub-18/19, já estejam mais maduros no que diz respeito à sua personalidade. A título de exemplo recordo o final da entrevista realizada ao Professor Luís Dias, treinador dos Juvenis, que nos mostrou um dossier elaborado pelos próprios atletas em que eles organizam todas as suas tarefas escolares, como, por exemplo, a marcação dos testes, a nota que obtiveram, a sua auto-avaliação na escola, etc. De facto, como disse Luís Dias, "*aqui na Academia obrigamos os miúdos a ter responsabilidades desde muito cedo.".* Jean Paul partilha da mesma opinião, afirmando que "*apesar do gabinete*

psico-pedagógico dar sempre algum apoio, a nossa estratégia é a promoção de autonomia.".

A par deste trabalho desenvolvido pelo gabinete psicopedagógico, existe ainda a realização de formações complementares temáticas e de acordo com os interesses de cada escalão. Sobre esta matéria, Jean Paul expõe que *"existe ainda a formação complementar que nós lhes damos, segundo um programa de formação complementar. Por exemplo, vai haver agora uma concessão sobre sexualidade para um dos grupos, porque fazemos as concessões adaptadas aos vários escalões.".*

Pode-se então concluir que todo o trabalho desenvolvido por este gabinete na Academia vai ao encontro daquilo que foi já referido na revisão da literatura. De facto, para além da educação escolar, devem ser desenvolvidas nos jovens competências sociais e comportamentais que eles possam utilizar dentro e fora da Academia (Stratton, Reilly, Williams, & Richardson, 2004).

Outra dimensão que parece merecer uma aposta muito forte por parte da formação do SCP está relacionada com as actividades recreativas que visam ocupar os tempos livres da semana e fins-de-semana. Para os jovens residentes na Academia, principalmente depois da hora de jantar, aos fins-de-semana e nas férias da escola, procuram-se formas lúdicas de preencher o tempo. Jean Paul atesta que *"durante a semana existe uma actividade muito intensa, entre as tais actividades de lazer, os treinos, os jogos, a escola, a sala de estudo. Ao fim-de-semana isto morre um pouquinho e então todos os fins-de-semana está cá alguém que promove actividades com eles, como concursos ou visitas a determinados locais. Em relação a esta área penso que estamos já bastante evoluídos, mesmo em relação ao que se faz no estrangeiro.".*

Relativamente àquilo que se pôde observar na semana em que estivemos na Academia (semana de férias de Páscoa), apercebemo-nos ainda de algumas actividades que foram realizadas, tais como torneio de Ténis de Mesa, torneio de Bilhar e torneio de Matraquilhos.

Relativamente à componente Nutricional, esta é determinada pelo Departamento Médico do clube, não existindo qualquer Nutricionista específico

para a Academia. No entanto, existem preocupações relativas à alimentação que os jovens devem ter, que são transmitidas ao responsável pela confecção de todas as refeições da Academia. Jean Paul esclarece-nos sobre este tema e acrescenta um dado interessante: *"A área da nutrição é gerida pelo departamento médico. Nós fazemos um programa que é enviado para quem faz as refeições. Por vezes também há acções de formação sobre nutrição para os atletas."*. Este último aspecto revela a importância dada ao aspecto nutricional na Academia, pois, para além de os responsáveis terem preocupações naturais, transmitem essas preocupações aos seus atletas através de acções de formação, tentando, assim, criar neles alguma autonomia.

Como se constatou, o que se passa na Academia Sporting relativamente à componente nutricional vai ao encontro daquilo que Stratton et al. (2004) define como ser normal acontecer hoje em dia numa Academia, quando refere que *"algumas Academias já educam os seus jovens jogadores (…) relativamente aos alimentos que devem ingerir.*".

4.1.2. Entre a formação futebolística e a formação holística

"O corpo contém, tanto como o cérebro, a história da vida."
Edna O´brien (2007)

Ao entrarmos na Academia, somos invadidos por um ambiente onde se respira calma e tranquilidade, onde o salutar convívio entre todos os presentes impressiona pela positiva. Pedro Luz refere que o ambiente da Academia *"só pode ser um ambiente favorável para que os jovens se possam desenvolver. [Você] teve oportunidade de passar desde o futebol profissional ao futebol de formação e ainda agora, à hora do almoço, estavam juntos, na mesma mesa, pessoal do futebol profissional, o director do futebol profissional, o director da Academia, treinadores do futebol da formação. Isso transparece o ambiente saudável, de muita solidariedade e companheirismo que se vive aqui, porque*

esta é a única forma que todos nós temos para conseguir atingir os nossos objectivos.". Pereirinha refere ainda que o ambiente da Academia *"é sobretudo um ambiente de companheirismo, de irmandade, mesmo. Toda a gente se tenta ajudar e motivar mutuamente."*.

Aurélio Pereira acrescenta mais dois aspectos na caracterização do ambiente vivido na Academia: *"Auto-Estima e Disciplina. Na Academia vive-se um ambiente fantástico entre todos os seus intervenientes, sejam eles jogadores, treinadores, directores ou funcionários.".* Na verdade, no que diz respeito ao processo de formação ali levado a cabo, todos os intervenientes, sejam eles treinadores, directores ou funcionários, se conhecem e comunicam entre si de forma aberta, existindo uma grande sintonia entre todos. Trata-se, portanto, de um funcionamento holístico, onde, apesar de cada um ter a sua especificidade, todos estão identificados com o projecto de formação da Academia. Pedro Luz confirma este aspecto, referindo que *"toda a gente que aqui trabalha tem a noção geral do que é que é o projecto Academia Sporting, de como funciona. Mas depois obviamente que cada um tem a sua especificidade dentro da sua profissão.".*

Apelidada de "grande obra" pelo Dr. João Lobo Antunes no programa de debate da RTP1 Prós e Contras, a primeira designação para a actual Academia Sporting/Puma foi, inicialmente, a de Centro de Formação e Estágio, mas tal não era suficiente para aquilo que eram as verdadeiras intenções do SCP para esta nova era. Assim, a designação actual de Academia assenta perfeitamente àquilo que esta pretende ser: não só *"um projecto de formação desportiva, mas também um projecto de formação humana e cultural."* (Raposo, 2007).

Parece-nos, pois, que o conceito levado a cabo na Academia Sporting/Puma vai ao encontro daquilo que Bento, Graça, & Garcia (1999) defendem, quando referem que *"Para além da formação futebolística, importa entender o clube quanto antes como entidade cultural insubstituível no papel de agregador das diferenças, como local de cultivo de valores humanos e sociais, educativa e pedagogicamente relevantes."*. Neste contexto, compreendemos o conceito de Academia enquanto *"Escola dentro de um Clube" (Mil-Homens, 2005)*, na medida em que é um local onde, para além do desenvolvimento desportivo, existe também um grande apoio no que diz respeito à parte académica e à formação individual.

Em concordância com o supracitado, Pedro Luz lembra que na Academia Sporting *"para além de formar jogadores, o objectivo passa por formar homens",* porque, tal como verificamos na revisão da literatura, *"uma Academia não serve só para descobrir talentos, precisa de ser essencialmente uma preparação para a vida." (Mil-Homens, 2003).*

Ainda no seguimento da ideia anterior, considera-se pertinente aludir à posição de Jean Paul quando este refere que, na Academia, *"embora saibamos que não estamos numa escola de engenheiros nem médicos, nós procuramos promover nos atletas as competências necessárias, de forma a que eles cumpram os mínimos do seu trabalho escolar. Não fazemos questão de ter aqui alunos brilhantes, mas a escola faz parte do processo"* e Pedro Luz acrescenta ainda que *"não descuramos nunca a formação social e escolar desses jogadores e daí que queremos, à semelhança do que acontece na escola, um processo contínuo onde eles são avaliados, onde os treinadores são avaliados e todos nós somos avaliados de forma contínua.".*

Na sequência da preocupação manifestada por parte dos responsáveis do SCP quanto à formação integral dos atletas, é de enaltecer o aspecto enfatizado pelo actual treinador e responsável pelo escalão de Juvenis, Luís Dias, quando afirma que *"existe uma grande articulação entre a escola e o futebol. Não é por acaso que, por exemplo, os últimos jogadores a entrarem na equipa principal – Miguel Veloso, Pereirinha, Adrien – sejam atletas que chegaram todos ao secundário, alguns deles ainda andam no 12º ano, e muitas vezes só deixam de estudar quando passam a atletas profissionais, e mesmo assim tentam conciliar. O Miguel Garcia, por exemplo, já fez o 12º ano; o Rui Patrício fez o 9º ano, decidiu não continuar o secundário e fez um curso de informática. Portanto os atletas têm sempre outras formações complementares.".*

Em suma, consideramos importante esta preocupação de Academia em preparar os jovens para outras saídas além do futebol, pois, como refere Paulo Bento, "*se há uma coisa que devemos todos ter em mente, é que nem todos aqueles que estão aqui vão ser jogadores do Sporting. Todos poderão ter essa oportunidade, mas, seguramente, nem todos o vão ser.*". De facto, enquanto os jovens pertencentes a uma Academia de Futebol pensam em ser jogadores profissionais de futebol, é-lhes muito fácil descurar a parte académica e

intelectual. Por isso a Academia tem a responsabilidade de enfatizar não só o seu desenvolvimento futebolístico, mas também a sua formação académica (Stratton, Reilly, Williams, & Richardson, 2004).

4.1.3. Formação entendida como um processo contínuo e a longo prazo: a competição e os resultados desportivos como factor de progresso

> *"A natureza ordenou que os jovens sejam jovens antes de serem adultos. Se pretendermos alterar esta ordem, produziremos só frutos verdes sem sumo."*
> Jean Jacques Rousseau (cit. por Pacheco, 2001)

Segundo aquilo que se constatou na revisão da literatura, a formação deve ser pensada, acima de tudo, como um processo algo demorado e que não pressupõe resultados imediatos. Assim, concordamos com os seguintes autores quando referem que a aprendizagem não deve ser balizada por imperativos de rendimento imediato, sob pena de se estar a comprometer a evolução futura do jovem praticante (Mesquita, 1997). Deve, pois, realizar-se dando passos e não correndo, construindo e construindo-se, num espaço mental que acreditamos ser indiscutivelmente educativo (Ramos, 2006).

Quando o Prof. Jean Paul iniciou o seu processo de director técnico na formação do SCP, teve que redobrar atenções neste aspecto, pois na altura estavam a ser pouco pacientes com os jogadores da formação, procedendo-se a muitas mudanças todos os anos. Segundo as palavras do próprio, *"quando cheguei à coordenação reparei que havia alterações muito profundas, isto é, saíam muitos jogadores e também entravam muitos todos os anos. Eu terminei com isso, porque pensei que era preferível manter os jogadores e dar-lhes tempo para que o trabalho frutificasse. Acreditamos muito no nosso trabalho e somos até um pouco teimosos nessa questão, não sendo fundamentalistas. Há também um aspecto muito importante relacionado com isto que são os resultados. Quando falo em resultados na formação, refiro-me, como é óbvio, à capacidade que temos tido de encaminhar jogadores de bom nível para o*

futebol sénior, quer para o nosso, quer até para clubes da Europa, o que tem acontecido muito ultimamente. Portanto, avaliando o nosso trabalho, esses resultados têm-nos dado alguma razão.".

Tal como foi analisado na revisão, apesar de se considerar que a formação de jovens jogadores de futebol deve ser assumida pelos clubes sem pretensões de resultados imediatos, não queremos com isto dizer que ganhar não interessa ou não é importante. Pelo contrário. Não pode é ser o único objectivo da formação. Pacheco (2001, p.20) partilha desta opinião quando afirma que *"é necessário encontrar um equilíbrio entre a ideia de que na formação não interessa ganhar, mas sim competir, e a atitude de fazer depender a formação dos jogadores dos resultados desportivos imediatos.". O*u seja, ganhar também é importante para o processo de formação de um jovem e deve fazer parte dele, no entanto, não podemos nunca colocar os resultados desportivos imediatos à frente da formação dos jogadores. Na nossa óptica, os bons resultados serão, então, uma consequência natural de uma formação coerente e paciente.

Na Academia Sporting recolheram-se algumas opiniões interessantes que vão ao encontro do que foi encontrado na literatura pesquisada. Jean Paul afirma, de forma bastante concludente, que *"nós gostamos de ganhar e, se pudermos ganhar, não queremos perder. Nós pensamos que, se pudermos ganhar por cinco, não queremos ganhar por dois. Mas isso não é, para nós, o mais determinante no nosso trabalho. O que nós tentamos incutir nos jogadores tem a ver com uma frase de que eu sou grande adepto e que é a seguinte: «Mais importante do que ganhar sempre, é jogar sempre para ganhar». Ou seja, nós tentamos meter na cabeça dos jogadores que quem faz parte das equipas do Sporting não pode deixar de pensar em ganhar. Ganhar é sempre algo que eu tenho que tentar conseguir. Depois, se não conseguir, logo se vê.".* Luís Dias, treinador dos Juvenis, também nos fornece alguma informação interessante relativamente a este assunto, quando na entrevista, em resposta à pergunta "*Que tipo de objectivos são pretendidos? De Formação, Competição ou Preparação?"* refere que *"eu não consigo ver isso assim. Pessoalmente, eu acho que está tudo interligado. Eu acho que para se competir tem que se estar formado e preparado. E ao competirmos, ficamos com melhor preparação e formação para a competição que vem a seguir.*

Portanto, nós não andamos aqui a preparar para competir como único fim. Ou seja, para mim a competição é também um meio de formação. […] Daí que, para nós, a competição não é um fim, mas é um meio para atingir esse fim. A título de exemplo, posso dizer que somos talvez o único clube que aceita participar em torneios contra juniores, tal como aconteceu esta Páscoa, em que ficámos no último lugar do torneio, mas foi uma grande preparação para a competição que virá a seguir. Aliás, foi a melhor preparação que eles puderam ter, foi essa competição.".

Por seu turno, Luís Gonçalves, treinador da equipa A dos Iniciados e responsável por esse escalão, parece enfatizar mais os resultados desportivos, ao afirmar que "*a conquista do campeonato é algo que está implícito, não é uma obrigação, mas é um objectivo*", no entanto, *"tem que ser pensado juntamente com outros objectivos de preparação e formação.".*

Do exposto depreende-se que existe, por parte da formação do Sporting, uma grande preocupação na formação e preparação dos jogadores e equipas, não olhando para os resultados desportivos como um fim, mas sim como um meio para atingir o fim.

4.2. O Modelo de formação do Sporting Clube de Portugal

4.2.1. Ponto de partida: que modelo de jogador?

Como se constatou na revisão da literatura, é importante que os clubes tenham um projecto ou modelo de formação bem definido e, consequentemente, um Modelo de Jogo padrão, que sirva de base para o desenvolvimento de todo o processo de formação do jogador. Assim sendo, se a formação é do jogador, fica claro que é também fundamental definir um perfil de jogador, um Modelo de Jogador, isto é, um conjunto de características consideradas uma mais-valia para o Modelo de Jogo em questão, que vamos querer ver nos nossos jogadores daqui a alguns anos.

Assim, corroboramos da opinião de Leal & Quinta (2001), quando referem que *"não é coerente que cada treinador dos diferentes escalões de um clube trabalhe de forma independente e de acordo com as suas convicções, não havendo uma uniformização relativamente ao modelo de jogo (…), não sendo também coerente se não existir por parte de todos os treinadores do departamento de formação uma unificação do modelo de jogador que se pretende formar.* ".

Jean Paul considera que o período de três anos em que trabalhou como treinador da equipa satélite foi importante, pois permitiu-lhe conhecer o perfil dos jogadores que saíam da formação e definir objectivos enquanto coordenador do futebol de formação do SCP. No seu relato sobre os primórdios da sua função, Jean Paul mostra-nos como começou por reflectir acerca da formação do SCP: *"«tudo muito bem, sou o coordenador da formação, vamos ter que trabalhar a formação, mas trabalhar em função de quê?» «O que é que vamos fazer na formação?» E isto não é nenhum segredo. Eu penso que os trabalhos resultam se nós também não os complicarmos em demasiado, mas há que problematizar as coisas. E de uma forma muito simples, entendi que a primeira coisa que tínhamos que fazer era definirmos o perfil do jogador que queríamos formar. Porque se eu sou o coordenador da formação eu tenho que saber aquilo que quero formar.".*

Depois de delimitar os moldes da formação, Jean Paul remete para a importância de todo o trabalho de adaptação que foi necessário fazer-se, referindo que *"de uma forma também lógica, tínhamos que definir as tendências evolutivas do jogo, ou seja, tínhamos que estudar quais as principais características do jogo de futebol actual. Para tentar adaptar isso à realidade do nosso país e do Sporting (questões relacionadas com clima, clube…) e em função do que era esse tal modelo de jogo evoluído, avançámos para o nosso modelo de jogo e, inerente a essa questão, pensámos que um jogador, para poder jogar de determinada forma, tem que ter determinadas características. E assim chegámos ao perfil de jogador que pretendíamos.".* Nas palavras de Jean Paul, *"em termos técnicos, o jogador tem que ter uma boa relação com a bola, tem que ser muito culto em termos tácticos, inteligente, rápido, forte em termos físicos e ter também uma estrutura mental muito forte.".*

Através do discurso de Jean Paul percebemos que a certa altura do seu percurso o coordenador se depara com outra questão: qual o objectivo na formação de um jogador? Que esse jogador integre no futuro a equipa principal do clube em questão e se adapte única e exclusivamente a esse modelo de jogo? Ou, então, que esse jogador se consiga integrar e adaptar a esse modelo de jogo, mas também, a outros modelos?

A este propósito Mourinho (2002a: 22) é peremptório ao afirmar que *"cada vez mais, os jogadores de primeira linha têm que ser multifuncionais"* e destaca ainda que não pode ter um jogador no seu plantel que só saiba jogar no seu modelo de jogo, porque no final do seu vínculo contratual vem outro treinador que, eventualmente, joga num modelo diferente e o jogador tem que se adaptar a um novo modelo e por isso *"os jogadores têm que possuir uma cultura táctica cada vez maior que lhes permita desempenhar diversas funções, independentemente do modelo de jogo adoptado.".* Leal & Quinta (2001) partilham do mesmo ponto de vista quando referem que os clubes deverão formar um jogador específico (modelo de jogador) que, acima de tudo, se quer inteligente, autónomo e possuidor de cultura táctica evoluída.

Jean Paul partilha destas opiniões e acrescenta ainda um dado importante a esta questão, quando nos confirma que, no SCP, existe um modelo de jogo para o Departamento de Formação que é diferente do modelo de jogo dos seniores, muito por causa das mudanças constantes de

treinadores na equipa profissional. Relativamente a este aspecto, o coordenador refere que "n*este momento, as pessoas já entenderam que o meu trabalho é garantir ao futebol sénior que os jogadores que saem da formação cheguem lá com uma cultura táctica tão rica que lhes permita a adaptação a diferentes sistemas, porque eu não consigo conceber (…) o formar jogadores só para jogarem num sistema. Porque depois nós não conseguimos garantir que estes jogadores vão jogar sempre nesse sistema. Eles têm é que ter essa capacidade de se adaptar, ou melhor, nós temos que ser capazes de lhes fornecer «ferramentas» para eles melhor entenderem o Jogo, sistemas de jogo, métodos de jogo*.".

Do enunciado depreende-se que o grande objectivo da formação do SCP passa, essencialmente, por desenvolver e formar um jogador inteligente, capaz de agir por si próprio, que no final do seu processo de formação esteja preparado para se adaptar a várias maneiras de jogar, a várias ideias de treinadores que lhe possam surgir pela frente, e que, pelo lado oposto, não seja um mero robot programado para jogar num só sistema e de acordo com uma só ideia de jogo.

4.2.2. O processo pré – Academia…

4.2.2.1. "Futebol de Rua": uma realidade a não descurar na procura de qualidade futebolística natural

> *"Começámos a jogar futebol na rua com o caroço de abacate (…)*
> *o facto de ter aprendido a jogar futebol desta forma foi excelente,*
> *porque quando se joga num pomar, com piso irregular e cheio de*
> *árvores, cria-se a necessidade de desenvolver uma série de habilidades.*
> *Para não nos machucarmos, além de olharmos para a bola e para o jogo*
> *Tínhamos que olhar para as mangueiras e para as raízes das árvores."*
> Sócrates (cit. por Laranjeira, Pires & Rodrigues)

Os dados obtidos através da revisão da literatura em relação ao *Futebol de Rua* fizeram perceber que a rua é um local onde ocorre a aprendizagem de grande parte das capacidades motoras fundamentais para uma boa performance no futuro. Estas vivências costumam acontecer antes de muitos

jovens ingressarem nas escolas de futebol ou em escalões de formação e têm o privilégio de ocorrer em situações muito vantajosas para o desenvolvimento da criança, pois não há pressões externas, não há ninguém a impor limites, tudo acontece de forma espontânea, natural e acima de tudo de uma forma muito prazerosa.

De uma forma algo humorística, mas ao mesmo tempo muito realista, Veríssimo (s/d) refere que, se as regras de Futebol de Rua existissem, seriam as seguintes: *"Primeira – A bola pode ser qualquer coisa remotamente esférica. Até uma bola de futebol serve; Segunda – As balizas podem ser feitas com o que está à mão; Terceira – O campo vai da sarjeta até à primeira árvore. Nos clássicos vale o quarteirão inteiro; Quarta – O jogo dura até a mãe chamar ou até escurecer, o que acontecer primeiro; Quinta – Não existe árbitro, para não estorvar."*. Ao analisarmos estas regras, destaca-se o verdadeiro carácter de espontaneidade e liberdade existente no *Futebol de Rua*.

Pacheco (2001) partilha desta ideia quando refere que a prática do Futebol de Rua é efectuada em terrenos baldios e irregulares, com bolas de diferentes texturas e dimensões e sem a presença de qualquer treinador, através de pequenos jogos de 3x3, 4x4, consoante o número de participantes existentes, em espaços variados (largos ou compridos) e com dimensões reduzidas. O mesmo autor defende ainda que foi com o Futebol de Rua, e através de uma aprendizagem não organizada, que apareceram *"muitos jogadores dotados de um grande virtuosismo técnico.".*

Vejamos por exemplo o que diz Ronaldinho Gaúcho das suas vivências enquanto criança:

> *"A bola é quase a minha vida toda, não tenho nenhuma recordação que não inclua uma bola. No meu bairro em porto alegre passei a infância a jogar à bola. Nunca me separava da bola, driblava, driblava, driblava sem parar. Jogava na rua com os meus colegas, mas também jogava horas sozinhas ou com o meu cão o "Bombom", que era incansável. Com ele, tentei todas as fintas possíveis, para evitar que ele trincasse a bola, com excepção do "túnel", porque o "Bombom" tinha as patas curtas (…) Aproveito todas as oportunidades para improvisar um pequeno jogo no jardim, ou para me descontrair a fazer habilidades. A bola é a minha melhor companhia, é o objecto que mais amo na vida."*
>
> Ronaldinho (in Pacheco, 2005)

Na Academia Sporting, todos os entrevistados atribuíram ao Futebol de Rua importância semelhante à apresentada na revisão efectuada. Debrucemo-nos então sobre o que alguns desses intervenientes na formação do SCP dizem acerca deste assunto.

Pereirinha conta um pouco da sua experiência antes de ingressar no futebol de formação e relata que *"jogava na rua antes de jogar no Belenenses com 7 anos e acho que isso é importante em termos de ganhos técnicos, em termos de criatividade, porque no futebol de rua não há regras, fazes o que te apetece, vês outros colegas a fazerem coisas e tentas tirar ideias e tu próprio vais fazendo experiências.".*

Aurélio Pereira destaca os grandes jogadores que saem do Futebol de Rua, ao afirmar que *"se pegarmos nesta selecção nacional actual, os grandes jogadores são aqueles que tiveram vivências no Futebol de Rua"* e acrescenta que *"eu por exemplo, lembro-me de imitar na minha altura o Zé Augusto e então passava os dias nisso. Fazíamos isso sem qualquer tipo de pressão.".*

Luís Dias refere que a importância do Futebol de Rua *"é muita. Aqui no Sporting, temos poucos casos em que a evolução do atleta do ponto de vista técnico é somente feita internamente com os nossos treinos (…) a grande riqueza da maior parte dos jogadores que entram para o Sporting é o futebol de rua (…). É aí que se desenvolvem um conjunto de "skills" que depois servem como base de aprendizagem seguinte.".*

Paulo Bento, treinador da equipa profissional do SCP partilha também do mesmo ponto de vista, afirmando que "*o Futebol de Rua tem importância porque permite aos jogadores contactar com outras realidades, com outros espaços, desde as próprias balizas, à bola, que nem sempre é igual à que depois eles vêm encontrar no futuro. Ou seja, permite-lhes melhorar certas coisas, principalmente a qualidade de relação com a bola"* e acrescenta que *"no Futebol de Rua o nível técnico do jogador pode ser melhorado só pelo simples facto de ter que se contornar alguns obstáculos que possam aparecer pelo caminho. Por exemplo, quando jogamos num jardim e temos que contornar árvores que lá existem, ou até na própria rua onde estão carros estacionados, desenvolvemos alguma destreza e estamos prontos para o improviso.".*

José Lima, o treinador dos Juniores do SCP manifesta opinião semelhante, referindo que *"o Futebol de Rua é excelente. A sua importância é muita, porque é aí que se dá a primeira aprendizagem, aliás, quando se começa a jogar o Futebol de Rua o jogador evolui muito tecnicamente e habitua-se a vários contextos e espaços"* e destaca ainda que *"nesta fase, que eu considero muito importante, não há preocupações tácticas nenhumas, ou seja, joga-se por puro prazer.".*

Luís Dias considera mesmo que *"os jogadores que estiveram sujeitos a essas vivências na rua, sem pressão seja de quem for, jogando apenas por puro prazer e não sendo um dado científico, são aqueles que mais tarde podem vir a ter maior sucesso nas suas carreiras. Talvez até devido a essa liberdade com que sempre lidaram com a situação de jogo.".*

No entanto, ao consultarmos a revisão bibliográfica, apercebemo-nos também que, hoje em dia, escasseia a possibilidade de os jovens praticarem actividade física ao ar livre, em geral, e *Futebol de Rua,* em particular. Antigamente as ruas eram mais seguras e os miúdos podiam aproveitá-las para brincar livremente. Hoje, com o aumento da insegurança, a sociedade procurou arranjar outras estratégias para proporcionar às crianças o contacto com o futebol, de que é exemplo a criação de escolas de futebol, onde muitas vezes a liberdade não abunda.

Na Academia Sporting, todos os entrevistados vão ao encontro desta opinião Jean Paul refere que *"a capacidade técnica está cada vez menos visível nos nossos jogadores. Há menos espaços e não é por acaso que o mercado brasileiro e africano se tornaram tão apetecíveis neste momento. Nesses países e continentes, em função da ordem social, ainda há muito Futebol de Rua.".* Pedro Luz refere que *"o Professor Pedro Mil-Homens costuma utilizar uma expressão que define bem esta questão do Futebol de Rua. Ele diz que nós normalmente não recrutamos miúdos na Avenida de Roma. Isto significa que cada vez mais é raro encontrarmos miúdos a jogar Futebol de Rua e isso tem sido um problema, porque eles passam mais tempo nas aulas, passam mais tempo em casa a fazer outro tipo de actividades motoras que não o futebol e isso depois faz com que (…) haja um maior equilíbrio e cada vez existam menos talentos.".*

Luís Gonçalves, de uma forma muito sucinta afirma que o Futebol de Rua é, sem dúvida, fundamental, no entanto *"há cada vez menos espaço para os miúdos jogarem."*. José Lima corrobora da mesma opinião, referindo que *"devido à sociedade em que estamos inseridos, os espaços começam a rarear, havendo cada vez menos espaços para as crianças poderem praticar futebol na rua.".* Aurélio Pereira concorda com o supracitado e mostra-se mesmo preocupado quanto ao rumo que o futebol está a levar, quando afirma que *"quem está no mundo do futebol não faz muita reflexão sobre o que é que devemos fazer às nossas criancinhas, já que deixamos de ter Futebol de Rua e passamos a ter escolas, e aquele espaço onde os miúdos do meu tempo exercitavam "n" vezes o drible daquele e a finta do outro acabou. Eu, por exemplo, lembro-me de, na minha altura, imitar o Zé Augusto e então passava os dias nisso. Fazíamos isso sem qualquer tipo de pressão. Hoje em dia, os miúdos aprendem a jogar com as mãos na Playstation, às 18h vão para uma escola onde está já um monitor a dizer «pressiona, não deixa jogar; pressiona, não deixa jogar»(…) Mas quem é que lhes diz: «JOGUEM!?».".* A este respeito Aurélio Pereira mostra-se preocupado, quando afirma que *"temo muito que o futebol, daqui por alguns anos, venha a ser uma coisa mecânica. Hoje em dia já começa a ser um pouco. Com tanta organização, com tanto controlo, com tanta preocupação com a posse da bola, mas sem entender que ela se perde cada vez mais rápido.".* Na opinião de Luís Gonçalves, em alternativa ao *Futebol de Rua "deveriam existir escolas de futebol onde se tentassem recriar o ambiente do futebol de rua, 3x3, 4x4,etc (…), sem posições definidas*", porque *"não podemos nestas idades pegar nos modelos dos seniores e começar a fazer treinos específicos.".*

Face a tudo aquilo que foi dito, considera-se serem cruciais as vivências do *Futebol de Rua* antes das crianças integrarem uma escola de futebol ou um escalão de formação de um clube. Julgamos ser também muito importante que os clubes e escolas de futebol reproduzam contextualizadamente algumas características fundamentais inerentes ao *Futebol de Rua* no seu processo de formação, aproveitando desta forma o seu carácter lúdico e formativo.

4.2.2.2. Detecção, selecção e recrutamento de "talentos" – os indicadores padrão de recrutamento

> *"Não há talentos em abstracto. O reconhecimento dos talentos implica quadros de referência."*
> Garganta (2006a)

A revisão bibliográfica permitiu concluir que, se o ideal é formar jogadores inteligentes que sejam facilmente adaptáveis a vários modelos de jogo, torna-se primordial então definir o modelo de jogador pretendido e, a partir, daí recrutar jogadores cada vez mais cedo e que já possuam características favoráveis para atingir esse modelo.

Vários exemplos de indicadores são utilizados por vários clubes mundiais, no entanto o sistema utilizado pelo Ajax parece reunir algum consenso global. É o chamado sistema TIPV (em inglês – TIPS): T simboliza técnica, aquilo que o jogador pode fazer com a bola; I significa inteligência, entendida aqui como cultura táctica; P remete para a personalidade, um aspecto muito importante para os detectores de talentos e formadores do Ajax; V significa velocidade, pois, para jogar no Ajax, é muito importante não só a velocidade simples, mas também é imperioso ter rapidez com a bola nos pés (Lobo, 2003). Não obstante, considera-se que estes indicadores devem estar de acordo com características que queremos ver nos nossos jogadores daqui a alguns anos, o que nos leva a pensar que quanto mais cedo forem recrutados talentos com determinadas características, maior será o seu processo de evolução no clube.

Na Academia Sporting, verificamos que existem princípios bem definidos em relação a esta área e que vão ao encontro das principais ideias pesquisadas na revisão. Assim, e em primeiro lugar, parece pertinente demonstrar que a fasquia do recrutamento está bem elevada, ou seja, só jovens jogadores que realmente são considerados talentos acima da média é que terão oportunidade de conseguir integrar a formação do SCP

Em relação à existência ou não de jovem talento, Aurélio Pereira refere que *"se fizermos essa orientação no sentido da valia técnica, o que normalmente se costuma dizer quando se vê um miúdo de dez anos com uma bola nos pés é que ele é tecnicamente evoluído. Eu não vejo as coisas dessa*

forma. Eu vejo que um talento, como nos diz o dicionário, é alguém que nasce com qualidades naturais para a prática de uma determinada função ou arte. O que ele tem quando nasce e nesses primeiros tempos de prática é habilidade natural" e acrescenta que *"infelizmente, actualmente, a palavra talento está vulgarizada e julgo que, qualquer dia tenho que passar a dizer «super-talento», pois só talento será pouco. Eu para lhe definir um talento, não sou assim tão optimista. Também talvez estejamos habituados a trabalhar com uma fasquia bastante elevada. Portanto, quando um atleta tem uma habilidade natural acima da média, essa é a primeira base para ser um talento, depois vem ao de cima o aspecto mais técnico, mais futebolístico.".*

Em segundo lugar, as características identificadas como fundamentais para que um jovem atleta entre na formação do Sporting estão em total sintonia com aquilo que é o modelo de jogador pretendido pelo clube. Para além disso, existe também a preocupação de realizar o processo de detecção, selecção e recrutamento cada vez mais cedo e em idades em que os atletas tenham grande margem de progressão.

Veja-se então o que alguns dos intervenientes na formação do SCP referem acerca deste aspecto. Aurélio Pereira refere que os indicadores a serem levados em conta no recrutamento de jovens talentos para o SCP são uma habilidade com a bola acima da média, depois a velocidade e por fim o aspecto mental que, apesar de não se conseguir ver numa primeira observação, é o que posteriormente faz a diferença entre os tais jogadores que têm habilidade natural e outras qualidades. O mesmo Aurélio Pereira, em relação à importância da personalidade, relata-nos o caso do Cristiano Ronaldo que "*quando veio aqui treinar à experiência com doze anos (…), depois de observá-lo em campo e realmente ver que tinha qualidades, foi a sua qualidade mental que mais me impressionou e que me levou a escrever o que escrevi na altura (…), pois no segundo dia já conseguia atrair as atenções por parte dos colegas. E a título de exemplo, num treino que realizou com jogadores um ano superiores, a certa altura estava para receber uma bola de costas na área e foi alvo de uma marcação muito apertada, então ele voltou-se para trás e de repente disse «Oh miúdo, tem calma!!!» E isto, para mim, funcionou como um «click» para dar o aval à sua contratação.".*

Sobre o processo de recrutamento, Jean Paul defende que os resultados alcançados demonstram o bom trabalho que tem vindo a ser feito nesta área, referindo que "*avaliando o nosso trabalho, os bons resultados que temos obtido dão-nos razão. Naturalmente que o nosso trabalho é muito influenciado pelo recrutamento, onde somos bastante exigentes. O recrutamento faz-se fundamentalmente em escalões mais baixos, porque também depois, em escalões mais altos, o grau de exigência já é mais elevado."*. Jean Paul considera ainda que só singram no Sporting jogadores excelentes ao afirmar que *"a partir dos sub-16 e sub-17, se não são jogadores em relação aos quais nós perspectivemos possibilidades de integração no futebol sénior, não se justifica nós contratarmos. Isto significa que eles têm que ser melhores do que os que já temos e preencherem também outro requisito, que é vermos neles a capacidade de integrarem a nossa equipa A.".*

Concluímos, então, que o processo de detecção, selecção e recrutamento de talentos reveste-se de grande importância para o Modelo de Formação do SCP. Este processo é realizado com base em indicadores pré-determinados e em idades cada vez mais baixas, aumentando dessa forma a margem de desenvolvimento dos jovens talentos dentro do clube.

4.2.2.3. As Escolas Academia Sporting/Puma: um espaço privilegiado para o recrutamento de "talentos"

> *"Não se trata de como detectar talentos, mas sim, que cenários criar para que os talentos possam despontar e evoluir"*
> Garganta (2006a)

Ao longo deste capítulo, tentar-se-á explicitar os moldes em que se processam estes espaços denominados de Escolas Academia Sporting/Puma, através do seu responsável Diogo Matos, e justificar qual a sua importância para o processo de formação do SCP.

De forma a combinar a tradição do clube, os ensinamentos colhidos ao longo dos anos e a excelente qualidade técnica dos formadores, na época

passada criou-se uma nova iniciativa designada Escolas Academia Sporting/Puma. Através destas escolas, o SCP *"pretende levar a Academia Sporting/Puma a todo o país e colocar a sua experiência ao serviço dos jovens de Portugal, num conceito integrado em que se harmonizam a excelência das instalações, a qualidade das pessoas envolvidas e um conceito divertido, mas rigoroso, com apurado sentido pedagógico de aproveitamento dos tempos livres." (SCP, 2006).*

Diogo Matos, responsável por este projecto, apresenta aqueles que são os principais objectivos, destacando, antes de mais *"a formação desportiva, ou seja, levar a qualidade da formação do Sporting mais longe neste país, ao alcance de várias crianças perto da sua área de residência. Ligado a isto está também a expansão e fidelização do Sporting Clube de Portugal; ou seja, indo mais longe, estamos a marcar presença noutras zonas do país onde até agora tínhamos uma presença mais fraca. Esta fidelização tem a ver com a vontade de nós querermos que os miúdos que pertencem a estas escolas se habituem ao Sporting, equipem à Sporting, venham ao estádio de Alvalade, sejam sócios do Sporting, para que no futuro sejam a nossa massa adepta e quem sabe associativa também.".*

Outro objectivo salientado por Diogo Matos é o recrutamento de talentos*. "As Escolas de Futebol Academia Sporting/Puma não só servem para descobrir talentos mais cedo e mais perto do seu meio familiar, porque eles não vêm para a Academia antes dos treze anos de idade […], mas servem também para dar oportunidade a um jogador de qualidade de qualquer área geográfica. Ele começa a trabalhar e a evoluir dentro do nosso modelo, de acordo com o nosso manual técnico de formação. Portanto, se um desses jogadores com doze ou treze anos ingressar na Academia, ele já não vai estranhar, vai sim sentir que já faz isto durante algum tempo e que a sua evolução tem sido potenciada pelo nosso trabalho. Trabalho esse em que nós acreditamos.".*

O último objectivo referido pelo responsável das Escolas de Futebol Academia Sporting/Puma é a auto-sufuciência*,* que apesar de ser um objectivo secundário é considerado *"um aspecto que é fundamental para nós (…), porque acaba por ser rentável.".*

Quanto à abrangência das escolas, Diogo Matos refere que *"neste momento temos catorze escolas, para o ano vamos tentar ter trinta e eu acho que temos espaço para crescer até um número de cinquenta ou sessenta escolas a nível nacional, incluindo Açores e Madeira. E não vamos descurar a parte internacional onde, inclusive, existem comunidades portuguesas que poderão ser o nosso primeiro passo no estrangeiro."*.

Relativamente ao processo de selecção e recrutamento levado a cabo nas Escolas Academia Sporting/Puma, Diogo Matos refere que *"o treinador de determinada escola que identifique um potencial jogador comunica ao coordenador técnico dessa escola. Esse coordenador comunica ao nosso coordenador técnico da Academia-mãe, o jogador é chamado ao Sporting para fazer alguns treinos com a equipa correspondente à sua idade e, se passar nesse teste, continuará a treinar nessa equipa para ser então observado de uma forma mais específica pelo pessoal do recrutamento. E depois pode ser recrutado ou não."*.

No que diz respeito às competências dos treinadores que estão nas várias escolas, Diogo Matos afirma que pretendem que se garantam um de três requisitos: *"a formação académica, ou então uma formação de treinador, ou ainda alguém que comprove, pela sua carreira profissional, ser uma pessoa interessada e com alguma experiência, que se calhar está agora a começar uma formação quer académica, quer de treinador. Nós assumimos esse risco até à altura em que não seja viável. Se virmos que esse risco assumido foi um erro, voltamos para trás."*. Por outro lado, a própria Academia está já a trabalhar para formar treinadores, como nos revela Diogo Matos quando conta que *"estamos agora a dar passos em frente neste projecto, que é recente, tem um ano e meio, no sentido de criar um certificado para treinadores nas Escolas do Sporting. Ou seja, os treinadores vão realizar uns testes, umas aulas, seguem um plano de formação e depois, no final, ficam habilitados, ou não, a treinar nas Escolas do Sporting."*.

Em relação à metodologia de trabalho utilizada, Diogo Matos, fala acerca da tentativa de criar uma uniformidade de processos entre todas as escolas e entre essas escolas e a Academia, referindo de forma mais específica que *"se for a uma escola no Algarve e a outra no Porto, vai ver que eles trabalham de uma maneira muito semelhante. A nossa ideia é que o trabalho seja quase*

uniforme. […] Portanto, no início, nós entregamos a todas as escolas um manual técnico de formação com aquilo que se deve ou não fazer dos cinco aos catorze anos, com todos os procedimentos necessários para garantir uma evolução sustentada do jogador. Entretanto, temos acções de formação regulares dos coordenadores técnicos de cada escola, que por sua vez formam os treinadores de cada escola. Nós procuramos uma uniformização e este manual técnico que nós entregamos é feito com base no manual de formação da academia. Portanto, não é «chapa» mas tem os princípios básicos que também existem na Academia.".

O coordenador das escolas da Academia acrescenta ainda que existe um aspecto fundamental neste processo que tem a ver com o controlo da maneira de trabalhar dos professores nas diferentes escolas e que constitui *"dos pontos mais importantes do nosso projecto e funciona da seguinte maneira: temos os nossos coordenadores técnicos que visitam regularmente as escolas, elaboram relatórios e corrigem também algumas falhas detectadas. Isto porque nós não podemos hipotecar a nossa mais-valia, que é a parte da instrução. Se hipotecarmos isso, estamos a defraudar todo o nosso projecto e todos os que acreditam nele. Por isso temos muito cuidado com a parte do controlo.".*

Ainda em relação à parte metodológica, Diogo Matos é claro e taxativo, quando refere que em todas as escolas *"as dimensões mais privilegiadas são as técnico-tácticas.".*

Ao analisarmos as afirmações de Diogo Matos, parece-nos existir um fio condutor entre este projecto cada vez mais em expansão e o que se passa com a formação do SCP, senão vejamos: Partindo do pressuposto que o objectivo financeiro é uma consequência do trabalho desenvolvido, as escolas foram criadas essencialmente para servir dois objectivos – promover a expansão e fidelização da marca Sporting e facilitar o processo de detecção, selecção e recrutamento de jovens talentos noutras áreas geográficas que não a Grande Lisboa. No que diz respeito à interacção das escolas com a formação do SCP, parece-nos fulcral remeter para o capítulo que analisámos anteriormente (4.2.2.2), quando referimos que é importante que o processo de detecção, selecção e recrutamento aconteça em idades cada vez mais baixas de forma a que assim haja mais probabilidades de moldar o jogador de acordo

com o modelo de jogador pretendido pelo clube. Com efeito, as Escolas Academia Sporting/Puma parecem ser um espaço privilegiado para que esse processo aconteça com grande sucesso. Se tivermos em conta que as idades abrangidas pelas escolas vão dos cinco aos catorze anos de idade, depreendemos que os jogadores poderão ser referenciados, mas continuam a treinar nas escolas perto da sua residência e da sua família. Se, por ventura, aos doze ou treze anos, continuarem a demonstrar qualidades, poderão então ter a possibilidade de integrar os escalões de formação do SCP da forma já explicada anteriormente.

O facto de as escolas terem apenas jovens dos cinco aos catorze vai um pouco ao encontro de uma ideia que Jean Paul nos transmitiu ao longo da sua entrevista, em que refere que quando pensam em recrutar jogadores pensam sempre em jogadores ainda em idades baixas, para assim terem mais margem de manobra na sua formação.

Se juntarmos ao anteriormente enunciado o facto de o processo de formação desportiva levado a cabo nestas escolas ser determinado pelos modelos vigentes na Academia, seja através da metodologia, da formação de treinadores e até através do controlo existente em todo o processo, reconhecemos então que há uma grande sintonia entre todas as escolas existentes e entre essas escolas e a Academia-mãe, revelando-se assim um projecto de enorme importância na obtenção de cada vez mais qualidade na formação de jogadores para o SCP.

4.2.3. O processo de formação na Academia

4.2.3.1. A sintonia existente entre todos os escalões do departamento de formação e entre estes e o departamento de futebol sénior

> *"Quando um projecto de formação é implementado, torna-se fundamental que os treinadores dos escalões de formação saibam em que direcção ir e saibam também de que maneira podem colaborar com o futebol da equipa principal do clube"*
> Mourinho (2002a:15)

Através das conclusões retiradas da revisão da literatura, apercebemo-nos que para a probabilidade do sucesso na formação de jogadores ser maior, cada clube deveria possuir uma identidade, uma filosofia regida por princípios bem delineados e que fossem do conhecimento de todos aqueles que intervêm no processo, não havendo "espaço" para confusões e mal-entendidos. Tal como refere Oliveira (2003: XXXIII), seria benéfico que houvesse uma grande relação entre os escalões de formação e a equipa sénior, porque no fundo o clube está a formar jogadores para o escalão superior.

Através das entrevistas que se realizaram na Academia Sporting constatou-se que existe um ambiente de total sintonia entre todos os agentes relacionados com o processo de formação, desde os treinadores dos escalões de formação, até aos treinadores da equipa profissional. Ou seja, todos conhecem o modelo de formação do SCP, sabem quais os seus objectivos e os moldes em que se realiza e todos trabalham em prol do mesmo.

Veja-se, então, o que alguns desses agentes referem acerca do processo de formação. Em primeiro lugar, parece pertinente mencionar um aspecto que Jean Paul identifica como um factor-chave no sucesso alcançado pela formação e tem que ver com *"o facto de haver uma grande estabilidade na estrutura técnica",* na medida em que *"os treinadores que estão aqui hoje são praticamente os mesmos que começaram comigo (…) há oito anos.".* O coordenador destaca ainda um aspecto curioso que vai ao encontro da estabilidade referida anteriormente, ao afirmar que *"neste momento, e devido aos muitos anos de trabalho que temos juntos, por vezes são mais os*

treinadores que solicitam as conversas e reuniões comigo, do que propriamente eu com eles. São eles que vêm ter comigo, o que eu acho muito interessante, naturalmente, porque inicialmente eu tinha muito mais preocupações com questões relacionadas com o controlo do treino e hoje tenho menos, pois sei o que cada um faz ou é capaz de fazer.".

Enquanto coordenador, é Jean Paul quem faz a interligação entre os vários escalões de formação e entre estes e a equipa profissional, seja através de conversas informais, reuniões formais ou relatórios escritos. De acordo com o próprio, a ligação entre os vários escalões de formação *"é muito saudável. Por exemplo, pode haver um iniciado a treinar nos juvenis, um iniciado de segundo ano a treinar com os do primeiro ano. Acabámos com a «minha quinta», o «teu quintal». Não existe isso. São todos jogadores da formação, são todos nossos jogadores. Não há os jogadores do treinador A e do treinador B.".*

No que diz respeito à ligação do futebol profissional para o futebol de formação, Jean Paul afirma que isto se faz de forma muito funcional, pois *"funcionamos em áreas bastante abertas, ou seja, não existem aqui grandes empecilhos"*, e além disso *"há reuniões regulares com o futebol sénior, no sentido de eles perceberem a evolução dos jogadores que estão no último escalão que antecede a integração no futebol sénior.".* Paulo Bento corrobora esta opinião, acrescentando que *"apesar das informações chegarem de todos os escalões, aquele a que normalmente se está mais ligado é o escalão abaixo, neste caso os juniores. Isto acontece porque, sendo o escalão mais próximo, também é aquele que tem mais necessidade de um acompanhamento e identificação maio.r".*

Luís Dias manifesta opinião semelhante, quando refere que *"há uma boa ligação da parte profissional com os escalões de formação e, por exemplo, sempre que há chamada de jogadores às selecções ou há lesões no plantel profissional, é normal vários jogadores dos juniores treinarem várias vezes com os seniores, independentemente de serem convocados ou não, da mesma forma que acontece com os outros escalões. Essas fronteiras estão abertas e os jogadores sabem perfeitamente aquilo que podem vir a fazer nas várias equipas.".*

4.2.3.2. Modelo de jogo das equipas de formação

> *"Não faz sentido que a formação esteja constantemente a adaptar-se ao que se passa na equipa A. O que faz sentido é que nós sejamos capazes de formar jogadores aptos para se adaptarem a qualquer modelo de jogo ou sistema, isso sim, faz sentido"*
>
> Jean Paul (2003: XXVIII)

Como foi referido na revisão da literatura, na óptica de um clube formador, o modelo de jogo deverá ser a sustentação da formação, criando e desenvolvendo jogadores capazes de, ao longo do seu processo de formação, interpretarem e vivenciarem as exigências e particularidades encontradas (Leal & Quinta, 2001), permitindo-lhes no futuro terem mais possibilidades de sucesso tanto na equipa principal do clube, como noutras equipas.

Neste seguimento de ideias, e segundo Oliveira (2003: XXXIII), o ideal seria que existisse um modelo de jogo, se são igual, o mais idêntico possível ao dos seniores, de forma a que a passagem dos escalões de formação para o escalão sénior não seja abrupta, mas antes uma passagem completamente lógica.

Os dados recolhidos através das entrevistas realizadas na Academia Sporting/Puma, apesar de estarem em concordância com o aspecto referenciado no primeiro parágrafo deste capítulo, não estão em concordância com o aspecto enunciado no segundo. Ou seja, existe um modelo de jogo para todas as equipas de formação do SCP que lhes serve de base; no entanto, devido ao facto de considerarem que, hoje em dia, a estrutura técnica da equipa profissional pode mudar a qualquer altura, a opção é que o modelo de jogo da equipa profissional seja definido pela equipa técnica que estiver em funções.

Segundo Luís Dias, está perfeitamente definido pelo clube que *"a formação tem um modelo de jogo e a equipa profissional tem outro modelo de jogo, aquele que o treinador principal entender definir.".* José Lima confirma o supracitado, afirmando que *"na formação foi instituído um modelo de jogo e dentro do modelo de jogo existe o nosso sistema de jogo, que é diferente do da equipa principal (…). Mas penso que os jogadores, apesar de jogarem numa*

estrutura diferente daquela em que jogam os seniores, saem da formação preparados para assimilarem rapidamente outra estrutura que esteja a ser utilizada no futebol profissional.". Também Luís Gonçalves corrobora as opiniões dos seus colegas, referindo que a forma da equipa profissional jogar não interfere com a forma dos iniciados jogarem *"porque o modelo de jogo da formação do Sporting está definido, está assimilado e o modelo de jogo da equipa sénior é outro, de acordo com as ideias do treinador que lá estiver (…), hoje é o Paulo Bento, amanhã pode ser outro.".*

Jean Paul, em jeito de conclusão, afirma que, mais importante do que existir um modelo de jogo único para todos os escalões do clube, o fundamental *"é garantir ao futebol sénior que os jogadores que saem da formação cheguem lá com uma cultura táctica tão rica que lhes permita a adaptação a diferentes sistemas, porque eu não consigo conceber e tenho muita dificuldade em perceber (…), o formar jogadores só para jogarem num sistema. Porque depois nós não conseguimos garantir que estes jogadores vão jogar sempre nesse sistema.".*

4.2.3.3. Modelo de treino – as dimensões privilegiadas e a importância do treino como catalizador do talento já evidenciado

"Nós temos definido o nosso Modelo de Jogo com ligação ao nosso Modelo de treino,porque no treino nós treinamos fundamentalmente o Jogo"

Jean Paul (2008)

> *"Só o talento nada resolve. Grandes atletas, treinadores, músicos, escritores, empresários, há muito que nos dizem que mais que mais do que inspiração, o que lhes valeu foi a transpiração inerente à sua entrega de corpo e alma na busca da excelência"*
>
> Araújo (2001)

No seguimento do que já se defendeu na revisão da literatura, a táctica é a vertente que mais parece condicionar os Jogos Desportivos Colectivos (JDC) (Garganta, 1996) e, sendo o Futebol um JDC, concordamos com Oliveira

(1991), quando refere que treinar consiste em criar ou trazer para o treino situações táctico-técnicas e táctico-individuais que o Jogo requisita.

A partir da entrevista que realizamos a Jean Paul, conclui-se que existe uma metodologia instituída na formação do SCP e que todo o trabalho está baseado *"nos princípios de jogo. Estão definidos, nós conhecemo-los e baseamos muito o nosso trabalho nesses princípios.".*

Luís Dias corrobora esta opinião e refere, de forma pormenorizada, que as dimensões privilegiadas no treino são os comportamentos técnico-tácticos, ou seja*, "o nosso planeamento é feito com base nos princípios e conteúdos de jogo, digamos que tem a ver com tudo o que se passa durante o jogo. Depois, sempre que possível, os exercícios de treino estimulam muito também os factores psicológicos, como a concentração, a motivação, a ansiedade competitiva, a competição entre os atletas num determinado exercício, sendo que a base, em si, estimula as capacidades motoras, que estão sempre associadas.".*

José Lima, na mesma linha de pensamento, refere-se a um trabalho integral, afirmando que *"nós aqui, não só nos juniores, como nos outros escalões, trabalhamos tudo integrado. Portanto, damos grande valor a todas as dimensões, sabendo que as questões psicológicas são extremamente importantes para um jogador que está a formar-se. Se o jogador não for psicologicamente forte quando chegar ao futebol sénior, vai ter mais dificuldades em impor-se. Ele precisa de estar preparado em termos mentais para conseguir, principalmente nos maus momentos, tornear as adversidades que irão surgir.".*

Luís Gonçalves defende que, no escalão de iniciados, as dimensões privilegiadas são claramente *"as táctico-técnicas, situações contextualizadas com o jogo. Apesar disso, trabalhamos muito de forma individual e, mais analiticamente, a vertente técnica. Por exemplo, nos aquecimentos fazemos sempre exercícios de técnica individual de muita relação com a bola. O treino físico também começa a ter alguma importância neste escalão, apesar de eu não lhe dar muita atenção, até porque aqui na Academia temos um coordenador do treino físico, o Professor Carlos Bruno Charrua, que faz esse trabalho e que normalmente está em constante diálogo e sintonia com a equipa técnica.".*

Pereirinha refere que durante a sua passagem pela formação do SCP *"apesar de se trabalharem todas as outras componentes, parece-me que aquela em que se incide mais é a vertente técnica.".*

Através da análise do que foi anteriormente enunciado, pode-se concluir que, na Academia Sporting/Puma, o objectivo principal é treinar tendo em conta o contexto do jogo, os princípios básicos de jogo, de forma a que todas as dimensões estejam integradas. Não obstante, as respostas recolhidas na Academia revelam-nos alguma dubiedade quanto àquelas que serão as dimensões consideradas privilegiadas no treino. A título de exemplo, recordemos que Luís Dias destaca as dimensões técnico-tácticas em primeiro lugar, mencionando de forma secundária os aspectos psicológicos; Luís Gonçalves, menciona como dimensões privilegiadas as táctico-técnicas; José Lima, por sua vez, afirma que, apesar de trabalharem tudo de forma integrada, os aspectos psicológicos são aqueles que mais importam e ainda Pereirinha que refere essencialmente, que todas as dimensões são trabalhadas, no entanto, julga que a técnica foi aquela que mais foi privilegiada.

Apesar de parecer existir alguma confusão relativamente à aplicação de conceitos, no que diz respeito à operacionalização do treinador de cada um dos escalões, e a partir daquilo que se observou nos treinos dos diferentes escalões, não existem diferenças significativas na metodologia de trabalho.

Por outro lado, no que diz respeito à importância que o processo de treino tem no desenvolvimento do jogador, todos vão ao encontro daquilo que foi enunciado na revisão da literatura, garantindo que *"o talento potencial pode existir antes do treino, mas o jogador só existe depois disso"* (Garganta, 2006a), atribuindo desta forma uma elevada importância à prática deliberada no processo de desenvolvimento de um talento. Assim, apesar de considerarem a existência de uma perspectiva genética de talento, em que os indivíduos talentosos são naturalmente dotados, possuindo qualidades inatas (Léger, 1986; Pérez, 1993; Howe, Davidson & Sloboda, 1998 cit. por Costa, 2005), consideram também que, essas qualidades podem e são potenciadas com os treinos levados a cabo na Academia.

A este propósito, atente-se no que dizem alguns intervenientes da formação do SCP. Jean Paul alerta para um pormenor muito importante que tem a ver com a importância da técnica individual, quando refere que *"nós*

temos grande preocupação com esse aspecto, em primeiro lugar porque entendemos que na formação o mais importante é o jogador (…), sendo que a organização colectiva é menos importante do que a qualidade ou a capacidade individual técnica do jogador." .

José Lima completa a ideia de Jean Paul, referindo que "*trabalhamos sempre os aspectos integrados, no que diz respeito aos aspectos físicos, técnicos, tácticos e psicológicos. Em relação à técnica, todos jogadores são, podemos dizer, acima da média, em termos nacionais. Porém, continuamos sempre a cultivar, a estimulá-los, porque o jogador pode ser muito bom mas precisa sempre de haver uma assimilação constante para o rendimento dele continuar a ser bom. Portanto, existem muitas alturas em que fazemos trabalho técnico centrado não só com a parte técnica em si, mas também com questões técnicas que têm a ver com situações de jogo."* .

Luís Dias colmata as opiniões anteriores ao afirmar que, apesar de o *futebol de rua* ser uma base importante para a destreza exibida por grande parte dos jogadores do SCP, *"estes jogadores evoluem muito tecnicamente ao longo do tempo que estão connosco na formação.".*

Paulo Bento, por seu lado, chama a atenção para o facto de normalmente se procurar a qualidade técnica, especialmente nos escalões mais baixos, pois *"tudo o resto se pode trabalhar. Com as condições que os jogadores possuem aqui, pode desenvolver-se ainda mais a parte técnica, pode e tem obrigatoriamente que se melhorar a parte táctica (para se chegar aos seniores) e isso tem que ver com a idade. Ou seja, em iniciado, se calhar trabalham-se certos aspectos que nos juniores já não serão tão relevantes, mas serão relevantes outros aspectos.".*

4.2.3.4. O departamento de treino físico – a responsabilidade complementar de optimizar, reabilitar e monitorizar a performance dos jogadores

Tal como se constatou na revisão bibliográfica, o conceito de Academia engloba várias componentes no seu currículo, sendo que uma delas, a parte física, começa a ser considerada por alguns, como Sttraton et al. (2004), como fundamental na optimização do rendimento dos jogadores, quando referem que a componente física existente numa Academia tem a ver, regra geral, com o desenvolvimento e optimização fisiológica dos jovens jogadores, incluindo o desenvolvimento da flexibilidade, força, potência, velocidade, etc.

De forma a tentar explicar quais os moldes do funcionamento deste departamento e qual a sua importância para o sucesso na formação do SCP, socorrer-nos-emos de várias citações do coordenador do Treino Físico, Carlos Bruno Charrua, e também do coordenador da formação dos jovens da Academia, Jean Paul, que atribuiu grande importância a este tipo de treino.

Desde logo, parece importante começar por explicar qual a função de Carlos Bruno Charrua neste departamento. Carlos Bruno refere que a designação da sua função é a de coordenador do treino físico, ou seja, compete-lhe coordenar *"o treino físico das equipas da formação que pertencem à Academia, portanto, dos sub-14 até sub-19. A coordenação do treino físico tem muito que ver com o criar ligação entre os escalões, entre as diferentes idades. Criar ligação também com as equipas técnicas, portanto, articular o trabalho com as equipas técnicas, porque é um trabalho que é, digamos, "separado" do trabalho que é integrado no treino normal das equipas."*.

Dentro deste treino físico, Carlos Bruno esclarece que existem na Academia três formas de intervenção: *"Treino de força que visa a melhoria do rendimento desportivo, que é realizado dentro do ginásio; o treino de força que visa a melhoria do rendimento desportivo também, mas que é feito no campo e ao qual nós chamamos treino reactivo, onde englobamos determinados exercícios; e temos ainda o treino que visa somente a melhoria dos desequilíbrios musculares, a reabilitação ou a prevenção de lesões."*.

Em relação ao treino reactivo, Carlos Bruno informou-nos que desenvolvem um trabalho de treino de coordenação inter-muscular, sobretudo

nos escalões mais baixos, que consiste na realização de *"exercícios de grande frequência gestual, de maior ou menor complexidade em termos coordenativos, que muitas vezes têm que ver com a relação com o próprio corpo, braços, pernas.".* Ainda dentro do treino reactivo existem outros três tipos de trabalho: saltos nível um, saltos nível dois e saltos nível três, e que basicamente diferem os dos outros pela intensidade colocada pelos responsáveis. Assim, "*do salto um para o salto três decresce muito o volume, mas aumenta a intensidade. Os saltos de nível um têm um tempo de voo muito baixo, está-se pouco tempo no ar e os exercícios são quase sempre a dois apoios. Os saltos de nível três, por oposição, são saltos com uma fase aérea muito grande e extremamente agressivos a nível de intensidade."*. Como defende Carlos Bruno, este é um tipo de trabalho que se complementa com o treino de força no ginásio.

Em relação ao trabalho que visa o rendimento desportivo no ginásio, há alguns tipos de exercícios pré-determinados, como o treino hipertrófico e a taxa de pressão de força; o primeiro mais virado para a força explosiva e o outro mais virado para a força de base e força de resistência.

No que diz respeito à parte de prevenção de lesões, existe um tipo de trabalho que é considerado complementar/extra e é feito a partir do escalão sub-17. Carlos Bruno refere que *"esse trabalho extra tem exercícios que privilegiam essencialmente trabalho de tronco, exercícios de pernas para a prevenção de lesões",* mas é sobretudo um trabalho complementar a tudo o resto. Nos exercícios desse treino extra pode recorrer-se a um trampolim para o trabalho proprioceptivo dos membros inferiores e dos abdominais oblíquos, o que é fundamental na prevenção de hérnias inguinais ou de pubalgias, mas há também *"exercícios para o trabalho de tronco que são muito importantes […], porque é notório o aumento da auto-confiança de qualquer indivíduo quando está tonificado. No caso do jogador, essa confiança nota-se mais nos duelos realizados com adversários e nas tarefas motoras do dia-a-dia.".* Por outro lado, ao tonificar o tronco, diminuem-se assimetrias de pernas, que são extremamente negativas.

De forma a clarificar a importância de tonificar o tronco, Carlos Bruno conta que conheceu jogadores profissionais que *"tinham membros inferiores brutais, mas que em cima pareciam empregados de escritório. Alguns deles, se davam uma queda mais aparatosa, não tinham qualquer tecido muscular a*

proteger as articulações e lá era uma clavícula que ia à vida.". Neste sentido, o treino muscular permite dar mais confiança aos jogadores, permite torná-los mais fortes nos duelos, de forma a aguentarem melhor os contactos físicos. Na Academia, procura-se que este trabalho seja o mais individualizado possível. Ou seja, os jogadores podem fazer todos os mesmos exercícios, *"mas não vão fazer todos a mesma carga, porque cada jogador tem a sua capacidade e os seus limites.".*

Relativamente ao tipo de objectivos pretendidos por este tipo de trabalho, segundo Carlos Bruno *"não existem objectivos do tipo físico, como por exemplo, os sub-14 têm que fazer "x" tempo aos dez metros ou aos trinta metros, isso não existe. O que existe é a preocupação em trabalhar a componente física. Tal e qual como os jogadores tacticamente são extremamente diferentes, e por isso é que há bons e maus jogadores, dentro da dimensão física as diferenças também são muitas. Há jogadores que por mais que treinem nunca vão ter a velocidade do Cristiano Ronaldo, mas não é por isso que não poderão ser bons jogadores.".*

Na perspectiva do coordenador do treino físico, este trabalho funciona como um complemento essencial ao serviço da progressão individual, como um meio de comparação para o próprio jogador. De facto, *"os objectivos são motivos de superação individual até porque […] nós, aqui na formação, olhamos muito para o jogador e não para a equipa. Portanto, e agora falando em nomes, o João Moutinho não era o jogador que mais saltava, se calhar estava entre aqueles que menos saltava, e no entanto não foi por isso que deixou de ser bom jogador. Aqui o que fazemos, basicamente, é tentar melhorar o mais possível o atleta. E depois também depende do profissionalismo dos jogadores. O treino acaba, mas há mais exercícios que se podem fazer com a intenção de recuperar de lesões, de reabilitação, exercícios esses que podem ajudar o jogador na sua profissão. E nós tentamos criar essa cultura de treino extra no jogador.".*

Em relação aos objectivos exigidos, as diferenças apresentadas nos vários escalões têm que ver, segundo Carlos Bruno, com as alterações do volume e intensidade de treino, na medida em que os sub-14 apenas fazem exercícios com o próprio corpo, como abdominais, flexões, e têm um trabalho de coordenação inter-muscular realizado no campo. Os sub-15, por sua vez,

continuam com o trabalho de coordenação inter-muscular e iniciam o trabalho de ginásio uma vez por semana, mas *"de três em três sessões, e quando as técnicas base são adquiridas, mudamos de exercícios, com o objectivo de dar aos atletas um ecletismo e um conhecimento alargado do funcionamento dos exercícios para que, quando subirem de escalão, estejam identificados com este tipo de trabalho e não seja necessário estar-lhes sempre a dar indicações e correcções. E mesmo sendo necessário corrigir alguns aspectos, serão já erros pequenos e não grandes.".* A partir dos sub-17, os jogadores começam a trabalhar duas vezes por semana no ginásio (treino de força) e também no campo, dependendo do momento do mesociclo. Além disso, fazem mais uma sessão extra semanal, que é obrigatória, mas que podem gerir de acordo com as suas ocupações e com a própria disponibilidade física e mental. Esse trabalho extra tem exercícios que privilegiam, essencialmente, *"o trabalho de tronco e exercícios de pernas para a prevenção de lesões, mas é sobretudo um trabalho complementar de tudo o resto"* tal como já foi referido em cima. A partir de sub-17 e até à equipa de juniores sub-19, são equipas que entram no alto rendimento e por isso têm uma preparação mais vocacionada para a integração no escalão sénior, pelo que, às vezes, *"essa preparação tem que ser muito forte porque já não há aquele tempo de estágio, aquele tempo de amadurecimento na equipa B.".* A partir dos sub-17, como os jogadores já estão maturacionalmente mais desenvolvidos e *"já têm um trabalho de base realizado em anos anteriores aqui na formação, com naturalidade esses escalões são aqueles que começam a ter o maior volume de treino, uma maior exigência de treino, uma maior intensidade de treino no sentido de os preparar para o nosso objectivo, que é colocá-los no futebol profissional, na equipa A.".*

No que diz respeito à prevenção de lesões, Carlos Bruno considera fundamental o trabalho individualizado efectuado nesse sentido e refere mesmo que *"hoje em dia o futebol é cada vez mais exigente, ou seja, joga-se mais rápido, correm-se mais quilómetros, a exigência é maior a todos os níveis.".* Além disso, também existe a preocupação de se treinar de forma cada vez mais específica e o mais próxima possível de situações reais de jogo. Na visão do coordenador do treino físico se, por um lado, isso é positivo, porque vai aumentar a performance do jogador, por outro lado também é negativo, *"porque cada vez mais a solicitação muscular e articular incide nos mesmos*

grupos musculares.". Segundo Carlos Bruno, este treino pode ser óptimo no sentido de contrabalançar situações em que um jogador tem uns adutores muito fortes e encurtados e, em contrapartida, tem uns abdutores muito fracos, até porque este desequilíbrio entre adutores e abdutores é extremamente prejudicial ao atleta, dado que aumenta o risco de ele contrair determinado tipo de lesão.

Carlos Bruno alerta também para a necessidade de se desmistificarem alguns preconceitos quando afirma que já ouviu "*treinadores conhecidos da nossa praça dizer que não fazem musculação porque se não os jogadores têm rupturas, quando é precisamente o contrário*. *Agora, existem questões fundamentais neste trabalho, nomeadamente saber o que se vai fazer, como e quando. Preparadores e jogadores têm que se saber e que se adaptar*. *É como no treino de futebol no campo – todos os treinadores treinam, mas o que é que eles fazem no treino? Será igual? Portanto, é muito importante a forma como eu faço este trabalho, a forma como integro e interajo com o treino do campo.".*

Apesar de fundamentais, estas questões carecem de experiência e de experimentação. Assim, Carlos Bruno defende que, através do ensaio e do erro, tal e qual como o treinador, é possível ir melhorando o trabalho nesta área. De todo o modo, o coordenador confere à preparação física um grande destaque, ao referir que graças ao trabalho físico, *"a incidência em lesões musculares este último ano foi reduzida de uma forma extrema. Temos 135 jogadores de formação na Academia (iniciados, juvenis e juniores) e a incidência de lesões musculares foi mesmo muito baixa, tivemos 5 ou 6 problemas de rupturas."*.

Relativamente à recuperação de lesões, Carlos Bruno salienta que existem diferenças entre um jogador que já está recuperado de determinada lesão e entre aquele que está pronto para integrar a competição com normalidade. Com efeito, uma das funções deste coordenador é, a par da recuperação física, a recuperação mental. Neste sentido, Carlos Bruno faz uma distinção clara entre recuperação clínica e recuperação total. A recuperação clínica acontece quando, após uma lesão, o jogador fez os tratamentos e já está tudo bem, não tem dores. Mas outra coisa é a recuperação total, a recuperação adaptativa para que ele possa ser colocado num treino de futebol. De uma situação para a outra, existem várias etapas que têm que se seguir e

que são fundamentais no sucesso do tratamento de uma lesão desportiva. Isto é, muitas vezes, "*um atleta pode ser bem operado, ter um bom processo de desinflamação de electroterapia, ter já até uma cicatriz notória… mas se não se respeitam os estádios de progressão, é meio caminho andado para ele chegar lá e voltar a ressentir-se e voltar a lesionar-se. Portanto, esta é uma preocupação que nós temos e tentamos, então, que a recuperação seja progressiva até à integração completa no treino normal.".*

De acordo com Carlos Bruno, o processo de adaptação realizado antes de o jogador integrar a competição faz-se através de movimentos específicos que acontecem no jogo, isto é, *"passe, recepção, desmarcação, travagens, acelerações, impulsões e sempre exercícios com bola. Em primeiro lugar, isto vai-lhe dar condição física, porque ele teve algum tempo parado; em segundo lugar, vai-lhe dar confiança, pois são exercícios que ele já não experimentava há algum tempo, mas que se integram logo no treino de campo propriamente dito.".*

Relativamente ao desenvolvimento deste trabalho, Jean Paul considera que *"o trabalho do Carlos Bruno está a ser fenomenal.".* Apesar de há alguns anos atrás ser contra este tipo de treino no ginásio, hoje é um acérrimo defensor deste trabalho, porque como refere *"vi resultados nesse «campo». Os nossos jogadores tornam-se mais fortes nos duelos e isso tem reflexos noutras questões, tornam-se muito mais confiantes no seu jogo.".* Além disso, se os jogadores ganharem os duelos de forma constante, isso transmite-lhes confiança.

Outro tipo de trabalho realizado por este departamento está relacionado com a existência de alguns indicadores de referência para a avaliação e monitorização de jogadores. Carlos Bruno refere que inicialmente se procede, de uma forma muito simples, a uma avaliação antropométrica periódica. Existem três alturas no ano em que fazem medição de peso, altura e altura sentado e ainda perímetros bicipital, crural e geminal para os escalões mais novos. Além destes parâmetros de avaliação, existe, para as equipas mais velhas (sub-19), a medição da percentagem de massa gorda.

Em relação ao aspecto maturacional, Carlos Bruno explica que todos os atletas sub-14 e sub-15 fazem o teste da predição da altura – raio-x ao pulso.

Relativamente a indicadores fisiológicos, o coordenador do treino físico refere que todos os anos, uma semana depois de os treinos terem começado, é realizado um teste de consumo de Vo_2máx no escalão de sub-19. No que diz respeito à medição da frequência cardíaca, Carlos Bruno afirma que a utilizam para monitorizar a sessão de treino, ou seja, *"temos uma escala de intensidade que vai desde o valor um (muito fraco – treino de recuperação) até ao cinco (muito alto – jogo). Num treino, o treinador prevê uma determinada intensidade de um a cinco e nós monitorizamos seis ou sete atletas, para verificar qual foi o impacto da intensidade para eles. Por exemplo, se o treinador previu uma intensidade de três para essa sessão de treino e os jogadores dizem que foi de cinco, pode ter acontecido que os jogadores estivessem cansados e a sua frequência cardíaca tenha aumentado.".* De uma forma geral, o que fazem realmente é monitorizar e responsabilizar o atleta, alertando-o para que controle a sua intensidade de treino.

4.2.3.5. Modelo de treinador – a formação interna de treinadores

"O papel do treinador não deve, assim, ser entendido nos limites restritos do «técnico», do instrutor ou do adestrador, pois dele se espera que seja capaz de liderar o processo global de evolução dos atletas a seu cargo, induzindo a transformação e o refinamento dos comportamentos e atitudes, na procura do rendimento desportivo e do desenvolvimento pessoal e colectivo"
Garganta (2004)

"Uma parte importante do património de um clube é a capacidade de formação dos seus técnicos. Por esta mesma razão recomenda-se que se criem nos clubes formações para os seus treinadores."
Wein (2000, cit. por Losa, 2007)

Como se constatou na revisão bibliográfica, hoje em dia, o processo de ensino-aprendizagem na formação de jogadores no futebol não pode ter na sua orientação um qualquer indivíduo que se diz treinador, mas que no entanto não possui quaisquer competências específicas para o fazer. Sendo assim, treinadores com maior conhecimento acerca do desenvolvimento da criança e

com experiência no treino de jovens têm mais hipóteses de ajudar jovens jogadores de futebol a encontrar o seu potencial (Stratton, Reilly, Williams, & Richardson, 2004). Pacheco (2001) acrescenta ainda que o treinador ideal para os jovens será aquele que simultaneamente tenha experiência como praticante desportivo e tenha também uma formação própria que o habilite a treinar jovens futebolistas.

Na Academia Sporting/Puma, os dados recolhidos vão ao encontro do que se encontrou na literatura, sendo que, para se ser treinador nos escalões de formação do Sporting, é fundamental e imprescindível que se tenha uma formação, seja ela académica, ou através de um curso de treinadores. A este propósito, Jean Paul esclarece que *"aqui no Sporting, nós temos procurado integrar licenciados (…), nós temos um protocolo com a FMH e a FMH todos os anos encaminha para cá estagiários. Depois, em função do desempenho deles, vamos vendo os que são organizados, os que têm disponibilidade, os que têm competência técnico-cientifica, os que são persistentes, pacientes, há aqui toda uma série de requisitos que nós vamos procurando perceber neles todos os dias, naturalmente sob um ponto de vista de avaliação.".* E acrescenta que não fazem questão de que os treinadores tenham formação via FMH ou académica, um curso de treinadores basta, *"embora pensemos que a formação que é fornecida nos cursos de treinadores não era a ideal, mas as coisas têm vindo a mudar*. *Agora o que nós fazemos realmente questão é que as pessoas tenham uma formação, isso é imprescindível.".*

Através da literatura existente, apercebemo-nos também que existem cada vez mais clubes que optam por criar uma espécie de modelo de treinador formado pelo próprio clube, em função de toda a filosofia do clube. Assim, considera-se essencial que os vários agentes ligados a um processo de formação tenham a mesma concepção de jogo, de treino e de jogador, visualizando desta forma a formação pelo mesmo prisma (Leal & Quinta, 2001). Seguindo este ponto de vista, considera-se pertinente criar no futebol a figura do educador/treinador estagiário para que, junto de treinadores já qualificados, possa adquirir experiência da prática e alguns conhecimentos relacionados com o futebol (Pacheco, 2001).

Na formação do Sporting, é exactamente isto que acontece, ou seja, existe, como já referimos anteriormente, um encaminhamento de estagiários

para as equipas de formação do Sporting que posteriormente, e se for o caso, recebem formação por parte do clube de forma a ficarem identificados com a filosofia do clube. E, de uma forma geral, o que se procura, segundo Jean Paul, é transmitir aos estagiários que chegam "*que eles vêm, não para fazer uma passagem sem sentido, mas para integrar uma equipa de trabalho. O que faz sentido é eles passarem por cá e, havendo oportunidade, ficarem cá. Neste momento, os treinadores que passaram por cá como estagiários estão no departamento de «scouting», e são pelo menos cinco. Lá está, demos-lhes formação de acordo com o nosso modelo de jogo, modelo de treino, a nossa concepção da formação e a área do treino de guarda-redes.".* Pedro Luz acrescenta que se criou "*há dois ou três anos, aquilo a que nós chamamos «jornadas técnicas» ou «jornadas médicas», onde internamente, e apenas para uso interno, criámos um conjunto de acções de formação dadas pelos nossos coordenadores ou por alguém de fora. Estas jornadas permitem precisamente desenvolver e dar formação aos nossos treinadores, sobretudo aos treinadores, mas também já fizemos em relação aos médicos e fisioterapeutas uma acção relacionada com esta parte médica.*".

Desta forma verificamos que, na formação do SCP, para além de se pretender uma unificação de conceitos no que diz respeito aos treinadores, tenta-se também transportar isso para outras áreas, neste caso concreto a medicina.

4.2.3.6. A família – parte integrante do processo de formação

"Há um número assustador de pais, espectadores que influenciam negativamente os filhos."
Almeida (2005)

"O papel dos pais passa por não interferir nos papéis dos outros adultos relevantes no contexto educativo e desportivo dos filhos (…), apoiar os seus filhos e trabalhar a motivação, reforçando aquilo que fazem bem."
Almeida (2005)

Com base na pesquisa na literatura, conclui-se que sempre que uma criança inicia a sua formação desportiva e integra um determinado desporto, é inevitável o envolvimento e apoio que existe por parte das suas famílias (Byrne, 1993). A título de exemplo, Almeida (2005) alerta para algumas situações mais dramáticas resultantes da participação dos pais no desporto, referindo que *"existe um número assustador de pais que têm a capacidade de influenciar negativamente os filhos, seja projectando neles o desejo de virem a ser futuros craques, quer seja por razões económicas, sonhos não realizados ou outros, e também de interferir no trabalho dos treinadores, fazendo-lhes reparos, dando instruções aos filhos durante os jogos que são contrárias às que as crianças receberam.".* No entanto, parece evidente que a experiência desportiva será muito mais agradável e terá muito mais sucesso para todos se as relações entre treinadores, crianças e pais forem cultivadas de forma cuidadosa (Byrne, 1993).

Na Academia Sporting/Puma, todos atribuem um papel muito importante à família, como já pudemos referir em capítulos anteriores – e em situações de longa permanência sem ver a família os jogadores são mesmo aconselhados a visitá-la, tendo até, por vezes, que deixar de realizar um jogo – não obstante, também detectam muitas vezes problemas preocupantes relacionados com este aspecto.

Sobre este assunto, atente-se nas palavras de Jean Paul quando refere que os miúdos só vão viver para a Academia no caso de serem estrangeiros ou então de viverem longe da Academia, porque se não *"preferimos que eles*

fiquem com as famílias.". Quando algum miúdo fica efectivo na Academia, Jean Paul refere que há a preocupação de se fazer *"uma reunião com os pais dos miúdos (…), onde nós explicamos o que é que pretendemos dos filhos, o que pretendemos dos pais, de que forma é que a vida deles se processa aqui na Academia, em que é que nós somos mais intervenientes ou menos. Há uma explicação prévia do que se vai passar.".* Porém, Jean Paul confessa que poderia haver ainda mais preocupação na criação de uma ligação com os pais e explica-nos que muitas vezes isso não acontece porque os pais agem de forma tão inadequada com determinados assuntos, que os deixa frustrados e sem vontade de evoluír nessa ligação. A título de exemplo, Jean Paul refere-nos que *"num país que atravessa algumas dificuldades, as pessoas projectam nos filhos a possibilidade de terem acesso a um estatuto social um pouco mais elevado e apostam muito nisso e depois geram expectativas muito elevadas e colocam nos miúdos alguma pressão. Já tivemos casos até muito aborrecidos, nomeadamente o de um miúdo, que até nem foi nesta fase da Academia, mas que esteve comigo no clube satélite e era um bom jogador. Ele quando veio trabalhar comigo tinha 16 anos e tinha sido um dos melhores jogadores no campeonato do mundo de sub-17. No entanto, os pais vieram viver com ele, deixaram de trabalhar e pronto, acabaram por provocar no miúdo uma pressão de tal ordem que «deram cabo» do miúdo. E eu avisei o pai: «vocês vão dar cabo da vossa galinha dos ovos d´oiro! Porque é disso que se trata. Vocês deixaram de trabalhar, vocês não fazem nada. Quem está a receber para garantir a subsistência da família toda é o vosso filho e assim ele não consegue». E este caso foi de tal ordem preocupante que o miúdo foi posteriormente hospitalizado com problemas de ordem psicológica, teve um esgotamento. E tudo por causa da pressão exercida pelo pai. Foi muito desagradável…*". Noutros casos, Jean Paul refere que os pais querem é que o filho jogue no sábado ou domingo, retirando dessa forma toda a importância que os estudos têm na formação do seu filho.

Para colmatar estes comportamentos inadequados por parte de pais e familiares, Jean Paul contou-nos que nesse fim-de-semana iriam realizar uma sessão de formação para os pais, no sentido de os informar e de fortalecer laços. Pedro Luz também nos fala acerca desta formação que iria realizar-se para os pais e que consiste *"numa acção de formação relativa ao apoio e*

controlo dos pais no Desporto. É uma área em que nós precisamos de melhorar um pouco, porque os pais são fundamentais neste processo de formação desportiva e portanto vamos tentar dar-lhes alguma formação, se é que isso é possível, na área relacionada com o apoio dos pais aos seus filhos.". Luís Dias completa tudo o que já foi referido afirmando que *"eu não diria que os pais são um problema, eu diria que, muitas vezes, os pais não têm formação para fazer um trabalho de acompanhamento de um jovem atleta. Este passo também estamos a dá-lo aqui no Sporting e no próximo domingo vamos ter uma formação para os pais. Não porque estejamos preocupados com aquilo que eles dizem ou façam nas bancadas, mas porque estamos preocupados com aquilo que eles possam fazer ou dizer depois de um jogo ou depois de um treino, ou ao ir para um jogo ou treino, mais por isso.".*

Constatámos, assim, que a intervenção da família no processo de formação dos jogadores assume uma grande importância e que a Academia do Sporting, consciente da necessidade de integrar a família nesse processo, manifesta preocupações a este nível, organizando sessões de esclarecimento que contribuem para formar os pais, por um lado, e para estreitar os laços entre a instituição e a família, por outro.

4.2.4. O processo pós – Academia: as causas da facilidade na integração e adaptação à equipa profissional e até a outras equipas de top

Depois de tudo aquilo que foi referido anteriormente, parece-nos importante analisar quais são as opiniões dos entrevistados relativamente às causas que levam, regra geral, à fácil integração e adaptação da maioria dos jogadores que saem da formação do SCP à equipa profissional ou até a outras equipas de top.

De uma forma global, Pedro Luz realça todo o processo levado a cabo na formação, quando refere que *"só é possível ter sucesso neste projecto se todos os factores estiverem conciliados no mesmo objectivo, a começar pelo recrutamento, passando por toda a estrutura de formação, pelos treinadores, pelas equipas e mesmo pela direcção da Academia, que suporta e dá apoio aos treinadores, garantindo uma estabilidade que é muito importante.".*

Jean Paul, tal como Pedro Luz, destaca a importância da estabilidade existente na estrutura técnica, que já trabalha com ele há oito anos, e ainda a capacidade que existe, por parte dos formadores pertencentes ao Sporting, de actuar sobre a estrutura mental e a cultura táctica do jogador. Relativamente a este aspecto, Jean Paul afirma que *"sem uma estrutura mental forte, uma estrutura mental que suporte os problemas que a competição coloca, não vejo como será possível nós conseguirmos formar jogadores. Porque o nosso objectivo não é formar jogadores para jogar na 2ª Divisão B, apesar de alguns não conseguirem chegar onde nós pretendemos. Mas o objectivo é formar jogadores de alto nível capazes de entrarem na equipa A.".* E acrescenta que notava que os jogadores antigamente *"chegavam ao futebol profissional com uma cultura táctica muito rudimentar e também com uma estrutura mental muito frágil.*". Porém, agora *"começamos a sentir que os jogadores são muito mais competentes."*

Paulo Bento também atribui a causa de tão boa adaptação a um processo global que é efectuado com muita qualidade na Academia e não tanto a aspectos específicos. Além disso, o treinador realça a importância de boa preparação ao nível mental e ao nível táctico, na chegada à equipa profissional,

referindo que a facilidade de integração está relacionada com *"a qualidade dos jogadores, porque são bons jogadores, porque durante o seu trajecto de formação são trabalhados nos vários itens para poderem chegar aos seniores em boas condições, sabendo que (e esta parte está mais relacionada com o lado psicológico), como disse há pouco, nem todos vão ser jogadores do Sporting.".*

Na opinião de Pereirinha, as principais causas têm a ver com o trabalho de recrutamento que é realizado, bem como com as boas condições existentes hoje em dia, tanto a nível de infra-estruturas, como a nível material e até humano.

José Lima assegura que as causas de tão boa adaptação estão ligadas, acima de tudo, à preparação mental que é levada a cabo durante toda a formação, ou seja, *"tentamos fazer-lhes ver que vão encontrar dificuldades e têm que estar preparados para isso. Ou seja, é necessário haver uma boa preparação para o futebol que vão encontrar em termos profissionais"* e acrescenta ainda que o facto de os jogadores já serem muito evoluídos quando chegam ao Sporting lhes permite *"uma margem de progressão muito grande e por isso, mais cedo ou mais tarde, acabam por conseguir uma boa integração.".* Este aspecto leva-nos a pensar que, tal como Pedro Luz e Pereirinha, também José Lima partilha da opinião que o recrutamento dos melhores jogadores é um factor muito importante para o sucesso existente na formação do SCP.

Luís Gonçalves vai ao encontro da opinião de José Lima quando menciona que *"nós privilegiamos um certo tipo de jogadores quando os recrutamos e que passa, inevitavelmente, por terem uma boa relação com bola. Também cultivamos a questão da cultura táctica, o jogador que pensa, ou seja, quando procuramos um jogador, não excluímos os jogadores que são baixinhos, mas privilegiamos aqueles que são rápidos, inteligentes e com boa relação com bola.".*

Luís Dias acrescenta alguns dados que parecem importantes quando refere que "é *essencial não queimar etapas, não fazer da competição um fim, mas um meio para se chegar ao alto rendimento. Não vale ganhar a todo o custo.".* E confirma ainda que também é fulcral, para alcançar sucesso no futuro, *"uma grande articulação existente entre a escola e o futebol.".* Acima de tudo, Luís Dias dá-nos a entender que considera "*o jogador como um todo e o*

desenvolvimento da sua personalidade de forma complexa é que está na base deste sucesso.".

Por último, apresentamos as considerações de Aurélio Pereira, que dá grande importância à qualidade dos jogadores que entram para a formação do Sporting, pensando que *"a mais-valia dos jogadores que aqui entram, esse é o primeiro ponto de partida, pois somos rigorosos a escolher os nossos atletas.".* Na opinião de Aurélio Pereira, outro aspecto que consideram determinante para o sucesso é *"o verdadeiro acompanhamento em estruturas de apoio em relação ao jovem atleta. Nós consideramos que o estudo e a disciplina são fundamentais. Portanto, procuramos dar ao atleta uma boa formação e acima de tudo fazer com que ele se consciencialize, não de uma forma brusca, mas de uma forma segura, do que é ser jogador.".*

Considerando como sucesso na formação do SCP a colocação de jogadores provenientes dos escalões de formação na equipa profissional, o elencar destas causas de sucesso por parte dos entrevistados dá a ideia de que, mais do que um aspecto em específico, a formação do SCP é consequência da interacção das várias componentes existentes na Academia.

No entanto, parece ser dado alguma ênfase à qualidade já demonstrada pelos jovens jogadores quando são recrutados para os escalões de formação do SCP, e também à preparação mental a que os mesmos estão sujeitos durante todo o processo de formação.

5. Conclusões

Tendo por base os objectivos do presente estudo, e sem prejuízo de outros entendimentos ou leituras, face ao exposto na revisão da literatura e na análise e discussão das entrevistas, chegamos às seguintes conclusões acerca dos moldes em que é desenvolvido o Modelo de Formação levado a cabo na Academia Sporting/Puma:

⇒ A administração do SCP tem como princípio bem definido e prioritário a aquisição de jogadores provenientes dos escalões de formação para a equipa profissional;

⇒ Os dois objectivos pretendidos são, em primeiro lugar, a formação de jogadores com qualidade para a equipa principal e em segundo lugar, a formação de homens;

⇒ As várias componentes existentes na Academia correspondem às áreas Táctico-Técnica (Departamento Técnico), Física (Departamento do Treino Físico), Psicológica/Comportamental (Gabinete Psico-Pedagógico), Nutricional (Gabinete Médico) e Recreação e Lazer (Actividades Lúdico-Recreativas);

⇒ Apesar de, por si só, não ser considerada como muito relevante para o sucesso do SCP na formação de jogadores, a criação da Academia Sporting/Puma, fez com que passasse a haver, para além de magníficas infra-estruturas, um maior acompanhamento e apoio a toda a formação dos jovens, possibilitando assim que, no futuro, possam surgir mais jogadores com a qualidade já evidenciada anteriormente e, consequentemente, melhores resultados desportivos;

⇒ A ênfase colocada na formação está direccionada para um desenvolvimento holístico, isto é, não interessa apenas o desenvolvimento futebolístico dos jovens, mas também a sua formação académica;

⇒ São enfatizados, o desenvolvimento e a formação de jogadores inteligentes, capazes de agir por si próprios, que no final do processo de formação estejam preparados para se adaptar a vários modelos de jogo;

⇒ Tendo em conta a excessiva organização e as pressões existentes no futebol de formação actual, considera-se serem cruciais as vivências do *Futebol de Rua* antes das crianças integrarem uma escola de futebol ou um escalão de formação de um clube. É também muito importante que os clubes e

escolas de futebol reproduzam, de modo contextualizado, algumas características fundamentais inerentes ao *Futebol de Rua* no seu processo de formação, aproveitando desta forma o seu carácter lúdico e formativo;

⇒ O processo de detecção, selecção e desenvolvimento de talentos reveste-se de grande importância para o modelo de formação do SCP. Tal processo é realizado com base em indicadores pré-determinados, e em idades cada vez mais baixas, aumentando dessa forma a margem de desenvolvimento dos jovens talentos dentro do clube;

⇒ O processo de formação desportiva levado a cabo nas Escolas Academia Sporting/Puma é determinado pelos modelos vigentes na Academia, seja através da metodologia, da formação de treinadores e até do controlo existente em todo o processo. Reconhece-se que existe uma clara sintonia entre todas as escolas existentes e entre essas escolas e a Academia-mãe revelando-se assim um projecto de elevada importância na ”construção” de jogadores com qualidade para o SCP;

⇒ Existe, entre todos os agentes relacionados com o processo de formação, uma forte cumplicidade em relação aos objectivos e aos métodos utilizados , desde os treinadores dos escalões de formação, até aos treinadores da equipa profissional;

⇒ Verifica-se a existência de um modelo de jogo para todas as equipas de formação do SCP que, embora lhes sirva de base, é diferente do modelo de jogo da equipa principal;

⇒ O modelo de treino de todos os escalões de formação pertencentes à Academia Sporting/Puma configura-se tendo em conta o contexto do jogo, os princípios básicos de jogo, de forma a que todas as dimensões estejam integradas;

⇒ Todos os entrevistados concordaram em afirmar que, apesar de considerarem a existência de qualidades inatas nos jogadores que chegam ao SCP, essas qualidades são potenciadas com os treinos levados a cabo na Academia Sporting/Puma;

⇒ O Departamento do Treino Físico é responsável pelo trabalho complementar de optimização, prevenção, reabilitação e monitorização, realizado ao nível físico, a todos os atletas pertencentes às equipas de

formação da Academia Sporting/Puma. Não existem objectivos físicos, existe sim a preocupação em trabalhar a componente física como um complemento essencial ao serviço da progressão individual, e também como um meio de comparação para o próprio jogador. Para além disso este departamento é também responsável pela monitorização e avaliação das capacidades dos atletas;

⇒ Os resultados desportivos não são entendidos como um fim em si, mas sim como meios para atingir um fim, que é a formação do atleta;

⇒ Para se ser treinador das equipas dos escalões de formação do SCP é fundamental e imprescindível que se tenha uma formação, seja ela obtida pela via académica, ou através de um curso de treinadores. De forma a todos os treinadores ficarem identificados com a filosofia do clube procede-se também a uma formação contínua interna;

⇒ A Academia Sporting/Puma manifesta preocupações com a relação familiar, organizando sessões de esclarecimento que contribuem para formar os pais, por um lado, e para estreitar os laços entre a instituição e a família, por outro;

⇒ Mais do que uma ou outra condição *per se*, o sucesso da formação dos jogadores no SCP parece resultar da interacção de várias condições proporcionadas na Academia. No entanto, é dada alguma ênfase à qualidade já demonstrada pelos jovens jogadores quando são recrutados para os escalões de formação do clube, bem como à preparação mental a que os mesmos são sujeitos durante todo o processo de formação levado a cabo na Academia.

6. Sugestões para Estudos Futuros

A realização de qualquer estudo tanto aclara questões como aponta outras.

Neste sentido e apesar de sentir que existem já alguns estudos realizados com preocupações idênticas, seria interessante aprofundar e/ou explorar alguns temas que aqui foram referenciados, como por exemplo:

⇒ Realizar um estudo comparativo entre os modelos de formação dos três clubes "ditos" grandes de Portugal (SCP, FCP e SLB);

⇒ Realizar um estudo comparativo entre o modelo de formação de um clube português e um clube estrangeiro;

⇒ Explorar a temática relacionada com o perfil de treinador, aferindo os respectivos modelos de instrução no âmbito do desenvolvimento de um melhor entendimento do jogo;

⇒ Realizar um estudo comparativo nas equipas de formação de um clube, de forma a verificar a existência de alguma relação entre aqueles jogadores considerados mais aptos/evoluídos e as suas origens no *futebol de rua*.

7. Referências Bibliográficas

Adriaanse, C. (1996). *Ajax: Na Antecâmara do Olímpo. A Bola*, 19-21.

Ajax. (2008). *Youth Teams.* Consult. 28 de Fevereiro de 2008, [em linha]: http://english.ajax.nl/web/show/id=49516.

AjaxUSA. (2001). *Interview with Kees Zwamborn.* Consult. 31 de Março de 2008, [em linha]: http://www.ajax-usa.com/ajax/youth/kees_interview042601.html

Aleixo, A. (Ed.). (1979). *Inéditos.*

Almeida, G. (2003). *Congresso Mundial: o que há em comum nas academias de Sporting e Manchester*. [em linha]: http://www.maisfutebol.iol.pt/noticia.php?id=301464&div_id=1457

Almeida, P. (2005). *Como se faz um futebolista? notícias magazine, 25 de Julho de 2005,* 25-35.

Alves, G. (2004). *Camacho. Um ano e meio à Benfica*. Porto: FUBU Editores.

Alves, J. (2007). *Modelo de Jogo Único. A Bola*, p.10.

Alves, S. (2003). *Deco: O preço da glória*. Estoril: Editora Prime Books.

Antão, N. (2006). *A Visão dos Treinadores na Formação de Futebol*. Porto: Papiro Editora.

Araújo, D. (2004). A insustentável relação entre talento e peritos: talento epigenético e desempenho emergente. *Revista Treino Desportivo, 6,* 46-58.

Araújo, J. (2001). *Competição, factor de progresso. O Público*, 9.

BBC. (2007). *BBC Football Focus: English Academy & Sporting Academy.* Consult. 11 de Março de 2008, [em linha]: http://www.youtube.com/watch?v=WJeJXwosZ5o

Bento, J. O. (1992). *Reabilitação do princípio do rendimento para o Desporto de Crianças e Jovens. Treino Desportivo, 23*, p. 25-34.

Bento, J. O. (2004a). *Futebol de Muitas Cores e Sabores: Olhares e Estados de alma*. In (pp. 195-218). Porto: Campo das Letras.

Bento, J. O. (2004b). *Desporto: Discurso e substância*. In. Porto: Campo das letras.

Bento, J. O. (2006). *Conceito de Formação*. In G. Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do desporto* (pp. 45-46). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Bento, J. O., Graça, A., & Garcia, R. (1999). *Contextos da pedagogia do desporto*. In (pp. 19-110): Livros Horizonte.

Bento, P. (2007). *Melhores condições de trabalho mais possibilidades de ter sucesso. Jornal O Jogo*, 7.

Botelho, M., Costa, J. C., Fonseca, A., & Garganta, J. (2002). *Inteligência e conhecimento específico em jovens futebolistas de diferentes níveis competitivos. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, vol. 2, nº 4,* 7–20.

Byrne, T. (1993). *Sport: It´s a Family Affair.* In Martin Lee (Ed.), *Coaching Children in Sport* (pp. 39-47). London: E & FN Spon.

Cardoso, J. (2008). *Escola de Futebol do S. C. Braga - A criar um Clube Campeão*. *Futebolista, Nº 30 - Fevereiro*, pp. 88-91.

Carraça, A. (2003). *Os jogadores e o negócio do futebol. Magazine Doze, Ano I, nº22*, p. 82.

Carraça, A. (2005). *Como se faz um Futebolista? notícias magazine,* 36-49.

Carriço, D. (2007). *Aqui podemos sonhar alto. Jornal O Jogo*.

Coelho, J., & Pinheiro, F. (2004). *Futebol de Muitas Cores e Sabores: História do Futebol em Portugal (1888-2004)*. In (pp. 33-53). Porto: Campo das Letras.

Constantino, J. M. (2002). Um *novo rumo para o desporto: Ainda a Formação.* In (pp. 152-153): Livros Horizonte

Costa, R. (2005). *O caminho para a expertise – a prática deliberada como catalisadora do processo de formação dos expertos em Futebol*. Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Cruyff, J. (2004). *Cruyff ensina as técnicas básicas.* [em linha]: http://pt.uefa.com/news/newsid=152124,printer.htmx.

Cunha, J. (2007). *Formar Para a Excelência em Futebol. Estudo Comparativo entre a percepção de Jogadores e Treinadores, sobre a Importância dos Factores do Treino, Durante o Processo de Formação.* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade do Porto da Universiadade do Porto.

DN Desporto. (2005). *Clubes forçados a cumprir metas de formação.* Consult. 15 de Dezembro de 2007, [em linha]: http://dn.sapo.pt/2005/04/22/desporto/clubes_forcados_a_cumprir_metas_form.html.

Erickson, D. (2004). *Molding young Athletes: How parents and coaches can positively influence kids in sports*. Oregon, Wisconsin: Purington Press.

Ericsson, K. A. (2003). *Development of Elite Performance and Deliberate Practice.* In *Expert Performance in Sport: Advances in Research on Sport Expertise*: Human Kinetics.

Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Römer, C. (1993). *The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. Psychological Review, 100*(3), 363-406.

Fc Barcelona. (2003). *La Masia.* Consult. 27 de Fevereiro de 2008, [em linha]: http://www.fcbarcelona.com/web/english/club/club_avui/territori_barca/la_Masia/lamasia.html.

Ferreira, V. (1978). *Invocação ao meu corpo*. Lisboa: Livraria Bertrand

Fonseca, H. (2006). *Futebol de Rua, um fenómeno em vias de extinção? Contributos e Implicações para a aprendizagem.* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Frade, V. (1985). *Alta Competição no Futebol: Que Exigências de tipo Metodológico?* Porto: ISEF-UP.

Frade, V. (2004). *Apontamentos das aulas de Metodologia de Futebol I (não publicados).* Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Franco, F. S. (2007). *Saída de Nani é uma "machadada enorme".* Consult. 23 de Fevereiro de 2008, [em linha]: http://www.maisfutebol.iol.pt/noticia.php?id=821231&div_id=1457.

Franks, A., Williams, A. M., Reilly, T., & Nevill, A. (1999). *Talent Identification in Elite Youth Soccer Players: Physical and Physiological characteristics*. *Journal of Sports Sciences*, 17, 812.

Fulham Football Club. (2003). *What is the Academy?* Consult. 27 de Fevereiro de 2008, [em linha]: http://www.fulhamfc.com.

Garganta, J. (1986). *A preparação do jovem futebolista* (C.M. Oeiras ed.). Oeiras.

Garganta, J. (1996). *Modelação da Dimensão Táctica do Jogo de Futebol*. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e Táctica nos JDC* (pp. 63-82). FCDEF-UP: CEJD.

Garganta, J. (2004). *Futebol de Muitas Cores e Sabores: Atrás do Palco, nas Oficinas do Futebol.* In (Porto. Campo das Letras. ed., pp. 227-233).

Garganta, J. (2004a). *A formação Estratégico-Táctica nos jogos desportivos colectivos de oposição e cooperação.* In A. Gaya, A. Marques & G. Tani (Eds.), *Desporto para Crianças e Jovens: Razões e Finalidades* (pp. 217-233). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: UFRGS Editora.

Garganta, J. (2006). *Ideias e competências para "pilotar" o jogo de futebol*. In G. Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto* (pp. 313 – 326). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Garganta, J. (2006a). *Ter ou Ser Talento em Futebol: Herança ou Treino?* Em *Conferência apresentada ao Seminário Nacional: Selecção e Desenvolvimento de Jovens Talentos*. Sport Lisboa e Benfica.

Garganta, J., & Pinto, J. (1996). *Contributo da Modelação da competição e do Treino para a Evolução do Nível do Jogo no Futebol.* In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 83-94).

Gilroy, S. (1993). *Whose Sport is it Anyway? Adults and Children´s Sport.* In Martin Lee (Ed.), *Coaching Children in Sport* (pp. 17-26). London: E & FN Spon.

Giménez, F. J. (2003). *El Entrenador en la iniciacion deportiva.* In F.J. Castejón y col. (Ed.), *Iniciacion Deportiva: La enseñanza y el aprendizage comprensivo en el deporte* (pp. 35-53). Sevilla: Wanceulen.

Helsen, W. F., Hodges, N. J., Van Winckel, J., & Starkes, J.L. (2000). *The roles of talent, physical precocity and practice in the development of soccer expertise.* Journal of Sports Sciences, 18, 727-736.

Kershaw, L. (2003). *Congresso Mundial: o que há em comum nas academias de Sporting e Manchester.* Consult. 23 de Fevereiro de 2008, [em linha]: http://www.maisfutebol.iol.pt/noticia.php?id=301464&div_id=1457

Klinsmann, J. (2006). *Futebol de Rua abre porta para o mundo.* [em linha]: www.dw-world.de/dw/article/0,2144,1394024,00.html

Koch, W. (2002). *Diccionario de Fútbol*. Barcelona: Editorial Paidotribo.

Kormelink, H., & Seeverens, T. (1997). *The Coaching Philosophies of Louis Van Gaal and the Ajax Coaches*: De VoetballTrainer.

Laranjeira, A., Pires, B., & Rodrigues, H. (2004). *O Futebol de Rua.* Investigação realizada em Metodologia I – Opção de Futebol (não publicada). Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Leal, M., & Quinta, R. (2001). *O Treino no Futebol: Uma Concepção para a Formação*. Braga: APPACDM.

Leandro, T. (2003). *Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto.* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Lemos, H. (2005). *Projecto de formação em Futebol: Um passo importante para a construção de um processo de formação de qualidade.* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Lima, T. (1988). *A formação desportiva dos jovens. Revista Horizonte, Vol. V, 25*, 21-26.

Lobo, L. (2003). *O Novo Ajax 2002/03: Silêncio, Estamos a Construir o Futuro!* Consult. 12 de Março de 2008, [em linha]: http://www.planetadofutebol.com/index.php?search=sil%EAncio&page=2.

Lobo, L. (2007). *Formação, Mitos e Utopias.* Consult. 6 de Março de 2008, [em linha]: http://www.planetadofutebol.com/index.php?search=futebol+de+rua.

Losa, J. A. M. (2007). *El entrenador de fútbol base*. Sevilla: Wanceulen Editorial Deportiva, S.L.

Manchester City Football Club. (2008). *About the mcfc academy.* Consult. 28 de Fevereiro de 2008, [em linha]: http://www.mcfc.co.uk/default.sps?pagegid={2F2E2734-7C2C-4CD8-84F0-85C935A7E24B}.

Maradona, D. (2001). *Eu sou El Diego*: Oficina do Livro.

Marques, A. (1991). *A Especialização Precoce na Preparação Desportiva. Treino Desportivo, 19*, 9-15.

Marques, A. (2004). *Desporto para crianças e jovens. Razões e finalidades: Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação*. In. Porto Alegre: UFRGS Editora.

Mendes, M. (1995). *A Formação e o Treinador de Futebol. Revista Horizonte, Vol. XII – nº 68*, 75 – 78.

Mesquita, I. (1997). *Pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos colectivos*. *Livros Horizonte, Lisboa*.

Michels, R. (2001). *Team Building: The Road to Success*. Spring City: Reedswain Publishing.

Mil-Homens, P. (2003). *Congresso Mundial: o que há em comum nas academias de Sporting e Manchester.* Consult. 23 de Fevereiro de 2008, [em linha]: http://www.maisfutebol.iol.pt/noticia.php?id=301464&div_id=1457.

Mil-Homens, P. (2005). *ACADEMIA SPORTING: Um projecto de uma Escola de Formação Desportiva.* [em linha]: www.congressododesporto.gov.pt/ficheiros/Dia54_Ora124.pdf.

Mil-Homens, P. (2007). *Dois milhões de euros de encargos anuais. A Bola*, 6.

Mourinho, J. (2002a). *José Mourinho. Revista Dragões, Ano 16, nº201, Janeiro,* 14-35.

Mourinho, J. (2002b). *A Bola, 2 de Fevereiro*, 14-15.

Neves, P. (2003). *Equipas B: Uma Inevitabilidade da Formação em Clubes de Elite. Comparação entre duas realidades distintas: Portugal (Porto, Sporting e Vitória de Guimarães) e Espanha (Celta e Real Madrid).* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

notícias magazine. (2005). *Como se faz um futebolista? Pedro Almeida,* 25-35.

O´Brien, E. (2007). In J. M. Constantino & J. O. Bento (Eds.), *Em defesa do Desporto: Mutações e valores em conflito* (pp. 57-79). Coimbra: Almedina.

Oliveira, B., Amieiro, N., Resende, N., & Barreto, R. (2006). *Mourinho, porquê tantas vitórias?* Lisboa: Gradiva.

Oliveira, G. (2003). *Entrevista, em Leandro T. Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto.* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de ciências do Desporto e Educação Física.

Oliveira, G. (2004). *Conhecimento Específico em Futebol: Contributos para a definição de uma Matriz Dinâmica do processo Ensino-Aprendizagem/Treino do jogo.* Porto: Dissertação de Mestrado. FCDEF-UP. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física.

Oliveira, J. (1991). *Especificidade, o "pós-futebol" do "pré-futebol": um factor condicionante do alto rendimento desportivo.* Porto. Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Oliveira, R. (2001). *Jogo Cruzado*. *O Jogo*, p.12.

Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol de 7:Um jogo de iniciação ao futebol de 11*: GRAFIASA.

Pacheco, R. (2005). *Diferenças entre o Futebol infantil e o Futebol dos adultos. Treino Desportivo, 28*, 44-45.

Pacheco, R. (s/d). *O ensino e a aprendizagem do futebol: Da Rua Para o Campo de Futebol.*

Paul, J. (2003). *Entrevista, in Neves, P. Equipas B: Uma inevitabilidade da Formação em Clubes de Elite. Comparação entre duas realidades distintas: Portugal (Porto, Sporting e Vitória de Guimarães) e Espanha (Celta e Real Madrid).* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Pelé. (2006). Entrevista in Documentário: The Art of Football [VHS]: Bastian Ahrens.

Pereira, A. (1996). *Futebol Juvenil em Portugal: Escola de Formação? Horizonte, XIII, nº73,* 23-25.

Pereira, A. (2007). *Destinado ao Sucesso.* [em linha]: http://pt.uefa.com/competitions/ucl/news/kind=1/newsid=529802.html.

Porto Editora. (2004). *Dicionário Português 2004*.

Premier League Learning. (2003). *BTEC Course Summary.* Consult. 31 de Março de 2008, [em linha]: http://premierleaguelearning.nescot.ac.uk

Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios de Treino em Futebol*. Federação Portuguesa de Futebol. Lisboa.

Queiroz, C. (1989). *É no futebol júnior que está o futuro*. *O Jogo*, pp.14-18.

Ramos, F. (2003). *Futebol. Da "Rua" à Competição.* Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.

Ramos, S. (2006). *Formar para quê? Formar com quê? Revista Horizonte, XXI - nº 123*, p. 3-13.

Raposo, A. (2006). *A Formação Desportiva: Um processo a longo prazo – Parte I*. *Revista Horizonte, Vol XXI – nº 122*, p. I-VIII.

Raposo, N. (2007). 5 anos a fabricar talentos*. O Jogo*.

Robson, B. (2006). *Bobby Robson: A minha autobiografia*: Editora Prime Books.

Roseiro, B. (2004a). *Ajax, o futuro do Futebol*. *Record (Revista DEZ de 30 de Outubro)*.

Roseiro, B. (2004b). *O segundo abalo*. *Record (Revista DEZ nº28 Dezembro),* pp.15-23.

Roxbourgh, A. (2004). *UEFA Grassroots Football Newsletter 2*. [em linha]: http://www.uefa.com/newsfiles/299508.pdf.

Roxbourgh, A. (2005). *UEFA Grassroots Football Newsletter 3.* [em linha]: http://www.uefa.com/newsfiles/377902.pdf.

SCP (2006). *Escolas de Futebol Academia Sporting/Puma*. [em linha]: http://www.sporting.pt/Academia/Escolas/academia_escolasapresentacao.asp.

Sérgio, M. (1974). *Para uma Nova Dimensão do Desporto*. Instituto Piaget.

Silva, A. (2008). *História do "Menino-Homem" que soprava as velas sozinho*. *O Jogo*, 18-19.

Sobral, F. (2004). *A classe média do futebol*. *Jornal de Negócios*, 15 de Outubro.

Stratton, G., Reilly, T., Williams, A. M., & Richardson, D. (2004). *Youth Soccer - From Science to Performance*: Routledge.

Tani (2007). *A disciplina de teoria e prática do futebol: identificando os conhecimentos dos graduandos e propondo um olhar sobre as fases de desenvolvimento.* In Hitora, V. & Palano, R. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – Volume 6, número 2 , 2007.99-106.

Thorpe, R. (1993). *Putting Theory into Practice - a Sport Example.* In Martin Lee (Ed.), *Coaching Sport in Children* (pp. 273-285). London: E & FN Sport.

UEFA. (2006). *Formação debatida em Nyon (9 de março 2006)* [Versão electrónica] [em linha]: http://pt.uefa.com/uefa/Keytopics/kind=32768/newsId=402750.html.

UEFAa. (2005). *A cruzada na formação* [em linha]: http://pt.uefa.com/newsfiles/377902.pdf.

UEFAb. (2005). *Para lá da lei Bosman.* [em linha]: http://pt.uefa.com/uefa/Keytopics/kind=64/newsId=372084.html.

UEFAc. (2005). *Van Gaal reflecte sobre lei Bosman.* [em linha]: http://pt.uefa.com/magazine/news/Kind=16/newsId=379978.html.

UEFAd. (2005). *Diário da UEFA:* Abril. [em linha]: http://pt.uefa.com/uefa/keytopics/kind=64/newsid=378033.html.

UEFAe. (2005). *Comité Executivo reúne-se em Talin.* [em linha]: http://pt.uefa.com/uefa/keytopics/kind=64/newsid=296552.html.

Valdano, J. (2001). *Apuntes del balón – anédotas, curiosidades y otros pecados del fútbol*. Madrid: Marca.

Valdano, J. (2008). *No Princípio era a Bola: Actores da Vida. A Bola*, 14.

Vale, I. (2003). *Entrevista, en Leandro T. Modelo de Clube: Da Concepção à Operacionalização* Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e educação Física da Universidade do Porto.

Veríssimo, L. F. (s/d). *Futebol de Rua* (pp. 59-61).

Vouga, L. (2005). *As monografias em Futebol.* Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto. Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

8. Anexos

Entrevista a Pedro Luz

Secretário Técnico da Formação do Sporting C.P.

M.M. – Qual o conceito e a missão da Academia do Sporting C.P.? Porquê o nome Academia? (Podemos falar num clube que tem como base um Modelo de Formação?)

P.L. – Bom… A começar pela missão, a Academia tem como grande objectivo formar jogadores com capacidade de integrar a nossa equipa sénior de futebol. Porquê o nome Academia e não Centro de Estágio ou Centro de Formação, tem que ver com o nosso segundo objectivo, que é, para além de formar jogadores, formar homens. Portanto, não descuramos nunca a formação social e escolar desses jogadores e por isso queremos, à semelhança do que acontece na escola, um processo contínuo onde eles são avaliados, onde os treinadores são avaliados e todos nós somos avaliados de forma contínua.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância de um espaço como este (Academia) na Formação de Jogadores de Futebol?

P.L. – A importância do espaço em si é relativa, na minha opinião. O que eu penso é que o conjunto do espaço, das pessoas que cá estão dentro, da competência de cada uma delas, daquilo que é feito ao nível do recrutamento inicial, seleccionando os melhores dos melhores, esse conjunto de factores sim, torna importante este projecto, dá importância a este projecto.

M.M. – Se tivesse que caracterizar o "ambiente" existente na Academia, como o faria?

M.M. – Vai um pouco ao encontro daquilo que falamos ainda há pouco…

P.L. – Sim…sim… O Miguel teve a oportunidade de estar cá uma semana e percebeu que só pode ser um ambiente favorável para que eles se possam desenvolver. Teve oportunidade de passar desde o futebol profissional ao futebol de formação e ainda agora, à hora do almoço, estavam juntos, na mesma mesa, pessoal do futebol profissional, o director do futebol profissional, o director da Academia, treinadores do futebol da formação. Isso transparece o ambiente saudável, de muita solidariedade e companheirismo que se vive aqui, porque esta é a única forma que todos nós temos para conseguir atingir os nossos objectivos – puxar todos para o mesmo lado.

M.M. – Em relação ao funcionamento dos recursos humanos existentes na Academia, "Cada um sabe do seu ofício"? Ou existe um conhecimento holístico do funcionamento da Academia?

P.L. – Não…existe…Toda a gente tem a noção geral do que é que é o projecto Academia Sporting, de como funciona. Mas depois obviamente que cada um tem a sua especificidade dentro da sua profissão – eu, na minha; os treinadores, nas suas equipas. À medida que se sobe de escalão, há mais exigência e outro tipo de preocupações, mas existe, dentro desse conhecimento geral, um conhecimento específico também de cada um.

M.M. – Ao longo da época desportiva é realizado algum tipo de actualização ou formação contínua para Treinadores, Médicos, Fisioterapeutas, Massagistas, etc…?

P.L. – É. Nós criámos, desde há dois ou três anos, aquilo a que nós chamamos "jornadas técnicas" ou "jornadas médicas", onde internamente, e apenas para uso interno, criámos um conjunto de acções de formação dadas pelos nossos coordenadores ou por alguém de fora. Estas jornadas permitem precisamente desenvolver e dar formação aos nossos treinadores, sobretudo aos treinadores, mas também já fizemos em relação aos médicos e fisioterapeutas uma acção relacionada com esta parte médica…

M.M. – E soube que no Domingo vão realizar uma acção de formação para os pais. Com que objectivo?

P.L. – No Domingo vamos avançar com uma acção de formação relativa ao apoio e controlo dos pais no Desporto. É uma área em que nós precisamos de melhorar um pouco, porque os pais são fundamentais neste processo de formação desportiva e portanto vamos tentar dar-lhes alguma formação, se é que isso é possível, na área relacionada com o apoio dos pais aos seus filhos.

M.M. – Quais as dimensões consideradas essenciais no desenvolvimento futebolístico dos jovens jogadores da formação do Sporting? (O que é que é mais importante desenvolver?)

P.L. – Na minha opinião, eles já chegam com um conjunto de competências acima da média. Eu penso que a parte da personalidade, do carácter, é de facto aquela que poderá levá-los mais ao topo e conseguir mantê-los lá muito mais tempo. Acho que o carácter e a personalidade que eles aqui conseguem desenvolver são das coisas mais importantes. Depois obviamente que a parte técnica também é fundamental e muito trabalhada aqui no Sporting.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância do *"Futebol de Rua"* no processo de formação de um jogador de futebol?

P.L. – O Professor Pedro Mil Homens costuma utilizar uma expressão que define bem esta questão do *Futebol de Rua*. Ele diz que nós normalmente não recrutamos miúdos na Avenida de Roma. Isto significa que cada vez é mais raro encontrarmos miúdos a jogar *Futebol de Rua* e isso tem sido um problema, porque eles passam mais tempo nas aulas, passam mais tempo em casa a fazer outro tipo de actividades motoras que não o futebol e isso depois faz com que – ainda agora à hora de almoço comentávamos isso – haja um maior equilíbrio e cada vez existam menos talentos, é isso que nós sentimos.

Por outro lado, sentimos uma grande diferença em relação a alguns atletas que vêm de fora, estrangeiros, nomeadamente de África, onde eles passavam a vida a jogar *Futebol de Rua* e onde desenvolvem um conjunto de competências.

M.M. – Em locais onde existem bastantes dificuldades, quase sempre…

P.L. – Sim… E isso faz também com que eles tenham outro tipo de competências ganhas precisamente pelas vivências nesse contexto e por isso acho que é fundamental ajudá-los depois a desenvolver-se.

M.M. – Quais são as principais vantagens que este processo de formação proporciona ao Sporting?

P.L. – Algumas delas já foram mencionadas… Eu acho que só é possível ter sucesso neste projecto se todos os factores estiverem conciliados no mesmo objectivo, a começar pelo recrutamento, passando por toda a estrutura de formação, pelos treinadores, pelas equipas e mesmo pela direcção da Academia, que suporta e dá apoio aos treinadores, garantindo uma estabilidade que é muito importante. Depois obviamente que uma grande vantagem parte da administração, que define jovens dos escalões de formação como prioridade na aquisição de jogadores para o plantel profissional. Se não fosse isso, o nosso sucesso seria mais difícil.

M.M. – Tendo em conta o sucesso que o Sporting apresenta na formação de jogadores com qualidade (e provas dadas no mundo do futebol), na sua opinião, quais serão os factores-chave que ajudam a explicar melhor esse sucesso?

P.L. – Acho que tem um pouco que ver principalmente com as competências dos jogadores, com competências dos treinadores e outros recursos humanos que trabalham aqui. E acima de tudo a existência de uma grande entrega e de

um grande espírito de entreajuda, sempre focalizados no nosso objectivo principal, que é formar jogadores para a equipa principal.

Entrevista a Jean Paul Castro

Director Técnico da Academia do Sporting

1 – Existe alguma idade de referência a partir da qual se proceda ao recrutamento de jovens jogadores realizado pelo Sporting?

2 – É público que, nem todos os jogadores vão logo para a Academia quando são referenciados… A partir de que idades (escalão) é que os jogadores ficam "efectivos" na Academia? Ficam todos? Há algumas excepções (ex: jogadores estrangeiros)?

3 – Aquando do ingresso efectivo de um jovem na Academia, existe algum tipo de preocupação relacionada com a família dos jovens? (Que tipo de informação é transmitida e como é realizada essa abordagem?)

4 – A partir do momento que um jovem jogador ingressa nos escalões de formação do Sporting, existe algum tipo de preocupações com a realização de testes (ex: Rx Pulso, Composição corporal, Físicos, Maturação óssea, etc..)?

5 – Como caracterizaria o dia-a-dia de um jovem que resida nesta Academia (Horários: Acordar, refeições, tempo na escola, treino, tempo para estudar, tempo livre – recreação).

6 – Durante a semana, os jovens têm algum tempo definido para passar com a família?

7 – Como é realizado o acompanhamento escolar dos alunos? Existe algum protocolo com Escolas? (Se sim qual a importância desse protocolo)?

8 - Existe algum tipo de acompanhamento dentro da Academia, como por exemplo: Nutricionistas, Psicólogos, explicadores/professores, etc…? (Se sim, de que forma é realizado esse acompanhamento – A todos os jogadores ou só àqueles que têm essas necessidades? E esse acompanhamento é realizado em toda a estadia do jovem na Academia ou preparam-se os jovens para serem autónomos?

9 – Partindo do princípio que a Academia possui um regulamento interno, de que forma são tratadas situações em que um jovem é um exemplo a seguir e em outras em que um jovem saia das normas? Prémios e castigos aplicados? (exemplos?)

10 – Como são passados os tempos livres dos jovens residentes na Academia? Que actividades recreativas são realizadas? Por quem?

<u>Funcionamento da Formação do Sporting em relação ao Futebol/Treino</u>

1 – Aquando do recrutamento de jogadores para os escalões de formação, quais as dimensões/características mais privilegiadas?

2 – Quais os principais objectivos definidos para os escalões de formação? Existe alguma diferenciação nos objectivos definidos para os diferentes escalões? (Se sim, quais os níveis definidos?)

3 – Qual a formação que os vários treinadores dos escalões de formação possuem? (formação académica e/ou curso de treinadores?)

4 – Existe um Modelo de Jogo adoptado pelo clube, de referência para todos os escalões? Quais as características, dimensões privilegiadas desse Modelo de Jogo e o porquê das suas escolhas?

5 – Existe um Modelo de treino referência para todos os escalões que contempla exercícios-padrão, de acordo com o Modelo de Jogo adoptado pelo clube?

6 – Existe um Modelo de Jogador com características definidas (humanas e futebolísticas), que interessa fazer sobressair a longo prazo?

7 – Existe um Modelo de Treinador desejado, ou os treinadores são recrutados como tendo potencial e depois recebem formação do próprio clube para assimilarem a filosofia, para então se tornarem num Treinador Modelo desse clube?

8 – Existe alguma preocupação no desenvolvimento da dimensão física nos escalões de formação? Qual a importância dada a essa dimensão em cada um dos escalões? De que forma é trabalhada essa dimensão (No ginásio (treinar p/treinar) ou no campo (treinar p/jogar-afinar)?

9 – Falando especificamente no treino dito de musculação, para aumentar a força, qual a sua importância e com que objectivos é utilizado nos vários escalões, (se é que é utilizado)? Todos os jogadores fazem este tipo de treino ou apenas alguns (que têm necessidades)?

10 – Existe algum tipo de preocupação com o controlo de determinados indicadores fisiológicos? Quais são esses indicadores? (ex: Peso, FC, VO_2máx, Ácido Láctico, etc…) Em que alturas existe controlo?

11 – De que forma é feita a interligação entre os vários escalões de formação e os escalões de formação e seniores (reuniões formais, conversas informais, relatórios escritos? Quem é o responsável por essa interligação?

12 – Nos escalões de formação existe a enfatização dos princípios de jogo utilizados pela equipa sénior? É tida em conta a forma de jogar da equipa principal?

13 – O sistema de jogo utilizado pelos escalões de formação é o utilizado preferencialmente pela equipa principal?

14 – Existe alguma metodologia de trabalho instituída para os diferentes escalões?

15 – A qualidade técnica da maioria dos jogadores provenientes da formação do Sporting é um facto inegável. Trabalham esta dimensão de alguma forma específica? Acha que existe alguma relação dessa qualidade técnica com o denominado "Futebol de Rua"? De que forma?

16 – Existe algum "treino personalizado" para posições específicas, em dias da semana pré-definidos? (Se sim, a partir de que escalão??)
(ex: um avançado faz um tipo de treino diferente dum defesa, num determinado dia da semana?)

17 – Relativamente à ligação do Departamento Médico com as equipas técnicas dos Escalões de Formação e considerando um jogador lesionado, imaginemos por um prazo acima de um mês, de que forma é ele reintegrado no treino?

18 – É realizada alguma observação dos jogos dos Escalões de Formação? Que tipo de informação pretendem recolher através da observação?

19 – Existe algum tipo de análise e avaliação do trabalho desenvolvido? Qual a sua periodicidade?

20 – Tendo em conta o sucesso que o Sporting apresenta na formação de jogadores com qualidade (e provas dadas no mundo do futebol), na sua opinião, quais serão os factores-chave que ajudam a explicar melhor esse sucesso?

A pedido do Professor Jean Paul Castro, nesta entrevista procedeu-se de forma diferente. Isto é, o professor leu previamente a entrevista e a partir da mesma, que lhe serviu de guião, começou a falar acerca do Modelo de Formação do Sporting de forma totalmente aberta. Apenas foram feitas perguntas relativas a assuntos que não foram abordados pelo Professor.

J.P. – Há um aspecto que eu considero que terá sido uma feliz coincidência, que é o seguinte: quando eu fui encaminhado para coordenador da formação, tinha já uma vivência de três anos como treinador dos jogadores que saíam da formação do Sporting, o que significa que eu conhecia o perfil dos jogadores. Eu estive três anos a treinar o clube satélite e ao quarto ano…

M.M. – A equipa B, ou não?

J.P. – Inicialmente foi o clube satélite, a equipa B surge depois… E então ao quarto ano a Administração diz-me que eu ia para Alvalade preparar a equipa B que iria começar a actividade no ano seguinte. Entretanto nós tínhamos um coordenador que era estrangeiro, tinha sido trazido pelo Jozic, e a Administração decidiu que ele tinha que sair no final dessa época e nomeia-me coordenador.

Quando eu vim para cá, logicamente que eu fiz a minha reflexão e disse "tudo muito bem, sou o coordenador da formação, vamos ter que trabalhar a formação, mas trabalhar em função de quê?" "O que é que vamos fazer na formação?" E isto não é nenhum segredo. Eu penso que os trabalhos resultam se nós também não os complicarmos em demasiado, mas há que problematizar as coisas. E de uma forma muito simples, entendi que a primeira coisa que tínhamos que fazer era definirmos o perfil do jogador que queríamos formar. Porque se eu sou o coordenador da formação eu tenho que saber aquilo que quero formar.

Quando eu falar de factores-chave que levam ao sucesso, como você tem nas questões, eu prefiro falar de algum sucesso e é assim que falarei sempre. E em relação a esses factores-chave que vou aqui referir, um deles é

o facto de haver uma grande estabilidade na estrutura técnica, porque os treinadores que estão aqui hoje são praticamente os mesmos que começaram comigo. É certo que saíram alguns, mas os outros que estavam nos infantis e nas escolas foram subindo na hierarquia e a estrutura mantém-se. Estes treinadores trabalham comigo há 8 anos. E este é um factor que considero importante para a obtenção daquilo a que se pode chamar o sucesso na nossa formação.

Na reunião que fiz com os treinadores quando comecei como coordenador, disse o seguinte: "a primeira coisa que nós temos que fazer é efectivamente definir o perfil do jogador que nós queremos formar". Para isso, de uma forma também lógica, tínhamos que definir as tendências evolutivas do jogo, ou seja, tínhamos que estudar quais as principais características do jogo de futebol actual. Para tentar adaptar isso à realidade do nosso país e do Sporting (questões relacionadas com clima, clube…) e em função do que era esse tal modelo de jogo evoluído, avançámos para o nosso modelo de jogo e, inerente a essa questão, pensámos que um jogador, para poder jogar de determinada forma, tem que ter determinadas características. E assim chegámos ao perfil de jogador que pretendíamos.

Em termos técnicos, o jogador tem que ter uma boa relação com a bola, tem que ser muito culto em termos tácticos, inteligente, rápido, forte em termos físicos e ter também uma estrutura mental muito forte. Passados estes 8/9 anos que eu levo de coordenação, cada vez mais estou convencido que o aspecto mental está cada vez mais presente. Por isso digo que, sem uma estrutura mental forte, uma estrutura mental que suporte os problemas que a competição coloca, não vejo como será possível nós conseguirmos formarmos jogadores, porque o nosso objectivo não é formar jogadores para jogar na 2ª Divisão B, apesar de alguns não conseguirem chegar onde nós pretendemos. Mas o objectivo é formar jogadores de alto nível capazes de entrarem na equipa A e, não sendo isso possível, no mínimo queremos conseguir para eles uma saída profissional airosa, e quando digo isto refiro-me a clubes da primeira liga, como é óbvio.

Quando tive a possibilidade de fazer um diagnóstico do perfil do jogador que saía da formação do Sporting, tinha em mente que existiam dois aspectos que considerava muito importantes: a cultura táctica e a estrutura mental. Hoje

eu posso dizer com algum à vontade que os jogadores chegavam ao futebol profissional com uma cultura táctica muito rudimentar e também com uma estrutura mental muito frágil. Para combater esta fragilidade, disse a este grupo de treinadores o seguinte: ou nós somos capazes de actuar fortemente, focalizar muito o nosso trabalho nestas questões, cultura táctica e na estrutura mental, formar carácteres para a competição, ou então não vamos ter sucesso. E penso que vi bem, foi uma visão acertada da questão e assim focalizámos o nosso trabalho nestas duas questões. A partir desta altura começámos a sentir que os jogadores eram muito mais competentes.

Naturalmente que nós temos definido o nosso Modelo de Jogo com ligação ao nosso Modelo de treino, porque no treino nós treinamos fundamentalmente o Jogo. Ele está assente num sistema único para todas as equipas da formação e é sempre um pouco polémico se isso deve ser alargado aos seniores ou não…

M.M. – Exacto…Neste caso não é, certo? Os treinadores já me disseram que aqui o que existe é um modelo para a formação e outro para a equipa profissional…

J.P. – Sim, é isso mesmo… E também é muito importante a interacção com a administração – e felizmente que esta administração também já trabalha connosco há algum tempo, pelo menos parte das pessoas, porque houve uma fase que não era bem assim e eu tinha que explicar tudo de novo cada vez que trocava a administração... Neste momento, as pessoas já entenderam que o meu trabalho é garantir ao futebol sénior que os jogadores que saem da formação cheguem lá com uma cultura táctica tão rica que lhes permita a adaptação a diferentes sistemas, porque eu não consigo conceber e tenho muita dificuldade em perceber, e provavelmente estará aí o colapso de algumas formações que foram referência até a nível europeu e mundial durante muitos anos, o formar jogadores só para jogarem num sistema. Porque depois nós não conseguimos garantir que estes jogadores vão jogar sempre nesse sistema. Eles têm é que ter essa capacidade de se adaptar, ou melhor, nós temos que ser capazes de lhes fornecer “ferramentas” para eles melhor entenderem o Jogo, sistemas de jogo, métodos de jogo.

M.M. – Está então a dizer-nos que, por exemplo, a equipa dos Juvenis pode jogar com um sistema e a equipa dos juniores jogar com outro…pode acontecer e não há problema nenhum… é isso?

J.P. – Não… Eles jogam no mesmo sistema, porém, o nosso trabalho aponta para que eles sejam capazes de jogar em qualquer sistema. E há aqui uma questão muito importante ligada a isto que estou a falar e que eu considero mais um factor-chave do nosso dito sucesso: é que nós não somos fundamentalistas, não há aqui dogmas nem fundamentalismos. Eu era um indivíduo que não acreditava muito, no início, no trabalho que nós desenvolvemos no ginásio, por exemplo. E hoje sou um acérrimo defensor desse trabalho, porque vi resultados nesse "campo". Os nossos jogadores tornam-se mais fortes nos duelos e isso tem reflexos noutras questões, tornam-se muito mais confiantes no seu jogo.

M.M. – Tem um pouco que ver com a auto-confiança. Os jogadores sentem-se tonificados…

J.P. – Exactamente. Se eu vou para os duelos e consigo ganhá-los de forma muito constante, isso transmite-me confiança. Hoje, admito que haja pessoas que têm alguma dificuldade em aceitar esse trabalho. Eu, como vivi esta experiência, sou um defensor e acho que o trabalho do Carlos Bruno (Coordenador do Trabalho Físico) está a ser fenomenal. Fundamentalmente, é um trabalho que nós temos consciência que tem que ser realizado até determinada idade, porque depois quando eles chegam a seniores não vão ter possibilidade ou capacidade de o desenvolver de uma forma sistemática e regular**.** Provavelmente a nível de juniores também iremos ser um pouco condicionados nesse trabalho no futuro. Mas nós na formação temos como princípio que se o jogador tiver que ir um pouco cansado para a competição, deve ir na mesma. Nós propomos que ele vá confortável, porque entendemos que a competição deve ser um motivo de prazer e não de preocupação. Mas se o jogador está mais cansado e não está tão disponível para a competição, na formação nós defendemos que ele deve ir, mesmo que um pouco cansado, e

nós nessa situação jogamos um pouco em função do quadro competitivo. É claro que no futebol sénior as coisas são um pouco diferentes e nós tentamos sempre sincronizar as coisas.

A preparação física é um trabalho que algumas pessoas podem entender como precoce, mas que nós não consideramos ser, pois para nós é um trabalho que tem que ver com o domínio das técnicas da utilização das máquinas.

Portanto, voltando ao que estávamos a falar, gostaria de reforçar a importância da cultura táctica e do carácter e estrutura mental necessárias para a competição.

Embora saibamos que não estamos numa escola de engenheiros nem médicos, nós procuramos promover nos jogadores as competências necessárias de forma a que eles cumpram os mínimos do seu trabalho escolar. Não fazemos questão de ter aqui alunos brilhantes, mas a escola faz parte de todo este processo que é a formação de jogadores. Por isso nós somos capazes de retirá-los da competição para os castigar, embora procuremos não o fazer, nem fazê-lo de forma prolongada a um jogador, mas sentimos que esse é um aspecto que lhes é muito sensível – o facto de serem ou não utilizados na competição – e sabemos que é um meio eficaz de se conseguir combater alguma situação mais anormal que suceda em termos escolares.

Por outro lado, temos um programa de formação desportiva em que definimos conteúdos por escalão, objectivos mínimos por escalão. Ou seja, do ponto de vista teórico tentamos compatibilizar esta teoria com a prática e os que não conseguem cumprir ou atingir esses objectivos mínimos depois têm dificuldades em subir de escalão e acabam por sair. Em relação a este aspecto, quando cheguei à coordenação reparei que havia alterações muito profundas, isto é, saíam muitos jogadores e também entravam muitos todos os anos. Eu terminei com isso, porque pensei que era preferível manter os jogadores e dar-lhes tempo para que o trabalho frutificasse. Acreditamos muito no nosso trabalho e somos até um pouco teimosos nessa questão, não sendo fundamentalistas. Há também um aspecto muito importante relacionado com isto que são os resultados. Quando falo em resultados na formação, refiro-me, como é óbvio, à capacidade que temos tido de encaminhar jogadores de bom nível para o futebol sénior, quer para o nosso, quer até para clubes da Europa,

o que tem acontecido muito ultimamente. Portanto, avaliando o nosso trabalho, esses resultados têm-nos dado alguma razão. Naturalmente que o nosso trabalho é muito influenciado pelo recrutamento, onde somos bastante exigentes, as pessoas que mais lidam com o recrutamento até dizem que somos demasiado exigentes…

M.M. – Mas vocês têm mesmo que se nivelar por cima, pois quando vão recrutar alguém têm que pensar na matéria-prima que já têm, nos jogadores que já têm…

J.P. – Exacto! Sim, sim. Não faz sentido, sobretudo em determinadas idades recrutar um jogador. O recrutamento faz-se fundamentalmente – e percebeste isso na conversa com o Aurélio – em escalões mais baixos, porque também depois, em escalões mais altos, onde o grau de exigência já é mais elevado, há mais dificuldade de entrar aqui algum jogador, falando de atletas que vêm do estrangeiro. A partir dos sub-16 e sub-17, o nosso entendimento é o seguinte: se não são jogadores em relação aos quais nós perspectivemos possibilidades de integração no futebol sénior, não se justifica nós contratarmos. Isto significa que eles têm que ser melhores do que os que já temos e preencherem também outro requisito, que é vermos neles a capacidade de integrarem na nossa equipa A. Não faz sentido contratar mais um jogador, que até poderá ser um jogador de bom nível e de primeira liga, porque então para isso nós já temos cá alguns que vão conseguir lá chegar.

M.M. – Para virem, têm portanto que enriquecer, certo?

J.P. – É isso.

M.M. – De que forma é feita a interligação entre os vários escalões de formação e os escalões de formação e seniores? Há reuniões formais, conversas informais, relatórios escritos? Quem é o responsável por essa interligação?

J.P. – De todas essas formas…

M.M. – Pois… Pelo menos as conversas informais, eu pude aperceber-me que as fazem quase todos os dias.

J.P. – Sim, todos os dias, e reuniões também com muita frequência. Neste momento, e devido aos muitos anos de trabalho que temos juntos, por vezes são mais os treinadores que solicitam as conversas e reuniões comigo, do que propriamente eu com eles. São eles que vêm ter comigo, o que eu acho muito interessante, naturalmente, porque inicialmente eu tinha muito mais preocupações com questões relacionadas com o controlo do treino e hoje tenho menos, pois sei o que cada um faz ou é capaz de fazer.

Hoje já estou mais virado para aquilo que eu penso que neste momento poderá ser um factor crítico para nós, que é o sermos capazes de decidir bem quem entra e quem sai, e felizmente nós a esse nível temo-nos enganado pouco. Posso-te citar alguns exemplos: o Miguel Veloso era jogador do Benfica e nós fomos buscá-lo, não nos enganamos. O Benfica deixou-o sair, nós entendemos que estava ali um potencial jogador para um nível que nós, na nossa avaliação interna, identificamos de nível A (sendo este um nível para jogadores que pensamos que podem chegar à equipa A). O Nani estava a treinar há dois meses no Benfica, quando eu o vi aqui, estava a nossa equipa de sub-16 a jogar contra a equipa de sub-17 do Real. Eu não conhecia o Nani de lado nenhum e quando vi o miúdo disse para mim mesmo “este miúdo joga em qualquer equipa do Sporting”. E então no final do jogo insisti junto do treinador do Real da altura – o Zé Gonçalves, que actualmente até trabalha connosco – para ver o miúdo, para mo mandar para fazer um treino. Eu não queria que ele viesse treinar, queria é que ele cá viesse (risos), que era para o apanhar aqui…No entanto passaram-se algumas semanas e nada. Depois insisti com o Luís Gonçalves (treinador), que tinha melhor relação com ele, para que lhe ligasse, mas ele teve uma resposta idêntica à que eu já obtivera, porque o Zé Gonçalves disse-lhe que o Nani estava a treinar no Benfica. Eu voltei a insistir para me mandar o miúdo para o Sporting num dia em que ele não fosse ao Real nem ao Benfica, mas nada feito. Só à terceira tentativa é que consegui que ele viesse. Ele treinou aqui numa quarta-feira e no final do treino virei-me para ele e disse-lhe: “Nani, é assim, connosco as coisas são

muito directas e por isso vamos directos ao assunto. Sei que estás a treinar no Benfica, mas se o Sporting quiser ficar contigo?" O Nani respondeu logo: "Ai, se o Sporting quiser ficar comigo, eu fico…" De seguida, agarrei na mão dele e já não o larguei mais. Trouxe-o aqui ao Aurélio e disse-lhe: "Este miúdo é para ficar". Tivemos que negociar com o Real e falamos logo com eles. Eles apreciaram a forma como nós encaramos a situação e negociaram connosco. Na altura, tivemos que pagar um valor que não era muito habitual, mas valeu a pena. Mesmo com algumas cláusulas no acordo, que previam que tivéssemos que pagar ao Real uma verba considerável, as coisas correram bem.

É por isso que eu digo, Miguel, felizmente nós não temos errado muito, numa área em que isso acontece muitas vezes. Porque repare, estamos a falar de decisões que têm que ser tomadas com miúdos que têm doze, treze e catorze anos, em que as coisas não estão totalmente definidas e é raro o caso em que nós dizemos que nos enganámos. Também temos tido a sorte de acertar tantas vezes e só com essa sorte é que isso também é possível.

M.M. – Em relação à metodologia de trabalho pede-lhes alguma coisa em específico? Existe alguma metodologia de trabalho instituída para os diferentes escalões?

J.P. – Sim, está instituída. E nós baseamos muito o nosso trabalho nos princípios de jogo. Estão definidos, nós conhecemo-los e baseamos muito o nosso trabalho nesses princípios.

M.M. – A qualidade técnica da maioria dos jogadores provenientes da formação do Sporting é um facto inegável. Trabalham esta dimensão de alguma forma específica? Acha que existe alguma relação dessa qualidade técnica com o denominado "Futebol de Rua"? De que forma?

J.P. – É assim, o que eu penso é que a capacidade técnica está cada vez menos visível nos nossos jogadores. Há menos espaços e não é por acaso que o mercado brasileiro e africano se tornaram tão apetecíveis neste momento. Nesses países e continentes, em função da ordem social, ainda há muito *Futebol de Rua*. Hoje há uma discussão que está na ordem do dia, que tem a

ver com o facto de os clubes maiores e que mais se dedicam à formação terem muitos estrangeiros. Esta é uma questão muito recente, mas isto acontece porque na verdade nós olhamos para as nossas selecções e para os jogadores dos clubes mais fortes na formação e, para determinadas posições, não existem jogadores. Nós damos connosco a pensar que no escalão sub-18 não há um escalão de qualidade. Então, se não há em Portugal, o que é que temos que fazer? Se nós queremos um guarda-redes sub-18 com qualidade, temos que ir buscá-lo fora. E eu estou a falar do estrangeiro porque isso tem a ver com o *Futebol de Rua*, já que a questão dos miúdos que vêm do estrangeiro para aqui só se coloca se nós não tivermos um jogador português com qualidade para determinada posição. Isso faz parte do futebol e são, no fundo, regras de mercado.

Eu não vou cometer o exagero de dizer aquilo que o Wenger disse um dia, quando referiu que o jogador não tem nacionalidade. A questão importante é a qualidade e interessa é quem tem qualidade, seja costa-marfinense, inglês, escocês ou português. Penso que deveria haver mais bom-senso na gestão da contratação de estrangeiros por parte dos clubes, para evitar que se cometam exageros. Nós temos tido bom senso na gestão da situação e, embora tenhamos mais estrangeiros nos juniores do que noutros escalões, na totalidade dos escalões nós se tivermos dez estrangeiros é muito, não temos mais que dez e nós temos seis equipas. E esse valor de estrangeiros é aquele que temos vindo a ter ao longo dos anos.

Hoje em dia, não podemos contar muito com jogadores a ter origem no *Futebol de Rua,* porque há cada vez menos isso. Mas é um problema que não é só nosso. Eu, nas minhas deslocações ao estrangeiro, nas conversas que mantenho com os "scouters" de outros clubes, como por exemplo da Juventus, constatei o mesmo sentimento. Em conversa com o olheiro da Juventus, há muito tempo atrás, este dizia-me que, em Itália, dos sub-17 para cima, jogadores que façam mesmo a diferença, jogadores que se pudesse dizer são, efectivamente, jogadores de grande qualidade não há, escasseiam. Ou seja, as consequências do desenvolvimento da sociedade fazem-me sentir que o futebol de rua tem tendência a desaparecer, não só em Portugal, mas também noutros países e em Itália isso até aconteceu primeiro. Onde se vive melhor, se calhar, a qualidade do jogador começa a diminuir.

M.M. – Em relação ao aspecto técnico, existe alguma maneira específica de vocês trabalharem essa dimensão aqui no Sporting?

J.P. – Nós temos grande preocupação com esse aspecto, em primeiro lugar porque entendemos que na formação o mais importante é o jogador. Ou seja, apesar de eu há pouco ter referido a cultura táctica como um objectivo muito importante a atingir no final da formação – que é! – a organização colectiva é menos importante do que a qualidade ou a capacidade individual técnica do jogador**.** Na formação, o mais importante é o jogador. No futebol sénior o mais importante é a equipa. E os aspectos técnicos nós pensamos que nos escalões mais baixos são determinantes, mas é uma questão em relação à qual eu penso que podemos melhorar.

O facto de o F*utebol de Rua* ter terminado em Portugal já há algum tempo não aconteceu por geração espontânea. Ou seja, o *Futebol de Rua* foi deixando de existir, mas as consequências desse fenómeno só se vão fazer sentir mais tarde. Nós começamos neste momento a sentir essas consequências e provavelmente vamos ter que reformular um pouco a nossa preocupação com os aspectos técnicos. Eu penso que vamos ter que estar mais preocupados com isso neste momento e sobretudo daqui para a frente.

M.M. – Mas por exemplo, o treinador dos Juvenis (Luís Dias) disse-me que o aspecto técnico é muito privilegiado, mas que, no entanto, não há uma maneira específica de o treinar, não há, digamos, uma Tecnificação. Treina-se apenas de acordo com aquilo que se quer no jogo, exercícios normais… Não há um treino em que se diga “hoje é treino de técnica”.

J.P. – Exacto, não há. Normalmente todas as nossas equipas na fase inicial do treino treinam técnica diariamente. Depois, a técnica que pretendemos tem a ver com uma técnica contextualizada – a técnica numa situação de posse de bola num jogo não é a mesma que a técnica utilizada quando se fazem habilidades com a bola. Tem que ver com o contexto de jogo.

M.M. – Existe algum "treino personalizado" para posições específicas, em dias da semana pré-definidos? (Se sim, a partir de que escalão??)
(ex: um avançado faz um tipo de treino diferente de um defesa, num determinado dia da semana?)

J.P. – Actualmente, nós não temos muita facilidade em desenvolver esse trabalho mais personalizado, mas desenvolvemos, na medida das nossas possibilidades, aquilo a que nós chamamos o treino complementar ou específico. No entanto, esse trabalho é sempre um pouco condicionado, porque nós não conseguimos que os pontas-de-lança estejam aqui todos a determinada hora e dia para fazer trabalho específico, só conseguimos ter alguns deles.

M.M. – Mas fazem-no durante o treino, não é?

J.P. – Fazemos durante o treino normal e fazemos também neste treino complementar ou específico. Este é mesmo um treino numa hora diferente do treino normal, mas o problema é que nunca conseguimos que treinem todos aqueles que queremos que treinem, isto porque a disponibilidade escolar dos miúdos não o permite.

Nós temos um protocolo com duas escolas e conseguimos que eles estejam aqui connosco, em determinados períodos do dia. Em função dos miúdos que estão disponíveis nesse momento, nós procuramos juntá-los em grupos e fazer um trabalho mais específico e mais individualizado a que chamamos treino complementar.

M.M. – Relativamente à ligação do Departamento Médico com as equipas técnicas dos Escalões de Formação, considerando um jogador lesionado, imaginemos que por um prazo acima de um mês, de que forma é ele reintegrado no treino?

J.P. – Sempre através do nosso coordenador do trabalho físico, o professor Carlos Bruno (ver entrevista com Carlos Bruno Charrua).

M.M. – É realizada alguma observação dos jogos dos Escalões de Formação? Que tipo de informação pretendem recolher através da observação?

J.P. – Fundamentalmente a organização defensiva e ofensiva do adversário, a forma como fazem as transições.

M.M. – Nas vossas equipas de formação?

J.P. – Ah… Estavas a referir-te às nossas equipas?

M.M. – Sim, sim…

J.P. – Pois, também fazemos isso. A mesma coisa.

M.M. – Qual a formação que os vários treinadores dos escalões de formação possuem? (formação académica e/ou curso de treinadores?)

J.P. – Aqui no Sporting, nós temos procurado integrar licenciados. Eu tenho a consciência de que não sou o melhor coordenador do mundo e que eles não são os melhores treinadores do mundo, mas o que fazemos a nível do recrutamento de treinadores é o seguinte: nós temos um protocolo com a FMH e a FMH todos os anos encaminha para cá estagiários. Depois, em função do desempenho deles, vamos vendo os que são organizados, os que têm disponibilidade, os que têm competência técnico-científica, os que são persistentes, pacientes, há aqui toda uma série de requisitos que nós vamos procurando perceber neles todos os dias, naturalmente sob um ponto de vista de avaliação. E depois temos que lhes transmitir que eles vêm, não para fazer uma passagem sem sentido, mas para integrar uma equipa de trabalho. O que faz sentido é eles passarem por cá e, havendo oportunidade, ficarem cá. Neste momento, os treinadores que passaram por cá como estagiários estão no departamento de "scouting", e são pelo menos cinco. Lá está, demos-lhes formação de acordo com o nosso modelo de jogo, modelo de treino, a nossa concepção da formação e a área do treino de guarda-redes. Por exemplo, o

Ricardo Peres chegou aqui, não tanto como um estagiário, porque tinha a responsabilidade de treinar os guarda-redes de um escalão, e deu sinais de que podíamos confiar nele. O Paulo Bento trabalhou com ele e assim que houve oportunidade subiram os dois para os seniores. Já tínhamos um a quem tínhamos dado formação, o Vítor, que estava com os iniciados e que foi para os juniores. E tem sido assim, não recrutamos gente de fora, apesar de sermos extremamente solicitados, particularmente eu…

M.M. – Mas entre formação académica e formação de treinadores… há alguma diferença?

J.P. – Nós não fazemos questão que as pessoas tenham formação via FMH, ou via académica. O curso de treinadores para nós é suficiente, embora pensemos que a formação que é fornecida nos cursos de treinadores não era a ideal, mas as coisas têm vindo a mudar. Agora o que nós fazemos realmente questão é que as pessoas tenham uma formação, isso é imprescindível.

M.M. – É público que nem todos os jogadores vão logo para a Academia quando são referenciados… A partir de que idades (escalão) é que os jogadores ficam "efectivos" na Academia? Ficam todos? Há algumas excepções (ex: jogadores estrangeiros)?

J.P. – Efectivos na academia é a partir dos treze anos, no escalão de iniciados, e só no caso de serem estrangeiros ou então de morarem longe da Academia, porque se não, preferimos que eles fiquem com as famílias. No entanto, às vezes também acontece que quando os miúdos são oriundos de famílias desagregadas ou com contextos familiares mais complicados, nós retiramo-los do meio e trazemo-los para aqui. Aliás, para o ano, provavelmente, isso irá acontecer também. Um dos miúdos que está na Academia é sub-14 e pensamos que o facto de ele cá estar torna-o mais disponível para treinar e poder evoluir. Além disso, retiramo-lo de um bairro e de um convívio degradados, o que também é importante.

M.M. – Aquando do ingresso efectivo de um jovem na Academia, existe algum tipo de preocupação relacionada com a família dos jovens? Que tipo de informação é transmitida e como é realizada essa abordagem?

J.P. – À excepção de um ano em que não aconteceu, é sempre feita uma reunião com os pais dos miúdos que vêm pela primeira vez, onde nós explicamos o que é que pretendemos dos filhos, o que pretendemos dos pais, de que forma é que a vida deles se processa aqui na Academia, em que é que nós somos mais intervenientes ou menos. Há uma explicação prévia do que se vai passar.

Com a máxima sinceridade, provavelmente deveríamos (mas este é um aspecto sensível da formação) lidar mais com os pais, porque num país que atravessa algumas dificuldades as pessoas projectam nos filhos a possibilidade de terem acesso a um estatuto social um pouco mais elevado e apostam muito nisso e depois geram expectativas muito elevadas e colocam nos miúdos alguma pressão. Já tivemos casos até muito aborrecidos, nomeadamente o de um miúdo, que até nem foi nesta fase da Academia, mas que esteve comigo no clube satélite e era um bom jogador. Ele quando veio trabalhar comigo tinha 16 anos e tinha sido um dos melhores jogadores no campeonato do mundo de sub-17. No entanto, os pais vieram viver com ele, deixaram de trabalhar e pronto, acabaram por provocar no miúdo uma pressão de tal ordem que "deram cabo" do miúdo. E eu avisei o pai: "vocês vão dar cabo da vossa galinha dos ovos d´oiro! Porque é disso que se trata. Vocês deixaram de trabalhar, vocês não fazem nada. Quem está a receber para garantir a subsistência da família toda é o vosso filho e assim ele não consegue". E este caso foi de tal ordem preocupante que o miúdo foi posteriormente hospitalizado com problemas de ordem psicológica, teve um esgotamento. E tudo por causa da pressão exercida pelo pai. Foi muito desagradável…

O contexto em que a formação se desenvolve é complicado, sobretudo devido aos pais, os agentes deles e às expectativas que eles geram nos miúdos. Gerir isto tudo é complicado. Às vezes, sinto que nós podíamos estar um pouquinho mais em contacto com os pais, mas o contacto que travamos em assuntos em que temos realmente que assumir esse contacto é de tal ordem frustrante, que nos desmotiva para uma aproximação maior. Assim, e como

pensamos que não podemos deixar de manter o contacto com os pais, fazemos as tais três avaliações por ano que são encaminhadas para a família. Eu estou sempre disponível para a família, mas se calhar é algo em que, se sentirmos que é necessário realizar alguma alteração, podemos evoluir no sentido de promover um pouco mais essa ligação.

M.M. – Fiquei a saber há pouco que este Domingo irá realizar-se uma formação para os pais…

J.P. – Exactamente, vai haver uma sessão. E assim procuramos fortalecer os laços com a família, mas não é fácil. Os pais só têm uma preocupação – ver os filhos jogar. Às vezes nós chegamos a dizer: "Atenção, o seu filho na escola está a ter um comportamento inadequado!" ao que os pais respondem: "Mas ele vai jogar, ou não? Ah… a escola deixe lá, oh mister, deixe lá isso, a gente quer é que ele jogue" E nós a insistirmos para eles irem para a escola e se concentrarem nos estudos e os pais dizem-nos muitas vezes: "Oiça, a partir de agora ele tem que se concentrar é no Futebol". E nós, aqui na Academia, não aceitamos isso. Ninguém está aqui sem ter uma actividade paralela. Todo o dia parado e depois ter uma hora ou duas de treino por dia, nem pensar, têm que ter outro tipo de actividades que não são o treino.

M.M. – A partir do momento em que um jovem jogador ingressa nos escalões de formação do Sporting, existe algum tipo de preocupações com a realização de testes (ex: Rx Pulso, Composição corporal, Físicos, Maturação óssea, etc..)?

J.P. – Esses testes todos que referiu…

M.M. – Mais alguns?

J.P. – Não, não. Os testes físicos fazem-se com grande regularidade. Em relação aos testes de maturação, fazemos aqueles que nós entendemos que justificam mais a sua realização… mas fazemos esses testes todos.

M.M. – Como caracterizaria o dia-a-dia de um jovem que resida nesta Academia (Horários: Acordar, refeições, tempo na escola, treino, tempo para estudar, tempo livre – recreação).

J.P. – Deixa-me que te diga, Miguel, não é um dia-a-dia fácil.

M.M. – Pois… Em tempos de aulas não deve ser fácil. Eu apanhei o tempo de férias e isto está um pouco calmo…

J.P. – Pois, não é fácil, eles têm uma actividade muito intensa entre treinos e aulas, porque, como te expliquei, eles chegam a ter três treinos por dia. Ou seja, às vezes treinam às 11h, almoçam, vão à escola, vêm treinar às 15h30 e depois treinam outra vez às 18h.

M.M. – Esse horário difere de escalão para escalão?

J.P. – Difere, difere um pouco. É assim, com treinos bi-diários semanais só há dois grupos, os sub-17 e os sub-18 e 19. Portanto, só esses é que têm esses horários. E alguns destes podem ter, como já falamos, um treino complementar. Dos sub-17 para baixo, têm um treino por dia, com alguns deles (aqueles que têm disponibilidade e horários compatíveis com a escola) a fazerem mais o treino complementar.

Mas depois têm actividades à noite com uma pessoa que fica cá com eles. E existe ainda a formação complementar que nós lhes damos, segundo um programa de formação complementar. Por exemplo, vai haver agora uma concessão sobre sexualidade para um dos grupos, porque fazemos as concessões adaptadas aos vários escalões.

M.M. – E no que diz respeito a visitas da família, existe algum dia específico para visitas?

J.P. – A família pode vir sempre que quiser, mas o que nós fazemos é tomar decisões muito ponderadas e reflectidas do momento do recrutamento. Ou seja, evitamos a todo o custo desenraizamentos desnecessários, como por

exemplo trazer um miúdo de fora num determinado ano e mandá-lo embora no ano seguinte. Isto, nós evitamos a todo o custo. E para que isto não aconteça, se temos dúvidas, então o miúdo não vem. Esta situação não acontece aqui e os treinadores sabem que não aceito isso.

Muitas vezes, e numa situação prolongada de ausência paternal, retiramo-los da competição para ir a casa. “Há mês e meio que não vais a casa, tens que ir a casa” “Mas eu quero jogar, mister”, reclamam os miúdos. “Não interessa, não vais jogar, vais a casa”. Há alguns que preferem ficar aqui do que ir a casa (risos) e não é só porque querem jogar, simplesmente gostam de estar aqui, que é uma coisa que a mim me custa a compreender.

Com miúdos que têm a família longe e que não têm a possibilidade de ver os pais regularmente, nós procuramos encontrar no grupo em que ele está inserido alguém que o acolha ao fim-de-semana e ele fica então com uma família de acolhimento, chamemos-lhe assim. E fazemos isso com vários miúdos.

M.M. – Como é realizado o acompanhamento escolar dos alunos? Existe algum protocolo com Escolas? (Se sim qual a importância desse protocolo)?

J.P. – Sim, existe um protocolo com duas escolas, uma preparatória e uma secundária, e temos um gabinete psicopedagógico que lhes dá todo o apoio que necessitem ao nível dos estudos.

M.M. – Essas escolas são aqui em Alcochete?

J.P. – São**.** E alguns miúdos que não residem cá e são da zona de Lisboa e têm mais problemas para estudar, a nível de horários ou mesmo de concentração, nós trazemo-los para aqui e tiramos partido do facto de termos o protocolo com as escolas, e então temos a possibilidade de arranjar um horário mais compatível com os treinos. Mas é um problema que nós sentimos actualmente e com tendência para piorar. Com o aumento das cargas horárias, torna-se complicado para os miúdos treinarem. Não está fácil…

M.M. – E esse Gabinete Psicopedagógico acompanha os alunos nos trabalhos de casa? Como é que isso funciona?

J.P. – As professoras que compõem este gabinete substituem os encarregados de educação e vão às reuniões da escola. E depois há momentos durante o dia, e à noite também, na sala de estudo, reservados ao estudo e à realização dos trabalhos de casa onde também está uma professora deste gabinete a apoiá-los.

M.M. – Existe algum tipo de acompanhamento dentro da Academia, por parte de nutricionistas, psicólogos, explicadores/professores, etc.?

J.P. – A área da nutrição é gerida pelo departamento médico. Nós fazemos um programa que é enviado para quem faz as refeições. Por vezes, também há acções de formação sobre nutrição para os atletas.

Temos uma psicóloga que faz parte do gabinete psicopedagógico e temos mais uma que está a fazer estágio, mas é uma área em que ainda vamos evoluir.

M.M. – Este acompanhamento é extensivo a todos os jogadores ou só àqueles que têm essas necessidades?

J.P. – Neste momento ainda só fazemos àqueles jogadores que têm mais necessidades.

M.M. – E esse acompanhamento é realizado em toda a estadia do jovem na Academia ou preparam-se os jovens para serem autónomos?

O treinador dos Juvenis, Luís Dias, mostrou-me um dossier de um dos jogadores e achei interessante porque me deu a entender que eles habituam-se desde cedo a organizarem tudo o que lhes diz respeito e a terem algumas responsabilidades.

J.P. – Sim, nós promovemos essa autonomia. Apesar do gabinete psicopedagógico dar sempre algum apoio, a nossa estratégia é a promoção de autonomia.

M.M. – E em relação a castigos e prémios? De que forma são tratadas situações em que um jovem é um exemplo a seguir e outras em que um jovem sai das normas?

J.P. – Nós instituímos um quadro de honra com três prémios interessantes. Isto é feito três vezes por ano e agora vai ser atribuído o prémio do segundo período. Elegemos os três melhores de cada período para o quadro de honra, cujo âmbito da avaliação recai sobre aspectos comportamentais na Academia, aspectos escolares e aspectos desportivos. O primeiro premiado acompanha a equipa sénior numa deslocação ao estrangeiro e eles batem-se bastante por isso, como é normal. O segundo prémio consiste num estágio num jogo fora de casa, em Portugal, e o terceiro premio é assistir a um jogo dos seniores na tribuna VIP.

M.M. – Como são passados os tempos livres dos jovens residentes na Academia? Que actividades recreativas são realizadas e por quem?

J.P. – Durante a semana, existe uma actividade muito intensa, entre as tais actividades de lazer, os treinos, os jogos, a escola, a sala de estudo. Ao fim-de-semana isto morre um pouquinho e então todos os fins-de-semana está cá alguém que promove actividades com eles, como concursos ou visitas a determinados locais. Em relação a esta área penso que estamos já bastante evoluídos, mesmo em relação ao que se faz no estrangeiro.

M.M. – Apesar de já ter falado acerca de muitos factores importantes, na sua opinião, quais serão os factores-chave que ajudam a explicar melhor o "dito" sucesso?

J.P. – Eu diria que a estabilidade na estrutura técnica é muito importante e o treinador perceber que, através desta promoção de estabilidade que, ganhar ou

perder na formação, para nós, não é o mais importante e não tem a importância que tem para outros formadores.

O facto de haver estabilidade directiva também tem ajudado bastante o nosso trabalho. O coordenador é o mesmo há 8/9 anos e existe aqui um fio condutor há já algum tempo que penso que é importante.

O facto de não sermos fundamentalistas no nosso modelo de treino é outro aspecto essencial.

A ligação do futebol profissional para o futebol de formação faz-se de forma muito funcional, funcionamos em áreas bastante abertas, ou seja, não existem aqui grandes empecilhos.

A fluência que existe entre os escalões também é muito saudável. Por exemplo, pode haver um iniciado a treinar nos juvenis, um iniciado de segundo ano a treinar com os do primeiro ano. Acabámos com a "minha quinta", o "teu quintal". Não existe isso. São todos jogadores da formação, são todos nossos jogadores. Não há os jogadores do treinador A e do treinador B. Essa situação, inicialmente, foi algo complicada de resolver quando cá cheguei, mas expliquei-lhes que era muito importante que fossemos capazes de entender isto com naturalidade e hoje em dia essa situação é extremamente pacífica.

A transição para o futebol sénior faz-se também de uma forma bastante cordial. Há reuniões regulares com o futebol sénior, no sentido de eles perceberem a evolução dos jogadores que estão no último escalão que antecede a integração no futebol sénior.

Portanto, estes são aspectos que facilitam o nosso trabalho e que nos ajudam neste processo, sendo inevitavelmente factores de sucesso.

Gostaria apenas de reforçar que nós gostamos de ganhar e, se pudermos ganhar, não queremos perder. Nós pensamos que, se pudermos ganhar por cinco, não queremos ganhar por dois. Mas isso não é, para nós, o mais determinante no nosso trabalho. O que nós tentamos incutir nos jogadores tem a ver com uma frase de que eu sou grande adepto e que é a seguinte: "Mais importante do que ganhar sempre, é jogar sempre para ganhar". Ou seja, nós tentamos meter na cabeça dos jogadores que quem faz parte das equipas do Sporting não pode deixar de pensar em ganhar. Ganhar é sempre algo que eu tenho que tentar conseguir. Depois, se não conseguir, logo se vê.

Entrevista aos Treinadores das Equipas A dos Escalões de Formação

Nome: Luís Dias **Escalão:** Juvenis (responsável pelo escalão e treinador sub-17)

M.M – Que tipo de objectivos são pretendidos? De Formação, Competição ou Preparação?

L.D. – Os objectivos estão perfeitamente definidos. Os jogadores têm que chegar ao final da época com níveis de rendimento nos vários factores (e quando falo em rendimento refiro-me a um rendimento onde os factores estão integrados), de forma a que passado um mês estejam aptos para jogar pelo escalão de juniores e, quem sabe, competir até contra jogadores seniores. Por exemplo, alguns jogadores sub-18 já vão, por vezes, treinar com a nossa equipa profissional e, enquanto juniores, proporcionamos jogos de preparação contra equipas seniores. Portanto, todos os jogadores sub-17 terão que chegar no final da época com um nível de preparação suficiente para que, passado um mês, integrem o escalão de juniores e estejam preparados para esse desafio, com rendimento. Uma coisa é ter talento e outra coisa é ter rendimento. No final do escalão de sub-17, os jogadores já têm que ter rendimento.

Esses critérios ou objectivos são definidos por nós, estão perfeitamente identificados segundo as várias posições, segundo vários aspectos.

M.M. – Tentando enquadrar um pouco melhor, acha que os objectivos estão mais virados para qual destes três que nomeei?

L.D. – Sabe, eu não consigo ver isso assim. Pessoalmente, eu acho que está tudo interligado. Eu acho que para se competir tem que se estar formado e preparado. E ao competirmos, ficamos com melhor preparação e formação para a competição que vem a seguir. Portanto, nós não andamos aqui a preparar para competir como único fim. Ou seja, para mim a competição é também um meio de formação, aliás, é o melhor meio de avaliação. Para avaliar um jogador, o melhor é vê-lo em competição. Daí que, para nós, a competição não é um fim, mas é um meio para atingir esse fim. A título de exemplo, posso dizer que somos talvez o único clube

que aceita participar em torneios contra juniores, tal como aconteceu esta Páscoa, em que ficámos no último lugar do torneio, mas foi uma grande preparação para a competição que virá a seguir. Aliás, foi a melhor preparação que eles puderam ter, foi essa competição.

M.M. – Entendo… Não houve preocupação com resultados, mas sim com a preparação da equipa.

L.D. – Exactamente. Portanto, se o nosso objectivo fosse competição e sucesso na competição, nós nunca poderíamos entrar num torneio deste tipo. E os nossos sub-16 foram participar num torneio com equipas sub-17, também ficaram em quintos ou sextos, mas sabemos que viemos de lá muito mais fortes do que quando fomos para lá. Ou seja, a competição é, sem dúvida, uma preparação para o próximo passo.

M.M. – Quais as dimensões mais privilegiadas no treino?

L.D. – As dimensões privilegiadas são os comportamentos técnico-tácticos. Ou seja, o nosso planeamento é feito com base nos princípios e conteúdos de jogo, digamos que tem a ver com tudo o que se passa durante o jogo. Depois, sempre que possível, os exercícios de treino estimulam muito também os factores psicológicos, como a concentração, a motivação, a ansiedade competitiva, a competição entre os atletas num determinado exercício, sendo que a base, em si, estimula as capacidades motoras, que estão sempre associadas. O nosso planeamento é feito sempre com base nos conteúdos do jogo e naquilo que são os princípios de jogo.

M.M. – Neste escalão a intervenção dos treinadores no processo de treino é feita de forma a dar liberdade às acções dos jogadores ou de forma a controlar mais as suas acções? (feedback intrínseco – aprendizagem por erro vs feedback extrínseco)

L.D. – Há exercícios para tudo. Há exercícios que condicionam muito a forma de um jogador decidir. Vamos ser claros: se eu fizer um exercício de circulação estática sem oposição, o jogador já sabe que ao receber a bola tem que jogar naquela zona e tem que decidir entre uma ou duas opções. Ou seja, a tomada de decisão tem, nesse caso, uma ou duas opções. Depois, há outro tipo de exercício em que o jogador está muito condicionado na sua acção, mas tem liberdade para decidir aquilo que entender (por exemplo, se só se puderem dar dois toques, tem que decidir muito mais rápido mas pode fazê-lo como quiser, para trás, para a frente, etc). Há também outro tipo de exercícios em que o jogador é confrontado com uma grande diversidade e complexidade de situações onde tem que tomar uma decisão de muitas opções que poderá ter.

Portanto, temos exercícios onde a decisão dos jogadores é condicionada à partida, outros onde têm que optar por uma ou duas situações e outros ainda onde podem ter situações mais complexas, como por exemplo um jogo com três equipas, em que uma equipa pode passar a bola à outra, mas não pode passar a uma terceira equipa. Isto é muito complexo na prática, pois a equipa com que não podemos jogar está sempre a trocar…

M.M – Mas, por exemplo, dá "espaço" aos seus jogadores para que eles aprendam com o erro? Isto é, deixa-os errar? Utiliza mais o feedback intrínseco ou extrínseco?

L.D. – Ah sim… Eu vou-lhe dar um exemplo. Ninguém andará bem de bicicleta, se não tiver caído pelo menos dez vezes (qualquer coisa assim). Eu pratiquei várias modalidades, futebol de competição também, mas tive a sorte de praticar outras modalidades a nível de competição, tal como o hipismo. Acho que, quem nunca caiu num cavalo, nunca conseguiu saltar bem. Portanto, nós sabemos claramente que quem não tiver oportunidade para errar ou que quem for reprimido nos treinos no primeiro, segundo ou terceiro erro efectuado, obviamente o caminho que vai ter é o abandono, ou seja, vai ter insucesso. Agora, há também aqui uma questão importante, que tem a ver com a teoria, com o ponto de vista cognitivo da aprendizagem que diz que errar cada vez menos também é aprender. Isto é, podemos não estar a acertar no alvo, mas estamos mais perto do nosso objectivo. Mas vou-lhe ser muito sincero, a minha grande preocupação é que o jogador, dentro da sua liberdade de decisão e opção, consiga tomar decisões que sejam

boas para um jogo colectivo e, quando não o forem, que os seus colegas consigam compensá-lo pelo seu erro, ou seja, fazer com os erros individuais não se notam tanto.

M.M. – Quando intervêm, que tipo de feedbacks ou reforços emitem os treinadores? São dados em que sentido?

L.D. – Obviamente que os *feedbacks* que mais são realçados, e que tem que se realçar, são os *feedbacks* positivos, são os *feedbacks* virados para o sucesso, para as coisas boas que eles vão fazendo. É importante termos sempre a noção que nós temos que treinar os jovens que temos à frente e não aqueles que gostaríamos de ter. No nosso caso, e uma vez que estamos cada vez mais especialistas em cada escalão, se a título de exemplo apanharmos um jogador que é fabuloso a realizar uma determinada acção e no ano a seguir tivermos jogadores que não são tão fabulosos, não os vamos confrontar dizendo que o outro é que era bom e que eles não prestam. Não existe isto. O que nós temos que saber é que determinado jogador terá outras virtudes que o outro não tinha. Portanto, temos sempre que treinar o jogador que temos à frente e tirar o máximo partido da sua motivação e das suas potencialidades, e nunca pensar que eu gostaria de ter era outro jogador que não este. Dessa forma estaríamos a cair num erro enorme, que era estar à procura do jogador perfeito, do jovem perfeito, e isso não existe.

M.M. - A qualidade técnica da maioria dos jogadores provenientes da formação do Sporting é um facto inegável. Trabalham esta dimensão de alguma forma específica neste escalão?

L.D. – Nos juvenis, como nos outros escalões, um dos factores fundamentais para um jovem ser jogador do Sporting tem a ver com a dimensão técnica, com uma relação com a bola já de base, digamos assim. Depois, ao nível dos juvenis, o que se faz são progressões, ou seja, a forma como se faz um passe (a intensidade e o *timing*) é que é diferente dos iniciados, porque do ponto de vista da sua complexidade ela é exactamente igual. Por exemplo, o campo mantém as mesmas dimensões nos dois escalões; mas como nos juvenis os jogadores são mais altos e mais rápidos, interceptam mais facilmente os passes se eles continuarem a ser

efectuados com a mesma intensidade. Portanto aquilo que existe do ponto de vista técnico, nos juvenis, é mais com uma evolução na qualidade pretendida em vários gestos, tais como o passe, os cruzamentos, e não tanto da quantidade.

Por outro lado, há um incremento no escalão de juvenis do aprimoramento de aspectos técnicos que são menos fortes, nomeadamente o trabalho do pé não dominante e o jogo de cabeça. Os jogadores sentem maior necessidade de se aperfeiçoarem nestas situações técnico-tácticas mais frequentes, tais como o passe, a recepção, a condução, dar toques com a bola no ar, levantar a bola, cruzar. Tudo isso tem que ser feito com os dois pés, obviamente com mais qualidade num pé do que com o outro. Essa preocupação existe nos escalões a baixo, mas depois a competição, muitas vezes, não permite que eles a desenvolvam. No escalão de juvenis, não há hipótese, ou fazem ou têm insucesso, daí que esses aspectos técnicos sejam enfatizados no nosso escalão.

M.M. – É realizado algum tipo de acompanhamento/monitorização do desenvolvimento individual aos jogadores?

L.D. – Sim, muito mesmo. Todas as semanas, em todos os treinos, fazemos a avaliação da percepção subjectiva do esforço, que é uma escala que nós utilizamos, definida por nós, calibrada por nós e que os jogadores conhecem. Eles sabem que depois do treino há alguém que vai ter com eles e que lhes pergunta: "Em quanto é que classificas a exigência, a intensidade deste treino?" Depois, de quinze em quinze dias, são utilizados frequencímetros para ver as frequências cardíacas, não só do ponto de vista global do treino, mas também do ponto de vista do exercício de treino que foi planeado, se correspondeu àquilo que era o nosso planeamento. É de quinze em quinze dias porque nós entendemos que estes jovens não estão habituados a isso e que não devemos chateá-los demasiado com isso, nem dar demasiada importância a isso. Portanto de quinze em quinze dias há quatro jogadores que utilizam frequencimetros durante uma semana. Fazemos por posições, os laterais numa semana, os avançados noutra, normalmente os G.R. não utilizam devido às quedas, e podemos também utilizar isso em alguns jogos, se queremos perceber se o atleta não dá mais rendimento devido a uma questão física ou a outra questão qualquer.

Depois há avaliações físicas individuais e sistemáticas, três vezes por ano. Essas avaliações permitem-nos ver também a evolução do ponto de vista físico em cada componente, não como um fim, mas como um meio (até porque algumas avaliações físicas evoluem devido ao próprio crescimento e maturação e não só devido ao treino).

Todos os jogadores fazem também testes psicológicos, testes escritos, testes psicotécnicos, digamos, em que é feita uma avaliação individual. Fazem também o teste sóciométrico, acerca de escolhas positivas e de rejeições, para verificarmos as relações que se estabelecem num grupo e para percebermos de que forma esses jogadores se colocam no meio de um grupo. O objectivo não é percebermos se temos uma equipa com um grande espírito de grupo, mas perceber, isso sim, a que nível está esse jogador a treinar no meio de um grupo que o pode estar a rejeitar, ou até que ponto um atleta, sem se esforçar bastante, pode estar a ser hiper-valorizado pelos colegas. Há, pois, todo um conjunto de testes e de mecanismos que realizamos ao longo da época, para retirar mais informações.

Fazemos também medições antropométricas a todos, reguladas e sistemáticas. Medimos o peso e a altura de quinze em quinze dias. Em atletas deste escalão há picos interessantes a registar. Fazem-se testes médicos e análises clínicas, realizam-se também testes individuais de doping que são surpresa e que se devem a um investimento forte que o Sporting fez nesta área. Não o fazemos porque estejamos preocupados, mas para que os jogadores percebam que, quando forem atletas profissionais, há um sorteio de jogadores para efectuarem esses testes e que os jogadores que vão às selecções nacionais têm obrigatoriamente que fazer esses testes, para que o Sporting não corra riscos desnecessários. Para lhe dar uma ideia, existe um conjunto de testes físicos, técnico-tácticos e psicológicos, sendo que o maior teste que os jogadores podem ter é em competição, principalmente competições muito difíceis.

M.M. – Qual a importância que tem para este escalão a forma de jogar da equipa sénior do Sporting?

L.D. – Nós temos um modelo de jogo e um modelo de formação que está perfeitamente definido desde as escolinhas aos juniores. A nossa equipa

profissional tem a liberdade de tirar o máximo partido dos jogadores que tem à sua disposição, definindo o modelo de jogo, sistemas de jogos, a forma como ataca e defende, da forma como entender.

Aquilo que eu acho fundamental passar, é que os bons exemplos devem seguir-se. E por isso, quando um jovem dos escalões de formação do Sporting entra no escalão sénior, é um motivo de orgulho para todos nós, técnicos, mas principalmente para os jovens colegas que estiveram até há bem pouco tempo a lidar com esses jogadores. O maior exemplo, ou o maior impacto, que os Seniores do Sporting têm junto dos escalões de formação, é dar um espaço competitivo a novos jogadores formados por nós, que são o exemplo daquilo que pode vir a acontecer nos anos seguintes.

Depois, obviamente, se tivermos bons exemplos, tentaremos segui-los. É natural que o nosso G.R. tente fazer qualquer coisa idêntica ao que o Rui Patrício fez bem feito em determinado jogo. É normal, também, apelarmos aos nossos jogadores, especialmente aos avançados, ao espírito de sacrifício e à capacidade defensiva que o Liedson demonstra em campo; ou destacar a regularidade competitiva que o João Moutinho tem sem se lesionar, porque faz um trabalho de prevenção de lesões muito forte – isso é transmitido aos nossos atletas e eles já começam a ter essa preocupação também.

E esses são os efeitos mais positivos que eu consigo retirar da equipa principal, e não tanto o modelo de jogo, os princípios, as vitórias. Nestes últimos aspectos não existe tanta transferência para a formação.

M.M. – Quais são as diferenças existentes na forma de jogar deste escalão, tendo como referência o Modelo de Jogo definido pelo clube?

L.D. – Pelo clube está perfeitamente definido que a formação tem um modelo de jogo e a equipa profissional tem outro modelo de jogo, aquele que o treinador principal entender definir. Obviamente que existem princípios que estão inerentes a todo o clube e definidos pela administração da SAD, sendo que um deles é a aposta em jogadores formados pelo Sporting. Não só nesses jogadores, mas também nesses.

Há uma boa ligação da parte profissional com os escalões de formação e, por exemplo, sempre que há chamada de jogadores às selecções ou há lesões no plantel profissional, é normal vários jogadores dos juniores treinarem várias vezes

com os seniores, independentemente de serem convocados ou não, da mesma forma que acontece com os outros escalões. Essas fronteiras estão abertas e os jogadores sabem perfeitamente aquilo que podem vir a fazer nas várias equipas.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância que o "Futebol de Rua" tem na formação de um jogador de futebol?

L.D. – Tem muita importância. Aqui no Sporting temos poucos casos em que a evolução do atleta do ponto de vista técnico é somente feita internamente com os nossos treinos. Isso acontece com os G.R. e com os centrais. Estes jogadores evoluem muito tecnicamente ao longo do tempo que estão connosco na formação, no entanto a grande riqueza da maior parte dos jogadores que entram para o Sporting é o futebol de rua. Ou no sítio onde vivem, ou na escola que frequentam, é aí que se desenvolvem um conjunto de *skills* que depois servem como base de aprendizagem seguinte para outros *skills*, a outro nível. Mas a base, digamos, vem do futebol de rua. E mais um pormenor. Os jogadores que estiveram sujeitos a essas vivências na rua, sem pressão seja de quem for, jogando apenas por puro prazer, (não sendo um dado científico) são aqueles que mais tarde podem vir a ter maior sucesso nas suas carreiras, talvez graças a essa liberdade com que sempre lidaram com a situação de jogo.

M.M. – Há pouco, antes de almoçar, li num livro de um jornalista uma citação de Di Stefano, relacionada com isso mesmo que acabou de referir. Qualquer coisa deste género: "Nós jogávamos na rua por prazer e porque o fazíamos tão bem, começaram-nos a pagar por isso."

L.D. – Exactamente. E mais… Os jogadores que conseguem manter a carreira durante muito tempo, como é o caso do Luís Figo, do João Pinto, etc, ao olharmos para eles no treino ou no jogo, vemos que eles treinam como jogam e jogam como treinam. Não pelo dinheiro que ganham, ou pela fama que têm, mas sim pelo prazer que têm no jogar. Todos aqueles que desde cedo estão associados a transferências milionárias, muitas vezes não se aguentaram nos clubes para onde foram, nem tiveram tanto sucesso, exactamente porque a partir daí houve uma pressão para a qual eles não estavam preparados. Quando se baixa um bocadinho a fasquia, a pressão volta a baixar. Foi o que aconteceu, por exemplo, com o

Quaresma e com Simão Sabrosa. Acho que saíram um pouco cedo demais. Ninguém tem dúvidas que se o Quaresma estivesse em Barcelona, jogaria com a mesma qualidade que joga agora no Porto, mas talvez na altura não estivesse preparado para lhe ser colocada uma pressão que ele enquanto jovem não tinha, pois enquanto jovem sempre jogou por jogar, por puro prazer e divertimento. E talvez essas equipas tenham colocado demasiada pressão nos jogadores, até devido ao investimento que fizeram neles.

Por outro lado, é importante ter em conta que é normal o pai, o padrinho, algum familiar ou até treinadores de escalões mais jovens pressionarem muito os jovens para desenvolverem esta técnica ou aquela finta. Mas isso não vale a pena, porque o miúdo, aos doze, treze ou catorze anos vai abandonar o futebol, ou não vai continuar a progredir como se pensava, porque estará "cheio", estará farto. O jogador só vai evoluir e ter sucesso se realmente tiver um grande prazer a desenvolver essas fintas e não por ser pressionado por quem quer que seja.

M.M. – Em relação a esse aspecto específico da pressão que está a referir, concorda os pais são um grande problema?

L.D. – Eu diria que há de tudo. Eu também sou pai e quem é pai tem sempre tendência para hiper-valorizar os seus filhos. Estamos sempre a olhar para os nossos, esquecemo-nos dos filhos dos outros e só reparámos neles quando passam à frente dos nossos. Isso passa-se não só no futebol, como também em qualquer actividade desportiva. Eu tenho essa experiência. Seja no futebol, seja na natação, seja no judo, na música ou no teatro, aos nossos olhos, o nosso filho é sempre melhor que os outros. Portanto, eu não diria que os pais são um problema, eu diria que, muitas vezes, os pais não têm formação para fazer um trabalho de acompanhamento de um jovem atleta. Este passo também estamos a dá-lo aqui no Sporting e no próximo domingo vamos ter uma formação para os pais. Não porque estejamos preocupados com aquilo que eles dizem ou façam nas bancadas, mas porque estamos preocupados com aquilo que eles possam fazer ou dizer depois de um jogo ou depois de um treino, ou ao ir para um jogo ou treino, mais por isso.

M.M.– Quais as razões que aponta para a tão boa adaptação dos jogadores provenientes dos escalões de formação do Sporting ao futebol de alto nível, seja na equipa sénior do Sporting como também, por vezes, noutras equipas de top mundial?

L.D. – Pois…Por tudo o que já foi falado, mas ainda há alguns aspectos que me parecem fundamentais. É essencial não queimar etapas, não fazer da competição um fim, mas um meio para se chegar ao alto rendimento. Não vale ganhar a todo o custo. Sempre que um atleta tem queixas, seja em que altura for da sua formação, se for necessário parar e não competir ou treinar terá que se fazer isso.

A disciplina é outro ponto muito importante nos nossos escalões, dentro e fora de campo. Para ter uma ideia, no ano passado fomos campeões nacionais de juvenis sem cartões vermelhos. É bom que isso se saiba também. Esta época, infelizmente já vimos um vermelho no último minuto de jogo…

A grande articulação existente entre a escola e o futebol é outro factor crucial. Não é por acaso que, por exemplo, os últimos jogadores a entrarem na equipa principal – Miguel Veloso, Pereirinha, Adrien – sejam atletas que chegaram todos ao secundário, alguns deles ainda andam no 12º ano, e muitas vezes só deixam de estudar quando passam a atletas profissionais, e mesmo assim tentam conciliar. O Miguel Garcia, por exemplo, já fez o 12º ano; o Rui Patrício fez o 9º ano, decidiu não continuar o secundário e fez um curso de informática. Portanto os atletas têm sempre outras formações complementares. Até já se deu catequese e vai retomar-se esse hábito muito em breve…

Por tudo isto, considero que esta visão do jogador como um todo e o desenvolvimento da sua personalidade de forma complexa é que está na base deste sucesso.

Entrevista aos Treinadores das Equipas A dos Escalões de Formação

Nome: Luís Gonçalves **Escalão:** Iniciados

M.M. – Que tipo de objectivos são pretendidos? De Formação, Competição ou Preparação?

L.G. – São todos. Digamos que o objectivo de competição passa por ganhar o campeonato, é algo que está implícito, não é uma obrigação, mas é um objectivo. Existem também, como é óbvio, objectivos de preparação, que passam pela preparação dos jogadores para um modelo de formação, um modelo de jogo, mas não só. As questões que têm que ver com a própria formação individual são também muito importantes. Eu penso que todos os objectivos estão presentes e que todos são importantes, mas por uma questão de perspectiva macro do clube a conquista do campeonato é um dos objectivos mais visíveis. É um objectivo muito importante e que tem que ser pensado juntamente com outros objectivos de preparação e formação. E isto é a nossa concepção e a nossa ideia aqui no Sporting, porém a ideia que passa lá para fora é outra, muitas vezes.

M.M. – Quais as dimensões mais privilegiadas no treino?

L.G. – No escalão de iniciados, as dimensões privilegiadas são claramente as táctico-técnicas, situações contextualizadas com o jogo. Baseamos o nosso trabalho essencialmente nos princípios do jogo.

Apesar disso, trabalhamos muito de forma individual e, mais analiticamente, a vertente técnica. Por exemplo, nos aquecimentos fazemos sempre exercícios de técnica individual de muita relação com a bola.

O treino físico também começa a ter alguma importância neste escalão, apesar de eu não lhe dar muita atenção, até porque aqui na Academia temos um coordenador do treino físico, o Professor Carlos Bruno Charrua, que faz esse trabalho e que normalmente está em constante diálogo e sintonia com a equipa técnica.

M.M. – Neste escalão a intervenção dos treinadores no processo de treino é feita de forma a dar liberdade às acções dos jogadores ou de forma a controlar mais as suas acções? (feedback intrínseco – aprendizagem por erro vs feedback extrínseco.

Tem a ver um pouco com o feedback intrínseco, se dá "espaço" para os jogadores errarem…

L.G. – O Miguel hoje viu o treino. Foi mais directivo que o costume, mais correcção, mais instrução.

M.M. – Mais aquilo que você queria ver, certo?

L.G. – Sim. Mas também tem que ver um pouco com a fase em que estamos – segunda jornada da segunda fase. Vamos agora aos Açores e há alguns aspectos em que a equipa não está a cumprir aquilo que pretendo e então eu hoje fui mais directivo na abordagem a algumas situações. Mas normalmente até dou bastante espaço para que eles possam ser criativos, muitas vezes até faço isso não só em situação de jogo mas mesmo em situações ofensivas e em situações de finalização dou várias soluções, que primeiro são trabalhadas e posteriormente eles escolhem de acordo com aquilo que pensam ser melhor para a situação concreta.

M.M. – Quando intervêm, que tipo de feedbacks ou reforços emitem os treinadores? São dados em que sentido?

L.G. – Mas no treino e na competição ou só no treino?

M.M. – Sim, sim, pode também incluir a competição.

L.G. – Normalmente, nós devíamos utilizar mais vezes o feedback prescritivo, e eu procuro fazer. Muitas vezes uso o feedback de correcção e feedbacks positivos. Mas eu procuro sempre dar um feedback prescritivo, ou seja, "fizeste

assim, no entanto devias ter feito assim" ou então dar a entender ao jogador que apesar de determinada tomada de decisão não ter sido má, existem outras e melhores.

M.M. – Por acaso, durante o seu treino que observei hoje, reparei que deu muitos reforços positivos…

L.G. – Ah, sim, procuro dar reforços positivos. "Bom passe", "boa recepção", "boa desmarcação", e muitas vezes, esta é uma estratégia que eu uso, após um jogador ser corrigido algumas vezes num treino. Procuro estar atento e elogiá-lo quando faz algo bem de seguida, para que o miúdo não fique a pensar que só embirro com ele e para que não fique desmotivado.

M.M. - A qualidade técnica da maioria dos jogadores provenientes da formação do Sporting é um facto inegável. Trabalham esta dimensão de alguma forma específica neste escalão?

L.G. – Nós, além de, durante o treino trabalharmos alguns exercícios, digamos, exclusivamente técnicos, mais ou menos como eu disse há pouco, realizamos exercícios que têm sempre a componente do jogo presente. Faço exercícios simples de situações de finalização. E há outro treino que nós chamamos aqui de treino específico, mas que eu prefiro chamar de treino complementar. Estamos condicionados pelos horários da escola dos vários alunos e por isso só vêm a este treino os jogadores disponíveis, independentemente do sector ou posição que ocupem em campo. E aqui fazemos um treino técnico, fazemos treino de finalização partindo de posições estáticas, mas o treino técnico está sempre presente. Não há uma situação em que se diga "Agora é só treino técnico", isso não.

M.M. – É realizado algum tipo de acompanhamento/monitorização do desenvolvimento individual aos jogadores?

L.G. – Sim, mas não tanto como eu gostaria. Eu além de ser treinador da equipa A de iniciados sou também o responsável pelo escalão dos iniciados todos e por isso, dentro do possível, tenho que acompanhá-los.

O que eu tento fazer neste escalão é uma avaliação o mais abrangente possível. Ou seja, para além da avaliação normal que na Academia todos fazem, tal como em todas as escolas – uma avaliação no natal, outra na Páscoa e outra avaliação final –, nós também fazemos uma avaliação inicial do nível de técnica de base, em situação de jogo. Temos também imagens de jogos que vemos muitas vezes. Por exemplo, o meu adjunto está agora a preparar um conjunto de imagens só sobre um jogador. Temos o registo estatístico dentro do jogo, passes certos, passes errados, remates à baliza e zonas de remate, zonas de recuperações de bola e isso permite-nos monitorizar a evolução do jogador.

Se fosse possível, eu gostaria de focalizar mais o nosso trabalho sobre o jogador, mas não consigo. Para o conseguir, se calhar tínhamos que reformular o conceito todo do Sporting, porque, por exemplo, temos um plantel com trinta e um jogadores sub-15 e há cinco que estão na equipa B, por isso no total temos vinte e seis jogadores sub-15; se calhar, para além de termos um plantel mais curto, teríamos que escolher provavelmente alguns grupos de elite, chamemos-lhes assim; se calhar, os jogadores residentes que temos teriam que ser apenas residentes devido à sua qualidade e não devido ao facto de morarem longe, porque existem jogadores que moram mais perto mas que têm mais qualidade e não estão cá. Mas para isso ser feito, teríamos que remodelar tudo e aí eu estaria interessado em fazer um maior acompanhamento individual, pois teríamos os jogadores mais disponíveis. Mas, mesmo assim, já fazemos alguma coisa que eu acho que é muito positiva e tentamos monitorizar dentro do possível a evolução do jogador. E ainda há a avaliação que fazemos através de testes e relatórios acerca do plano técnico, físico, táctico, mental e social do jogador.

M.M. – Qual a importância que tem para este escalão a forma de jogar da equipa sénior do Sporting?

L.G. – Nenhuma. Nenhuma, porque o modelo de jogo da formação do Sporting está definido, está assimilado e o modelo de jogo da equipa sénior é outro, de acordo com as ideias do treinador que lá estiver.

M.M. – Podia existir um princípio de jogo utilizado pelos seniores que vocês também privilegiassem.

L.G. – Não, não há. Porque é assim, hoje é o Paulo Bento, amanhã pode ser outro. Agora, não quero dizer com isto que o modelo seja definitivo e estático.

M.M. – Quais são as diferenças existentes na forma de jogar deste escalão, tendo como referência o Modelo de Jogo definido pelo clube? Neste caso, não o modelo de jogo definido pelo clube, mas sim o modelo de jogo definido pela equipa sénior.

L.G. – O dispositivo táctico é o 4-3-3, privilegiando sobretudo os corredores laterais, com extremos bem abertos. Nós jogámos com um ponta de lança e dois extremos, temos no meio campo uma variante assumida, que não quer dizer que seja obrigatória, em que podemos jogar com três médios, um pivot defensivo e dois médios interiores, portanto um triângulo invertido, ou então dois pivots e um médio ofensivo. E o nosso 4-3-3 é um modelo que é utilizado por umas equipas, a selecção nacional também utiliza, se bem que as dinâmicas sejam diferentes.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância que o "Futebol de Rua" tem na formação de um jogador de futebol?

L.G. – Quando se diz Futebol de Rua entende-se, por exemplo, os miúdos a jogar na rua, certo?

M.M. – Exactamente…

L.G. – Como já se organizam torneios de 3x3 de Futebol de Rua… Estou sempre a ouvir falar no Futebol de Rua… Então, o Futebol de Rua é o Futebol sem regras, se é que isso é possível, porque mesmo neste futebol há regras, a diferença é que são os miúdos que as estabelecem.

A importância é fundamental, se bem que não podemos só atribuir o sucesso ao Futebol de Rua, porque há cada vez menos espaço para os miúdos jogarem, há cada vez menos tempo para os miúdos estarem na rua, tanto por questões de segurança, como por existirem também algumas aliciantes. O meu filho por exemplo tem seis anos e é um exemplo disso. Tem uma Playstation, está inscrito numa escola de futebol e na rua brinca às vezes com os seus amigos até porque vive num meio que o permite. Joga à bola, anda de bicicleta, etc. E isso para mim é fundamental. Tem que ver com o crescimento, não tem que ver com o futebol. Tem que ver com o desenvolvimento motor das crianças e por isso o futebol jogado na rua é fundamental. Por isso é importante que os miúdos comecem a praticar o futebol mais cedo. No entanto, há uma coisa que eu tenho visto por aí, que são os campeonatos organizados das escolas de futebol, ou seja, actualmente existem miúdos de seis anos que todos os fins-de-semana têm competição. Não concordo. Penso, que deveriam existir escolas de futebol onde se tentassem recriar o ambiente do futebol de rua, 3x3, 4x4, etc, apesar de ter algumas regras, porque as tem sempre, mas as mínimas possível. E sem posições definidas, ou seja, agora está o João na baliza e a seguir vai o António. Porque o que se vê muitas vezes é que nas escolas de futebol, com seis anos, o miúdo já é guarda-redes e existem muitos que desistem por causa disso. Não podemos nestas idades pegar nos modelos dos seniores e começar a fazer treinos específicos. O que eu estou a dizer é que devem existir preocupações das escolas nesse sentido. E, eu que sou treinador dos iniciados do Sporting, já fui campeão nacional por três vezes e muitas vezes decido arriscar, mesmo pondo em causa o resultado de um jogo, e quer dizer, existem por vezes, em algumas escolas de futebol outras políticas com que eu não concordo e onde a competição já está muito instituída.

M.M. – Quais as razões que aponta para a tão boa adaptação dos jogadores provenientes dos escalões de formação do Sporting ao futebol de alto nível, seja na equipa sénior do Sporting como também, por vezes, noutras equipas de top mundial?

L.G. – Principalmente porque nós privilegiamos um certo tipo de jogadores quando os recrutamos e que passa, inevitavelmente, por terem uma boa relação com bola. Também cultivamos a questão da cultura táctica, o jogador que pensa, ou seja, quando procuramos um jogador, não excluímos os jogadores que são baixinhos, mas privilegiamos aqueles que são rápidos, inteligentes e com boa relação com bola.

Entrevista aos Treinadores das Equipas A dos Escalões de Formação

Nome: José Lima **Escalão:** Juniores

M.M. – Que tipo de objectivos são pretendidos? De Formação, Competição ou Preparação?

J.L. – Acima de tudo pretendemos que os jogadores, quando acabarem o seu trajecto de formação, neste caso do futebol júnior, estejam preparados para integrar as equipas profissionais de futebol. Apesar de ser uma mudança muito grande, um grande objectivo é que os jogadores não notem uma grande diferença nessa passagem e que, quando chegarem ao futebol sénior, estejam o mais preparados possível para essas diferenças.

M.M. – Quais as dimensões mais privilegiadas no treino?

J.L. – Nós aqui, não só nos juniores, como nos outros escalões, trabalhamos tudo integrado. Portanto, damos grande valor a todas as dimensões, sabendo que as questões psicológicas são extremamente importantes para um jogador que está a formar-se. Se o jogador não for psicologicamente forte quando chegar ao futebol sénior, vai ter mais dificuldades em impor-se. Ele precisa de estar preparado em termos mentais para conseguir, principalmente nos maus momentos, tornear as adversidades que irão surgir.

M.M. – Neste escalão a intervenção dos treinadores no processo de treino é feita de forma a dar liberdade às acções dos jogadores ou de forma a controlar mais as suas acções? (feedback intrínseco – aprendizagem por erro vs feedback extrínseco)

J.L. – É um misto. Damos liberdade porque não podemos tirar a criatividade que o jogador tem, pois se é um jogador muito forte numa situação de 1x1, por exemplo, nós os treinadores não podemos cortar com isso. No entanto, se um

jogador é muito forte num aspecto e nós, como treinadores, achamos que ele ainda pode melhorar, então focalizamos a nossa atenção na melhoria de aspectos que se calhar em termos individuais e pessoais do atleta ele se julgava muito bom, mas que nós julgamos que em termos colectivos e em termos de rendimento individual, em termos futuros, ele ainda pode melhorar muito.

M.M. – E nos seniores dá-se muita importância ao colectivo…

J.L. – Não é só nos seniores. A mentalidade aqui nos juniores já é também um pouco essa. Se é a preparação para o futebol sénior que queremos, temos que treiná-los e incutir-lhes um espírito que seja já de futebol sénior, levar as coisas com seriedade. Mesmo quando há jogos com maior facilidade, é necessário arranjar objectivos para eles poderem tornear, porque se conseguirmos isso eles vão estar mais fortes e mais preparados.

M.M. – Quando intervêm, que tipo de feedbacks ou reforços emitem os treinadores? São dados em que sentido?

J.L. – Bem, normalmente eu gosto de utilizar feedbacks positivos. Mas quando as situações não estão a ser realizadas de maneira que eu acho ideal ou como eu gosto, apesar de ter sempre uma acção pedagógica, se tiver que emitir um feedback mais crítico, faço-o, porque na minha maneira de pensar vou melhorar o jogador. Se disser sempre que está tudo bem, quando acho que as coisas não estão bem é sinal que não estou a realizar um bom trabalho porque não estou a prestar um bom serviço ao atleta.

M.M. - A qualidade técnica da maioria dos jogadores provenientes da formação do Sporting é um facto inegável. Trabalham esta dimensão de alguma forma específica neste escalão?

J.L. – Nós, como foi dito há pouco, trabalhamos sempre os aspectos integrados, no que diz respeito aos aspectos físicos, técnicos, tácticos e

psicológicos. Em relação à técnica, todos jogadores são, podemos dizer, acima da média, em termos nacionais. Porém, continuamos sempre a cultivar, a estimulá-los, porque o jogador pode ser muito bom mas precisa sempre de haver uma assimilação constante para o rendimento dele continuar a ser bom. Portanto, existem muitas alturas em que fazemos trabalho técnico centrado não só com a parte técnica em si, mas também com questões técnicas que têm a ver com situações de jogo.

M.M. – É realizado algum tipo de acompanhamento/monitorização do desenvolvimento individual aos jogadores?

J.L. – Sim, sim. Nós temos o nosso coordenador da parte física e certas situações de treino costumamos fazer de forma mais individualizada. Isto é, diariamente é feito um controlo da intensidade do treino a alguns jogadores, normalmente do mesmo sector, através de frequencimetros, para chegarmos ao fim de um micro-ciclo e vermos qual a intensidade a que treinam os nossos jogadores.

M.M. – Qual a importância que tem para este escalão a forma de jogar da equipa sénior do Sporting?

J.L. – Aqui na formação foi instituído um modelo de jogo e dentro do modelo de jogo existe o nosso sistema de jogo, que é diferente do da equipa principal. Ao fim e ao cabo, foi cimentado achando que este sistema de jogo inserido no modelo de jogo era o que se calhar servia melhor este tipo de jogadores, até por aquilo que falamos há pouco, jogadores acima da média nacional em termos técnicos. Mas penso que os jogadores, apesar de jogarem numa estrutura diferente daquela em que jogam os seniores, saem da formação preparados para assimilarem rapidamente outra estrutura que esteja a ser utilizada no futebol profissional.

M.M. – Quais são as diferenças existentes na forma de jogar deste escalão, tendo como referência o Modelo de Jogo definido pelo clube?
Neste caso, pode responder partindo do que já me foi dito pelos treinadores dos iniciados e juvenis sobre o funcionamento do clube. Ou seja, existe um modelo de jogo definido para os escalões de formação e um modelo de jogo sénior completamente diferente e que tem que ver com as ideias do treinador da equipa profissional que estiver no activo, porque se cada vez que um treinador chegasse se fizessem alterações no modelo da formação não teria lógica.

Tendo em conta esse modelo de jogo definido pelo clube para a formação, o vosso modelo tem alguma nuance que queira referir? Seja pela vossa maneira de jogar, seja pelas características dos jogadores que têm…

J.L. – Aquilo que é feito nos iniciados e nos juvenis continua a ser realizado nos juniores, mas isto não quer dizer que não haja flexibilidade para que o treinador, neste caso eu, assim que achar necessário, faça alguma mudança estratégica em relação ao sistema de jogo a utilizar. Uma das preocupações que nós temos aqui, que está instituída e achamos que é positiva, é que termos que nos preocupar mais connosco e não dar grande ênfase à forma como a equipa adversária joga. Respeitamo-la sempre, mas acima de tudo estamos sempre mais preocupados com aquilo que nós fazemos.

Nós treinamos diariamente para um sistema e modelo de jogo e portanto não tem muita lógica andar a alterá-los constantemente, o que não quer dizer que em situações pontuais, situações específicas, não possamos fazer isso. E nós temos essa flexibilidade para mudar, se acharmos que é o melhor para a equipa.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância que o "Futebol de Rua" tem na formação de um jogador de futebol?

J.L. – O Futebol de Rua é excelente. A sua importância é muita, porque é aí que se dá a primeira aprendizagem. Aliás, quando se começa a jogar o futebol de rua, o jogador evolui muito tecnicamente e habitua-se a vários contextos e espaços. No entanto, devido à sociedade em que estamos inseridos, esses

espaços começam a escassear, havendo cada vez menos espaços para as crianças poderem praticar futebol na rua.

Eu acho que o futebol de rua é fundamental e importante, porque funciona como a primeira aprendizagem de muito boa qualidade, porque faz com que os jovens desenvolvam muito as suas capacidades gerais de técnica e resistência, e digo de resistência porque se os miúdos puderem – e eu era assim quando era mais novo – passam o dia todo a jogar futebol, porque se joga por gosto, quem gosta continua e está sempre a praticar e, quando assim é, torna-se excelente para as crianças. Nesta fase, que eu considero muito importante, não há preocupações tácticas nenhumas, ou seja, joga-se por puro prazer.

M.M. – Quais as razões que aponta para a tão boa adaptação dos jogadores provenientes dos escalões de formação do Sporting ao futebol de alto nível, seja na equipa sénior do Sporting como também, por vezes, noutras equipas de top mundial?

J.L. – Eu acho que, cada vez mais, tentamos incutir aqui um espírito sério, profissional, tentamos fazer-lhes ver que vão encontrar dificuldades e têm que estar preparados para isso. Ou seja, é necessário haver uma boa preparação para o futebol que vão encontrar em termos profissionais.

Depois temos a grande vantagem de termos jogadores que já são bons e muito evoluídos quando aqui chegam e que, com trabalho e alguma rigidez, conseguem depois adaptar-se mais facilmente, isto porque têm uma margem de progressão muito grande e por isso, mais cedo ou mais tarde, acabam por conseguir uma boa integração.

Entrevista a Aurélio Pereira

Coordenador do Departamento de Recrutamento e Prospecção

M.M. – Qual é a sua função no Sporting?

A.P. – Sou Coordenador do Departamento de Recrutamento do Sporting.

M.M. – Explique-nos, por favor, como funciona o sistema de prospecção e detecção de talentos? Em quantos níveis é dividido?

A.P – Funciona como uma rede de observadores a nível nacional. O país está dividido por zonas que têm um grau de importância diferenciado. Depois, perante o quadro das diversas competições, essa rede de observadores entra em acção. Faz-se um levantamento, privilegiando sempre os escalões mais baixos, e depois, a partir do momento em que o coordenador de cada distrito nos dá essa informação, ela é trabalhada em função das prioridades do nível dos jogadores e assim nós depois actuamos para rapidamente tomarmos uma decisão, que será sempre da responsabilidade da coordenação.

M.M. – Qual é o segredo para a formação de estrelas no Sporting?

A.P. – Eu acho que, em primeiro lugar, o segredo passa muito pela mais-valia dos jogadores que aqui entram, esse é o primeiro ponto de partida, pois somos rigorosos a escolher os nossos atletas. Depois, uma coisa que nós consideramos extremamente importante é o verdadeiro acompanhamento em estruturas de apoio em relação ao jovem atleta. Nós consideramos que o estudo e a disciplina são fundamentais. Portanto, procuramos dar ao atleta uma boa formação e acima de tudo fazer com que ele se consciencialize, não de uma forma brusca, mas de uma forma segura, do que é ser jogador. Julgo que quanto mais cedo o atleta estiver consciente dessas duas coisas mais

depressa fica com possibilidades de entender o futebol profissional como a sua verdadeira profissão. Porque sem paixão pela profissão, não é possível ter sucesso. E o sucesso está sempre, sempre, sempre na valia do jogador e na sua paixão pelo treino, pela profissão, pela forma de encarar sempre com alegria o dia-a-dia, tentando sempre superar-se e tendo a consciência que está num clube com esta grandeza e com uma formação felizmente reconhecida e que lhe dá também a garantia de um suporte e de um estatuto. Digamos que o jovem sabe que está numa escola que é considerada uma das melhores escolas do mundo e acho que isso para ele serve muito como auto-estima.

M.M. – Há pouco li um artigo que estava na vitrina da entrada, onde o Aurélio refere que tem muita pena que o Dani não tenha seguido a carreira de jogador. Ele tinha muito prazer em jogar, mas a partir do momento em que passou a ser profissão e aumentaram as obrigações, deixou de fazer sentido para ele. É um bom exemplo de um jogador que tinha paixão, mas que não estava consciencializado para esta profissão.

A.P. – Exactamente. Ele gostava de jogar futebol como um hobby, mas quando se viu obrigado a jogar, a exercer a sua profissão no seio de uma equipa, ele não quis. Não funcionava como equipa, funcionava como o "eu", de forma individual.

M.M. – Na sua opinião, quais os indicadores que podem definir um jogador de qualidade?

A.P. – A relação com a bola é primeira a ser levada em conta. Se fizermos essa orientação no sentido da valia técnica, o que normalmente se costuma dizer quando se vê um miúdo de dez anos com uma bola nos pés é que ele é tecnicamente evoluído. Eu não vejo as coisas dessa forma. Eu vejo que um talento, como nos diz o dicionário, é alguém que nasce com qualidades naturais para a prática de uma determinada função ou arte. O que ele tem quando nasce e nesses primeiros tempos de prática é habilidade natural. Portanto, uma habilidade acima da média, considerado um talento.

Infelizmente, actualmente, a palavra talento está vulgarizada e julgo que, qualquer dia tenho que passar a dizer "super-talento", pois só talento será pouco. Eu para lhe definir um talento, não sou assim tão optimista. Também talvez estejamos habituados a trabalhar com uma fasquia bastante elevada. Portanto, quando um atleta tem uma habilidade natural acima da média, essa é a primeira base para ser talento, depois vem ao de cima o aspecto mais técnico, mais futebolístico.

A seguir, apontamos para uma das qualidades físicas importantes, que também nasce com o atleta – a velocidade. Se aliarmos estas duas coisas e se verificarmos que alguém possui estes predicados, à partida estão garantidas todas as outras. E depois há aquele que se considera extremamente importante, mas que numa primeira observação não se consegue ver, que é o aspecto mental e volitivo e que, posteriormente, faz a diferença entre os jogadores que têm habilidade natural e outras qualidades.

Se procurarmos a diferença entre o Cristiano Ronaldo e o Kaka, eu acho que o Cristiano Ronaldo tem muito mais paixão pelo jogo, tem uma paixão sistemática pelo jogo, não tem quebras; ao invés do Kaka que, de vez em quando, se esconde mais, não sabe jogar mal, mas não tem aquela paixão, não tem aquele frenesim como tem o Ronaldo, que em cada jogo dá tudo, como se fosse o último jogo da vida dele…

M.M. – Há dias li também uma entrevista sua dada a um jornal, em que refere que a personalidade dos jogadores também se nota até pela forma como os colegas se relacionam com determinado jogador e que, por exemplo, no caso do Cristiano Ronaldo, isso foi notório, pois logo no primeiro treino todos os colegas criaram uma empatia imediata com ele…

A.P. – Exactamente… Os outros sabem quando há qualquer coisa de especial. Aconteceu com o Cristiano Ronaldo quando veio aqui treinar à experiência com onze anos. Nessa altura, eu tinha que fazer um parecer acerca da sua prestação nos testes. No caso da transferência se realizar, nós íamos deixar de receber uma verba de 4.500 contos por parte do Nacional. E nessa altura, depois de observá-lo em campo e ver que realmente tinha qualidades, foi a sua qualidade mental que mais me impressionou e que me levaram a escrever o

que escrevi na altura. Porque ele já tinha sido visto pelo Paulo Cardoso e pelo Osvaldo Silva e disseram-me que realmente era um jogador espectacular e era bom que o fosse lá ver. Eu fui lá e, para além daquilo que já me tinham contado, o que verdadeiramente mais me impressionou foi a sua personalidade em campo. Eu já tinha sido treinador dos juvenis e pude ver que os jogadores que vinham da Madeira, com quinze e dezasseis anos, ao segundo dia já tinham a mala pronta para se irem embora, porque não conseguiam resistir às saudades da família, enfim àquela melancolia própria das ilhas. Hoje já não é bem assim… Ele fez um corte radical com esse passado e no segundo dia já conseguia atrair as atenções por parte dos colegas. A título de exemplo, num treino que realizou com jogadores um ano superiores, a certa altura estava para receber uma bola de costas na área e foi alvo de uma marcação muito apertada. De repente, ele voltou-se para trás e disse: "Oh miúdo, tem calma!!!" E isso para mim funcionou como um "click" para dar o aval à sua contratação.

(neste momento Aurélio Pereira levantou-se para ir buscar o documento em que escreveu o parecer acerca do Cristiano Ronaldo onde se podia ler o seguinte: "Apesar de parecer exagerado o custo pretendido, este jovem de 12 anos poderá no futuro ser um grande investimento face à qualidade demonstrada nos testes efectuados junto dos nossos técnicos" (28/06/97).

M.M. – Com 12 anos!?

A.P. – Com 12 anos. E é evidente que há um pormenor importante aqui, que é o facto de estar a observar um jogador junto dos nossos. Ou seja, toda a gente dizia que ele era bom jogador, o problema é que para ele ficar eu tinha que dar o aval à sua contratação e o Sporting deixava assim de receber 4500 contos, de maneira que os argumentos teriam que ser muito fortes para convencer os responsáveis. Mas quando vemos um miúdo a jogar contra os nossos e a jogar bem, sabemos automaticamente que ele tem que ser bom.

M.M – Na sua opinião, que importância tem um espaço como a Academia?

A.P. – É vital. Mas atenção… Eu sei o que é treinar cinquenta jogadores, mais seis guarda-redes, em meio campo, sozinho, e mesmo assim ser campeão nacional pelo Sporting e o meu irmão (Carlos Pereira) treinar cinquenta iniciados no outro meio-campo e ser também campeão nacional, tendo os outros clubes muito melhores condições do que nós. Ora e o que é que fazia a diferença? A diferença está sempre no mesmo detalhe, os jogadores. Eu não tinha condições mas tinha jogadores e ganhava. Vindo para a Academia, tendo jogadores e condições de trabalho, eu consigo ganhar na mesma, tal como ganhava antigamente, e levar o jogador muito mais bem preparado para a equipa principal. Mas não nos podemos esquecer que a treinar nos campos pelados e na terra batida criamos "Figos" e "Ronaldos". Não nos podemos esquecer disso.

M.M. – Os grandes craques também começaram no *Futebol de Rua,* alguns deles sem grandes condições…

A.P. – Exactamente… Se pegarmos nesta selecção nacional actual, quem são os grandes jogadores? São aqueles que tiveram vivências no *Futebol de Rua*. Eu temo muito que o futebol daqui por alguns anos venha a ser uma coisa mecânica. Hoje em dia já começa a ser um pouco, com tanta organização, com tanto controlo, com tanta preocupação com a posse da bola…

Hoje em dia temos as faculdades a debitar técnicos, temos as formações de treinadores e tudo isso, mas depois o jogador, o praticante, estuda cada vez menos e então o que acontece é que nós estamos a falar "cá de cima" para um conjunto de analfabetos. Portanto, temos que compreender que vai demorar tempo, muito tempo, enquanto o jogador não for culto. Por exemplo, um treinador diz a um jogador para passar a bola e ele pensa para ele «passo nada, eu chuto a bola». E marca golo. Ao que o treinador diz. "Boa, bem jogado!" No entanto, instantes antes tinha dito ao jogador para fazer uma coisa completamente diferente.

Apesar de eu ter efectuado agora uma análise nua e crua, sou muito pela competência e pela universidade, mas sem que isso possa retirar

autonomia a quem está a jogar. Se não qualquer dia, temos um chip na cabeça do jogador e está cá fora o treinador a comandá-lo.

Agora eu pergunto, o que será do futebol quando os jogadores forem de tal forma evoluídos e pensem muito, muito, muito? Eu gostava de ver como ficaria o futebol com jogadores assim, porque hoje em dia as pessoas entram em êxtase a ver futebol é naqueles rasgos de criatividade, é na magia do momento. Agora o "passa para aqui", "marca ali", "chuta"…a geometria, a mecanização, isso não. Evidentemente que fico preocupado, porque julgo que quem está no mundo do futebol não faz muita reflexão sobre o que é que devemos fazer às nossas criancinhas, já que deixamos de ter *Futebol de Rua* e passamos a ter escolas, e aquele espaço onde os miúdos do meu tempo exercitavam "n" vezes o drible daquele e a finta do outro acabou. Eu, por exemplo, lembro-me de, na minha altura, imitar o Zé Augusto e então passava os dias nisso. Fazíamos isso sem qualquer tipo de pressão. Hoje em dia, os miúdos aprendem a jogar com as mãos na Playstation, às 18h vão para uma escola onde está já um monitor a dizer "pressiona, não deixa jogar" "pressiona, não deixa jogar". Eu vi isto num torneio de escolas. Mas quem é que lhes diz: JOGUEM!?

Há quatro anos, nós fizemos aqui um torneio de vários candidatos à academia. Eram aí uns trinta ou quarenta miúdos do escalão de iniciados que juntamos com os que já eram nossos jogadores. Fizemos então um torneio que, salvo erro, era um torneio de futebol de 9, porque considerámos ser mais o mais equilibrado, pelo menos para este escalão. E o que aconteceu? Não havia ordens nenhumas, não havia tácticas, não havia nada e foi um espectáculo. Os jogadores jogaram sem pressões e acima de tudo divertiram-se a jogar.

M.M. – Se tivesse que caracterizar o "ambiente" existente na Academia, como o faria?

A.P. – Auto-Estima e Disciplina. Na Academia vive-se um ambiente fantástico entre todos os seus intervenientes, sejam eles jogadores, treinadores, directores ou funcionários…

M.M. – Na verdade, esse foi um aspecto em que reparei, quando aqui entrei e fiz a minha primeira visita às instalações da Academia. Estava acompanhado pelo Pedro Luz (Secretário da Formação do Sporting) à entrada da biblioteca, quando por ali passavam dois jogadores iniciados. A primeira atitude que os dois tiveram foi de nos cumprimentar aos dois, enquanto estabeleciam uma conversa animada com o Pedro. Sendo que era a primeira vez que me viam, fiquei algo impressionado. Isto demonstra realmente bastante disciplina e educação por parte dos miúdos.

A.P. – É muito engraçado você focar esse assunto, especificamente no que toca ao acto de cumprimentar, pois posso dizer que isso começou um pouco por minha influência. Eu sou uma das pessoas mais antigas no clube, como deve saber. Estou cá há praticamente trinta e dois anos e nestes anos todos já fui jogador, treinador e agora sou o coordenador do recrutamento. Quando era treinador tinha como hábito, sempre que chegava ao balneário, cumprimentar um a um todos os jogadores presentes. Ora, digamos que este hábito que eu tinha, e tenho ainda, se infiltrou aos poucos e foi passando de geração em geração. E foi ficando, ficando. Tem que ver com um respeito mútuo que existe entre todos aqui dentro. Não sei se viu o programa Prós e Contras há dias…

M.M. – Não, não vi o programa, mas soube que falaram da Academia como um exemplo a seguir…

A.P. – Exacto. Nesse programa estava lá o Doutor João Lobo Antunes, o Neurocirurgião, somos muito amigos… E então ele contou o episódio de quando veio visitar a Academia e de como ficou deveras impressionado com esse aspecto que você referiu, com o facto de os miúdos cumprimentarem todos os presentes com um aperto de mão. Em relação à Academia, referiu-se como uma "grande obra".

Acho que este é um bom exemplo para caracterizar o ambiente vivido na Academia, pois trata-se de alguém que vem de fora e que constata isso mesmo.

M.M. – Uma das características que o costumam definir (em vários artigos que li a seu respeito) é que tem uma relação fantástica com todos os jogadores. Confirma isso? Que importância pode ter esse aspecto em jovens que muitas das vezes estão longe das suas famílias?

A.P. – Sim. Confirmo isso, como é óbvio. Não a considero uma relação muito paternalista, porque também é exagerado e além disso porque são muitos miúdos; no entanto, procuro sempre ter uma acção pedagógica com todos eles. Porque ao fim e ao cabo, como passámos tanto tempo com eles aqui na Academia, acabamos por ser referências para eles.

Julgo que acabo por fazer parte do sucesso de integração de muitos miúdos aqui na Academia, acima de tudo porque sou a primeira pessoa com quem eles e a própria família contactam assim que vêm deixar o miúdo. Isso torna-se importante, porque a partir desse primeiro contacto estabelece-se uma pequena ligação, que no entanto acaba por ser grande, pois aumenta a confiança por parte da família e da própria criança no nosso trabalho.

O que acontece muitas vezes, é que sou solicitado pelos próprios jogadores para os apoiar em momentos mais difíceis de ultrapassar. No entanto, nesse aspecto não sou o único.

Entrevista a Diogo Matos

Coordenador responsável pelo Projecto das Escolas de Futebol Academia Sporting/Puma

M.M. – Qual o conceito das Escolas de Futebol Academia Sporting/Puma?

D.M. – O conceito é desenvolver o que está a ser feito na Academia-mãe. Depois de cinco anos, temos a certeza que as técnicas utilizadas quer no modelo de gestão, quer do modelo técnico da Academia podem trazer frutos. Não quer dizer que produzam resultados todos os anos, mas se houver matéria-prima de uma qualidade superior, as outras variáveis que podem levar à definição de um jogador com um alto nível nós tentamos explorá-las. Portanto, se a matéria-prima com qualidade entrar nesta Academia, teremos uma maior probabilidade de formar um jogador em condições.

Partindo desse pressuposto, cinco anos depois de sabermos que temos confiança naquilo que fazemos aqui, estava na altura de irmos para fora. Muitos eram os pedidos que tínhamos, dado que o Sporting é um clube que tem expressão nacional, e sentíamos que sempre que uma equipa do Sporting ia para longe da capital era uma festa, porque as pessoas não estão habituadas a ver o Sporting, há pouca proximidade.

Nós temos **três objectivos** fundamentais neste projecto: um deles é a formação desportiva, ou seja, levar a qualidade da formação do Sporting mais longe neste país, ao alcance de várias crianças perto da sua área de residência. Ligado a isto está também a expansão e fidelização do Sporting Clube de Portugal; ou seja, indo mais longe, estamos a marcar presença noutras zonas do país onde até agora tínhamos uma presença mais fraca. Esta fidelização tem a ver com a vontade de nós querermos que os miúdos que pertencem a estas escolas se habituem ao Sporting, equipem à Sporting, venham ao estádio de Alvalade, sejam sócios do Sporting, para que no futuro sejam a nossa massa adepta e quem sabe associativa também.

Em segundo lugar está o recrutamento de talentos. As Escolas de Futebol Academia Sporting/Puma não só servem para descobrir talentos mais cedo e mais perto do seu meio familiar, porque eles não vêm para a Academia

antes dos treze anos de idade – portanto, os jogadores com menos de treze anos de idade estão perto de casa e é aí que nós temos que tirar conclusões –, mas servem também para dar oportunidade a um jogador de qualidade de qualquer área geográfica. Ele começa a trabalhar e a evoluir dentro do nosso modelo, de acordo com o nosso manual técnico de formação. Portanto, se um desses jogadores com doze ou treze anos ingressar na Academia, ele já não vai estranhar, vai sim sentir que já faz isto durante algum tempo e que a sua evolução tem sido potenciada pelo nosso trabalho. Trabalho esse em que nós acreditamos. Não dizemos que somos os melhores do mundo, mas são aqueles em que acreditamos e é a nossa maneira de trabalhar.

Por último, existe um aspecto que é fundamental para nós – ser auto-suficiente num plano mais secundário, porque acaba por ser rentável.

M.M. - Quais as idades abrangentes?

D.M. – Dos cinco aos catorze anos de idade.

M.M. – Qual o seu principal objectivo?

D.M. – Parece-me que a pergunta do conceito funde-se um pouco com esta do objectivo…

M.M. – Neste momento, qual a abrangência das Escolas? Há pretensões de a transformar num fenómeno à escala mundial?

D.M. – Podendo parecer um bocadinho megalómano, eu acho que podemos ambicionar ir para fora de portas a nível mundial, brevemente…

M.M. – Se existir interesse…

D.M. – Exacto. Existem muitos países interessados, a pedir a nossa colaboração na área de formação. Não me parece é que seja necessariamente neste modelo. Este modelo é o que nós temos a funcionar cá em Portugal e que funciona como um todo. Juntando todas as suas componentes sabemos que ele tem sucesso. Para fora, se calhar temos que adequar o modelo um pouco ao país em questão, ao contexto sócio-económico existente, ao que esperam de nós, portanto seria essencial adequarmos um pouco.

Neste momento temos catorze escolas, para o ano vamos tentar ter trinta e eu acho que temos espaço para crescer até um número de cinquenta ou sessenta escolas a nível nacional, incluindo Açores e Madeira. E não vamos descurar a parte internacional onde, inclusive, existem comunidades portuguesas que poderão ser o nosso primeiro passo no estrangeiro.

M.M. – Quais os aspectos que consideram mais importantes para que um jogador pertencente a estas escolas consiga transitar para os Escalões de Formação do SCP?

D.M. – Essa questão é um pouco mais técnica, mas posso-lhe dizer qual é mais ou menos o trajecto. O treinador de determinada escola que identifique um potencial jogador comunica ao coordenador técnico dessa escola. Esse coordenador comunica ao nosso coordenador técnico da Academia-mãe, o jogador é chamado ao Sporting para fazer alguns treinos com a equipa correspondente à sua idade e, se passar nesse teste, continuará a treinar nessa equipa para ser então observado de uma forma mais específica pelo pessoal do recrutamento. E depois pode ser seleccionado ou não. Mas essa pergunta é um pouco mais técnica e não queria muito entrar por aí, pois muito provavelmente iria divagar um bocadinho…

M.M. – Qual a formação que os treinadores/professores possuem? (Formação académica, curso de treinador, experiência como jogador)?

D.M. – São exactamente esses os três pontos que pretendemos que se garantam: a formação académica, ou então uma formação de treinador, ou ainda alguém que comprove, pela sua carreira profissional, ser uma pessoa interessada e com alguma experiência, que se calhar está agora a começar uma formação quer académica, quer de treinador. Nós assumimos esse risco até à altura em que não seja viável. Se virmos que esse risco assumido foi um erro, voltamos para trás. Mas estamos agora a dar passos em frente neste projecto, que é recente, tem um ano e meio, no sentido de criar um certificado para treinadores nas Escolas do Sporting. Ou seja, os treinadores vão realizar uns testes, umas aulas, seguem um plano de formação e depois, no final, ficam habilitados, ou não, a treinar nas Escolas do Sporting.

M.M. – Qual a metodologia de treino utilizada nestas escolas? É semelhante à utilizada nos escalões de formação do Sporting? Sabe se é semelhante à das demais escolas existentes?

D.M. – Se for a uma escola no Algarve e a outra no Porto, vai ver que eles trabalham de uma maneira muito semelhante. A nossa ideia é que o trabalho seja quase uniforme. Há também que se atender à variabilidade existente, como as idades e as características dos jogadores, o espaço disponível. Mas há uma linha condutora. Portanto, no início, nós entregamos a todas as escolas um Manual técnico de formação com aquilo que se deve ou não fazer dos cinco aos catorze anos, com todos os procedimentos necessários para garantir uma evolução sustentada do jogador. Entretanto, temos acções de formação regulares dos coordenadores técnicos, que por sua vez formam os treinadores de cada escola. Nós procuramos uma uniformização e este manual técnico que nós entregamos é feito com base no manual de formação da academia. Portanto, não é “chapa”, mas tem os princípios básicos que também existem na Academia.

M.M. – De que modo controlam o trabalho realizado nas diferentes escolas existentes?

D.M. – Isso é fundamental. Esse é dos pontos mais importantes do nosso projecto e funciona da seguinte maneira: temos os nossos coordenadores técnicos que visitam regularmente as escolas, elaboram relatórios e corrigem também algumas falhas detectadas. Irão também fazer uma formação que lhes dá capacidade de correcção e adequação.

Isto porque nós não podemos hipotecar a nossa mais-valia, que é a parte técnica ao nível do treino. Se hipotecarmos isso, estamos a defraudar todo o nosso projecto e todos os que acreditam nele. Por isso temos muito cuidado com a parte do controlo.

M.M. – Quais as dimensões privilegiadas nos treinos?

D.M. – A meu ver as dimensões mais privilegiadas são as técnico-tácticas.

Entrevista a Carlos Bruno Charrua

Coordenador do Treino Físico da Formação

M.M. – Qual é a sua função na formação do Sporting C.P.? Em que consiste esse trabalho?

C.B. – A minha função é a de coordenador do treino físico, ou seja, eu coordeno o treino físico das equipas da formação que pertencem à Academia, portanto, dos sub-14 até sub-19. A coordenação do treino físico tem muito que ver com o criar ligação entre os escalões, entre as diferentes idades. Criar ligação também com as equipas técnicas, portanto, articular o trabalho com as equipas técnicas, porque é um trabalho que é, digamos, "separado" do trabalho que é integrado no treino normal das equipas.

M.M. – Sabendo que dão importância à dimensão física, qual a importância dada a essa dimensão em cada um dos escalões? Há objectivos definidos para os diferentes escalões? E quais são esses objectivos?

C.B. – Nós temos objectivos bem definidos quer para o escalão de juvenis de segundo ano, portanto a partir de sub-17, quer para a nossa equipa de juniores sub-19, porque são equipas que entram no alto rendimento. Os juniores são a nossa última equipa de formação e por isso temos que os preparar para o escalão sénior, sendo que, às vezes, essa preparação tem que ser muito forte porque já não há aquele tempo de estágio, aquele tempo de amadurecimento na equipa B. Isto pode ser negativo ou não, depende das perspectivas.

A partir dos sub-17, como já estão maturacionalmente mais desenvolvidos e já têm um trabalho de base realizado em anos anteriores aqui na formação, com naturalidade esses escalões são aqueles que começam a ter o maior volume de treino, uma maior exigência de treino, uma maior intensidade de treino no sentido de os preparar para o nosso objectivo, que é colocá-los no futebol profissional, na equipa A.

M.M. – Essas preocupações relacionadas com os objectivos definidos para os vários escalões têm que ver um pouco com as alterações desse volume e intensidade de treino de que falou, certo?

C.B. – Sim, sem dúvida. Com naturalidade vai aumentando, porque a capacidade dos jogadores também aumenta, mas também porque a própria exigência (o número de treinos por semana, a exigência dos treinos e as cargas com que se realizam os treinos) cada vez vai ser maior.

Agora, dizer que existem objectivos do tipo, os sub-14 têm que fazer "x" tempo aos dez metros ou aos trinta metros, isso não existe. O que existe é a preocupação em trabalhar a componente física. Tal e qual como os jogadores tacticamente são extremamente diferentes, e por isso é que há bons e maus jogadores, dentro da dimensão física as diferenças também são muitas. Há jogadores que, por mais que treinem, nunca vão ter a velocidade do Cristiano Ronaldo, mas não é por isso que não poderão ser bons jogadores.

M.M. – Ou seja, não são objectivos físicos, funcionam como um complemento?

C.B. – Exactamente. Os objectivos físicos são essencialmente de melhoria individual, de comparação com o próprio e em relação aos outros. Os objectivos são motivos de superação individual até porque – talvez o nosso coordenador lhe tenha falado – nós, aqui na formação, olhamos muito para o jogador e não para a equipa. Portanto, e agora falando em nomes, o João Moutinho não era o jogador que mais saltava, se calhar estava entre aqueles que menos saltava, e no entanto não foi por isso que deixou de ser bom jogador. Aqui o que fazemos, basicamente, é tentar melhorar o mais possível o atleta. E depois também depende do profissionalismo dos jogadores. O treino acaba, mas há mais exercícios que se podem fazer com a intenção de recuperar de lesões, de reabilitação, exercícios esses que podem ajudar o jogador na sua profissão. E nós tentamos criar essa cultura de treino extra no jogador.

M.M. – Considera este tipo de treino muito importante para a recuperação de lesões?

C.B. – Sim. Na minha opinião, hoje em dia o futebol é cada vez mais exigente, ou seja, joga-se mais rápido, correm-se mais quilómetros, a exigência é maior a todos os níveis. Também se treina de forma cada vez mais específica; ou seja, existe a preocupação por parte dos treinadores de realizar situações mais próximas do jogo. E isso é muito bom, por um lado, porque evidentemente vai aumentar a performance do jogador, mas por outro lado também é negativo, porque cada vez mais a solicitação muscular e articular incide nos mesmos grupos musculares.

Toda a gente sabe que existe uma incidência muito grande de entorses, tíbio-társica, entorses no joelho, problemas nos adutores, pubalgias, etc. E este treino, que se pode chamar de ginásio, apesar de poder ser efectuado no ginásio, ou não, pode ser óptimo no sentido de contrabalançar isso. Por exemplo, se um jogador tem uns adutores muito fortes e encurtados, mas tem uns abdutores muito fracos, este desequilíbrio entre adutores e abdutores é extremamente prejudicial ao atleta, porque o risco de ele contrair determinado tipo de lesão é enorme.

Como é óbvio, se um atleta tiver um quadricipetes mais forte, o vasto interno bem tonificado, a probabilidade de ter uma entorse no joelho – com as consequências que daí podem advir, como rupturas de menisco, ligamento interno ou mais grave o tendão rotuliano, ou até o cruzado anterior – de certeza que será menor, está cientificamente provado.

O ser humano não foi feito para jogar futebol e, como joga muitas vezes, isso tem efeitos secundários, que são as lesões que vão aparecer. Agora não temos dúvida nenhuma que a reincidência grave de lesões no joelho, na tíbio-társica e problemas musculares podiam ser prevenidos. Mas existe um mito relativamente à musculação: “oh pá, musculação?! cuidado, rasgas-te todo!”. Por exemplo, eu já ouvi treinadores conhecidos da nossa praça dizer que não fazem musculação porque se não os jogadores têm rupturas, quando é precisamente o contrário. Agora, existem questões fundamentais neste trabalho, nomeadamente saber o que se vai fazer, como e quando. Preparadores e jogadores têm que se saber e que se adaptar. É como no

treino de futebol no campo – todos os treinadores treinam, mas o que é que eles fazem no treino? Será igual? Portanto, é muito importante a forma como eu faço este trabalho, a forma como integro e interajo com o treino do campo. Estas são questões fundamentais mas que carecem de experiência e de experimentação. Ou seja, eu hoje não faço as mesmas coisas que fazia há três anos. Nós, através de ensaio e erro, tal e qual como o treinador, vamos melhorando o nosso trabalho. Mas esta integração é fundamental e não tenho dúvidas nenhumas que, em relação às lesões, a incidência em lesões musculares este último ano foi reduzida de uma forma extrema. Temos 171 jogadores de formação na Academia (iniciados, juvenis e juniores) e a incidência de lesões musculares foi mesmo muito baixa, tivemos 5 ou 6 problemas de rupturas.

M.M. – Falando especificamente no treino dito de musculação, para aumentar a força, qual a sua importância e com que objectivos é utilizado nos vários escalões? Todos os jogadores fazem este tipo de treino ou apenas aqueles que têm necessidades?

C.B. – Todos os jogadores fazem o trabalho de força. O nosso Modelo de treino tem competências técnicas, tácticas, psicológicas e físicas e nós temos um documento orientador de treino físico. Nesse documento pode ler-se o que é para nós o treino físico e a forma como o fazemos e como articulamos de escalão para escalão.

No caso do treino de força, nós podemos distinguir aqui na Academia três tipos de treino de força: Treino de força que visa a melhoria do rendimento desportivo, que é realizado dentro do ginásio; o treino de força que visa a melhoria do rendimento desportivo também, mas que é feito no campo e ao qual nós chamamos treino reactivo, onde englobamos determinados exercícios; e temos ainda o treino que visa somente a melhoria dos desequilíbrios musculares, a reabilitação ou a prevenção de lesões. Digamos que são estas as três dimensões mais trabalhadas.

Na dimensão campo, nós temos um trabalho que desenvolvemos fundamentalmente nos escalões mais baixos, a que chamamos treino de

coordenação inter-muscular ou “speed cordination”, que é a designação em inglês. São exercícios de grande frequência gestual, de maior ou menor complexidade em termos coordenativos, que muitas vezes têm a ver com a relação com o próprio corpo, braços, pernas, mas também muito a ver com a frequência dos apoios. Depois há os exercícios mais lateralizados, mais frontais, que nós utilizamos muito como treino pliométrico de grande frequência gestual, mas que causam pouca intensidade em termos de carga sobre os músculos.

M.M. – Sim, movimentos mais coordenativos…

C.B. – Exactamente. Depois, evoluímos nos outros escalões para outro tipo de trabalho.

Depois, dentro do treino reactivo, temos mais três tipos de trabalho, a que nós chamamos saltos nível um, saltos nível dois e saltos nível três, e que basicamente diferem os dos outros pela intensidade que nós colocamos. Do salto um para o salto três decresce muito o volume, mas aumenta a intensidade. Os saltos de nível um têm um tempo de voo muito baixo, está-se pouco tempo no ar e os exercícios são quase sempre a dois apoios. Os saltos de nível três, por oposição, são saltos com uma fase aérea muito grande e extremamente agressivos a nível de intensidade. Esse é um tipo de trabalho que se complementa com o treino de força no ginásio. Um não substitui o outro, complementam-se.

Depois temos o trabalho que visa o rendimento desportivo, em que nós temos determinados tipos de exercícios, como o treino hipertrófico e a taxa de pressão de força; o primeiro mais virado para a força explosiva e o outro mais virado para a força de base e força de resistência. Esse treino de base e resistência nós utilizamos também a partir dos sub-15, portanto, com cargas sub-máximas e muitas repetições, em que o nosso objectivo não é o treino da força em si, mas uma aprendizagem de como se treina.

M.M. – É uma adaptação…

C.B. – Em primeiro lugar é a aprendizagem das técnicas dos exercícios, da organização, a criação de hábitos de trabalho aqui no ginásio. Claro que indirectamente vai haver essa adaptação, mas o objectivo não é medir alguma coisa que seja. “Ele fazia com 5 kg e agora faz com 15kg” – não é esse o nosso objectivo.

M.M. – Disse Sub-15?

C.B. – Exactamente, começamos nos sub-15. Os sub-14 apenas fazem exercícios com o próprio corpo, como abdominais, flexões, e têm um trabalho de coordenação inter-muscular realizado no campo, como falámos há pouco.

Os sub-15 continuam com o trabalho de coordenação inter-muscular e iniciam o trabalho de ginásio uma vez por semana. De três em três sessões, e quando as técnicas base são adquiridas, mudamos de exercícios, com o objectivo de dar aos atletas um ecletismo e um conhecimento alargado do funcionamento dos exercícios para que, quando subirem de escalão, estejam identificados com este tipo de trabalho e não seja necessário estar-lhes sempre a dar indicações e correcções. E mesmo sendo necessário corrigir alguns aspectos, serão já erros pequenos e não grandes. Vamos refinando.

A partir dos sub-17, eles começam a trabalhar duas vezes por semana no ginásio (treino de força) e também lá fora, dependendo do momento do mesociclo em que estivermos. E fazem ainda mais uma sessão extra semanal, que é obrigatória também e que eles colocam no seu horário de acordo com as suas ocupações e com a própria disponibilidade física e mental (exemplo: “hoje estou cansado, faço amanhã”). Eles têm a liberdade de a fazerem quando quiserem, mas têm que a fazer. Esse trabalho extra tem exercícios que privilegiam essencialmente o trabalho de tronco e exercícios de pernas para a prevenção de lesões, mas é sobretudo um trabalho complementar de tudo o resto.

Se reparares, nos exercícios desse treino extra podes ver um trampolim para o trabalho proprioceptivo dos membros inferiores e dos abdominais oblíquos, o que é fundamental na prevenção de hérnias inguinais ou de pubalgias. Por outro lado, tens também exercícios para o trabalho de tronco que são muito importantes, na minha opinião, porque é notório o aumento da

auto-confiança de qualquer individuo quando está tonificado. No caso do jogador, essa confiança nota-se mais nos duelos realizados com adversários e nas tarefas motoras do dia-a-dia. É incrível… Por outro lado, ao tonificar o tronco, diminuem-se assimetrias de pernas, que são extremamente negativas. Eu conheci jogadores profissionais que tinham membros inferiores brutais, mas que em cima pareciam empregados de escritório. Alguns deles, se davam uma queda mais aparatosa, não tinham qualquer tecido muscular a proteger as articulações e lá era uma clavícula que ia à vida.

Portanto, o nosso treino muscular vai no sentido de lhes dar mais confiança, de os tornar mais fortes nos duelos, de aguentarem melhor os contactos físicos. Tentamos que este trabalho seja o mais individualizado possível. Ou seja, os jogadores podem fazer todos os mesmos exercícios, mas não vão fazer todos a mesma carga, porque cada jogador tem a sua capacidade e os seus limites. Mesmo dentro do escalão, o treino é realizado de forma individualizada e 30kg pode ser bom para um jogador, ao mesmo tempo que não o é para outro.

Nós aqui tentamos individualizar o mais possível. Há jogadores que fizeram uma cirurgia ao menisco, por exemplo, e têm que fazer um trabalho diferente naquele membro inferior. Ou porque vêm de uma lesão, ou porque têm um problema congénito na coluna, a individualização da carga é fundamental na prevenção ou reabilitação de lesões. Temos uma bateria de testes físicos que tem uma fase em que nós dizemos “este atleta só vai ser mais rápido, só vai saltar mais e só vai ser mais explosivo se fizer determinado tipo de trabalho de força”. Neste caso, mais vale fazer trabalho pliométrico de campo em vez de ginásio. Ou seja, a partir destes testes, também podemos ver como é que ele vai evoluindo. Se um indivíduo tem um défice em determinado teste, então não deixamos de trabalhar os outros testes, mas se calhar concentramo-nos mais nesse teste em que o jogador tem défices.

M.M. – E esses testes que vocês fazem são quais?

C.B. – Temos os chamados testes de terreno, que nos dão alguma especificidade no que diz respeito aos valores da potência aeróbia máxima. Temos também testes de velocidade linear, com tempos aos cinco, aos dez,

aos vinte e aos trinta, e com grande relação com a força. Indivíduos maturacionalmente mais desenvolvidos são aqueles que fazem melhor teste e depois um teste mais de agilidade (teste D), que nós adaptamos à nossa realidade e que tem viragens à esquerda, direita, travagens, mudanças de direcção. É, portanto, um teste de agilidade que já tem os factores coordenativos muito integrados. Muitas vezes, alguns atletas que são lentos na velocidade linear, são muito bons noutro exercício.

Por um lado temos os testes de campo, por outro lado temos os testes de ginásio que são testes mais ligados à força. Através de plataformas de força e de exercícios de força isométrica máxima, obtemos o valor da perna esquerda e da perna direita e a taxa máxima de pressão da força, ou seja, a capacidade que se tem de activar a sua força rapidamente. Eu posso ter força mas se não a conseguir aplicar rapidamente, vale-me de pouco. Interessa-me ter força, mas também conseguir aplicá-la rapidamente. Porque é que o Thierry Henry é rápido? Porque consegue aplicar a força que tem em pouco tempo, é um princípio básico. E nós também trabalhamos para isso. Tentamos melhorar isso.

Depois temos o “Squad Jump” e o “Counter Movement Jump”, que são testes de impulsão vertical em que nós, na relação de um com o outro, conseguimos ver que tipo de força é que o atleta necessita – se precisa de ir para o campo trabalhar de forma reactiva ou se precisa de ir para o ginásio trabalhar hipertrofia ou força.

Temos também um teste adaptado, que é o “Sit & Reach”, que consiste num teste individualizado de flexibilidade do tronco. E existe ainda um trabalho de flexibilidade – como viste afixado aí no ginásio – para aqueles atletas que nós detectamos que têm um défice de flexibilidade e que têm que cumprir este plano diariamente depois dos treinos. Outros atletas que têm os índices de flexibilidade tremidos têm que realizar este trabalho duas vezes por semana, e refiro-me a um trabalho realizado para além do trabalho de alongamentos realizado no retorno à calma dos treinos de campo. Aqueles que estão bem neste aspecto vêm se quiserem, não são obrigados, até porque não temos tempo para tudo e pretendemos que o trabalho seja o mais individualizado possível. Mas o ideal era fazerem todos…

Temos também atletas que geneticamente são muito franzinos quando chegam aos juniores. Muito provavelmente viste alguns, como o Vivaldo Arrais, o Marco Matias, etc. São atletas que têm um treino individualizado muito virado para o ganho de massa muscular, porque essa fragilidade poderá ter um efeito negativo nas suas performances.

M.M. – Reparei nesse aspecto nos nigerianos. O Rhabiu é bastante franzino…

C.B. – Exactamente. É claro que também têm outras competências, isso não está em causa. Mas, se nós conseguirmos que eles mantenham as mesmas qualidades e fiquem um pouco mais fortes, tanto melhor. No caso do Rhabiu, ele ainda está cá há pouco tempo, é uma situação nova e ainda não está bem definida. Mas temos dois atletas que fazem as duas vezes por semana, fazem a sessão extra e trabalham sempre no ginásio – pernas duas vezes por semana, tronco todos os dias. Um deles, por exemplo, está sempre na selecção, onde não o deixam fazer nada, complicando um pouco a evolução dele nesse âmbito.

M.M. – Considerando um jogador lesionado, imaginemos por um prazo acima de um mês, de que forma é ele reintegrado no treino? Há algum tipo de preocupações?

C.B. – Há, e muitas. É assim, uma das minhas funções aqui também é a recuperação física, mas que acaba por ser física e mental. Ou seja, uma coisa é a recuperação clínica: o jogador fez os tratamentos, está tudo bem, não tem dores, clinicamente está recuperado. Mas outra coisa é a recuperação total, a recuperação adaptativa para que ele possa ser colocado num treino de futebol. De uma situação para a outra existem várias etapas que têm que se seguir e que são fundamentais no sucesso do tratamento de uma lesão desportiva. Isto é, muitas vezes, um atleta pode ser bem operado, ter um bom processo de desinflamação de electroterapia, ter já até uma cicatriz notória… mas se não se respeitam os estádios de progressão, é meio caminho andado para ele chegar

lá e voltar a ressentir-se e voltar a lesionar-se. Portanto, esta é uma preocupação que nós temos e tentamos, então, que a recuperação seja progressiva até à integração completa no treino normal.

Por exemplo, o treinador dos sub-14 tem poucos jogadores e precisa de alguns porque a equipa é muito curta. Acontece que tenho um jogador desse escalão que já hoje trabalhou comigo e que já se sente bem, mas que, por precaução e porque nestas idades preferimos pecar por defeito do que por excesso, não vai ser convocado e vai ficar a trabalhar comigo no domingo e, em vez de jogar, só vai integrar os trabalhos na próxima 3ª feira. E no entanto, ele estava assintomático e fez treino com bola comigo. O que vamos fazer no treino próximo são situações mais específicas que o jogo requer, tais como passe, recepção, desmarcação, travagens, acelerações, impulsões e sempre exercícios com bola. Em primeiro lugar, isto vai-lhe dar condição física, porque ele teve algum tempo parado; em segundo lugar, vai-lhe dar confiança, pois são exercícios que ele já não experimentava há algum tempo, mas que se integram logo no treino de campo propriamente dito.

M.M. – E ainda por cima pode ser alvo de factores externos que podem ser prejudiciais…

C.B. – Exacto. Pode ser alvo de factores externos, como alguém dar-lhe um toque. Ele sente logo que está a ser avaliado pelo treinador e por isso vai tentar superar-se, numa altura em que não se devia superar, mas sim condicionar-se a si mesmo no sentido de perceber como é que está e ganhar confiança. E esse trabalho é sempre feito aqui…sempre, sempre. Até na equipa A funciona assim. Na minha opinião, esta transição progressiva é fundamental, mas não a vemos em muito clubes. Existe um vazio, ou seja, não é uma área do enfermeiro, nem do fisioterapeuta, nem do treinador, e há então um vazio. Muitas vezes o jogador dá umas corridas à volta do campo e, sentindo-se bem, integra logo os trabalhos junto dos companheiros, o que pode ser muito prejudicial.

M.M. – Existe algum tipo de preocupação com o controlo de determinados indicadores fisiológicos? Quais são esses indicadores? (ex: Peso, FC, VO_2máx, Ácido Láctico, etc…) Em que alturas existe controlo?

C.B. – Muitas perguntas numa só… (risos). Primeiro, nós temos uma avaliação antropométrica periódica. Temos três alturas no ano em que fazemos peso, altura, altura sentado para os escalões mais novos, também, perímetros bicipital, crural, geminal. E temos ainda, para as equipas mais velhas (sub-19), a medição da percentagem de massa gorda.

Além desses, temos mais dois momentos (Outubro e Fevereiro) em que fazemos só altura e peso, só para controlar. Todas as equipas de formação fazem isso nestes cinco períodos do ano.

Depois, em termos maturacionais, todos os atletas que são sub-14 e sub-15 fazem o teste da predição da altura, fazem o raio-x ao pulso. Fazem isto duas vezes no seu processo de formação para confirmar um primeiro resultado, porque o teste não é 100% seguro. Fazem quando entram para os sub-14 e depois passados dez meses, mais ou menos. Isto no processo morfológico.

No que diz respeito ao processo fisiológico e à medição da frequência cardíaca, os sub-19 fazem todos os anos um teste de consumo de Vo_2máx. Já temos feito com os sub-17, mas não é sempre, pela falta de disponibilidade.

M.M. – Fazem esse teste no início do ano?

C.B. – Sim, normalmente fazemos no início do ano, mas não logo no 1º dia, porque se não os valores não vão ser os reais. Então o que fazemos é deixar passar três semanas ou um mês, para que os atletas elevem as suas capacidades condicionais, e depois é que fazemos o teste. E aí sim, o teste será real.

Depois, utilizamos a frequência cardíaca para monitorizar a sessão de treino, ou seja, usamos a frequência cardíaca do atleta para o seguinte: temos uma escala de intensidade que vai desde o valor um (muito fraco – treino de recuperação) até ao cinco (muito alto – jogo). Num treino, o treinador prevê uma determinada intensidade de um a cinco e nós monitorizamos seis ou sete

atletas, para verificar qual foi o impacto da intensidade para eles. Por exemplo, se o treinador previu uma intensidade de três para essa sessão de treino e os jogadores dizem que foi de cinco, pode ter acontecido que os jogadores estivessem cansados e a sua frequência cardíaca tenha aumentado. E então vamos à procura do porquê. Isto é feito todos os dias, salvo algumas excepções em que o treino é de recuperação e já sabemos que será automaticamente de impacto um, nos escalões juniores e juvenis.

No fundo, o que fazemos é monitorizar, responsabilizar o atleta, alertando-o para que controle a sua intensidade de treino. Depois temos ainda um teste que designamos por percepção subjectiva de esforço, em que temos uma escala de um a dez, conhecida por jogadores e treinador, onde o treinador prevê um valor, sendo que no final do treino perguntamos aos jogadores qual a sua percepção do esforço nesse treino. E assim conseguimos reunir uma média final. Convém que sejam os mesmos jogadores a serem monitorizados na mesma semana, para que assim se comparem valores ou até mesmo para detectar alguns problemas. Todas as equipas fazem isso. Não requer grandes métodos mas acaba por ser extremamente fiável, desde que tenhamos confiança nos jogadores e eles não vejam isto como “testes” da nossa parte. Agimos com naturalidade e eles percebem isso.

Entrevista a Pereirinha

Jogador Sénior do Sporting C. P.

M.M. – Há quantos anos está no Sporting? Quantos anos viveu na Academia (se for o caso)?

Pereirinha – Este é o meu quinto ano no Sporting, estive seis meses emprestado ao Olivais e Moscavide e por acaso nunca vivi aqui na Academia, porque morava aqui perto, na Amadora.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância de um espaço como a Academia na Formação de Jogadores de Futebol?

Pereirinha – Acho que é muito importante porque dá todas as condições aos jogadores para terem um bom crescimento como jogadores e como pessoas também, especialmente no caso daqueles que vivem cá. É muito bom porque possui todas as condições necessárias, tanto a nível de alimentação, como de treino. Tem tudo, não falta nada e é uma coisa que poucos clubes em Portugal têm.

M.M. – Se tivesse que caracterizar o "ambiente" existente na Academia, como o faria?

Pereirinha – É sobretudo um ambiente de companheirismo, de irmandade, mesmo. Toda a gente se tenta ajudar e motivar mutuamente.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância do "Futebol de Rua" no processo de formação de um jogador de futebol? (Fale um pouco da sua experiência antes de jogar como federado).

Pereirinha – Eu jogava na rua antes de jogar no Belenenses com sete anos e acho que isso é importante em termos de ganhos técnicos, em termos de criatividade, porque no futebol de rua não há regras, fazes o que te apetece, vês outros colegas a fazerem coisas e tentas tirar ideias e tu próprio vais fazendo experiências.

M.M. – Desde que se iniciou nos escalões de formação do Sporting até à entrada na equipa profissional, qual a dimensão futebolística que considera ter sido mais trabalhada/desenvolvida?

Pereirinha – Durante a minha passagem pelos escalões de formação, acho que o que foi mais privilegiado foi a componente técnica. Apesar de se trabalharem todas as outras componentes, parece-me que aquela em que se incide mais é a vertente técnica.

M.M. – Quais são, na sua opinião, as principais vantagens que este processo de formação proporciona ao Sporting?

Pereirinha – Acho que o modelo Academia permite formar jogadores com muita qualidade, mas ao mesmo tempo também boas pessoas, com bons princípios e já com alguma disciplina por viverem aqui com as regras que aqui são impostas.

M.M. – Tendo em conta o sucesso que o Sporting apresenta na formação de jogadores com qualidade (e provas dadas no mundo do futebol), na sua opinião, quais serão os factores-chave que ajudam a explicar melhor esse sucesso?

Pereirinha – Eu acho que é o trabalho de prospecção que está continuamente a avaliar miúdos de todo o país, em muitas competições e torneios. E acho que

é também a capacidade de oferecer as melhores condições de trabalho. No fundo, é melhor para os jogadores treinarem em relva com excelentes condições, como aqui na Academia, do que treinarem todos os dias num pelado, porque começa a haver muita gente à volta da bola, levanta-se uma poeirada e não se vê nada. E quem fala nos campos, fala em material de trabalho, em pessoas, em tudo.

Entrevista ao Paulo Bento
Treinador da Equipa Sénior

M.M. – Quais são as principais vantagens que este processo de formação proporciona ao Sporting?

P.B. – Tentar tirar o maior aproveitamento de jogadores que têm origem na formação do Sporting para o plantel profissional, tendo em conta que existe uma política do clube direccionada nesse sentido, existe qualidade nesses jogadores e existe também a necessidade de fazer uma aposta nesses jogadores, em função daquilo que é a gestão do clube.

No fundo, o grande objectivo é rentabilizar o máximo possível todo e qualquer jogador que chegue à equipa sénior, venha ele de onde vier. No entanto, e tendo em conta que existe uma política e uma aposta em jogadores oriundos da formação, o objectivo é trazer os melhores, aqueles que reúnem capacidades para serem jogadores da equipa A.

Mas que não se pense que tem só vantagens. Tem também algumas desvantagens, especificamente relacionadas com a maturidade que, naturalmente, os jogadores não têm no momento em que chegam à equipa A. Ou seja, nem todos os jogadores chegam com o mesmo tipo de maturidade e o normal é que um jogador de 19 ou 20 anos não tenha toda a maturidade para jogar na equipa principal.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância que um espaço como a Academia tem na formação de jogadores?

P.B. – Tem a importância de criar boas condições de trabalho, espaço para que os jogadores possam trabalhar em boas condições, algo que o Sporting há uns anos atrás, por aquilo que me foi transmitido, não tinha. Aqui há a possibilidade, em função desse espaço, de criar melhores condições de trabalho (a qualidade dos relvados e tudo isso…) e depois a qualidade desse espaço também melhora a formação do jogador. Isto que não significa que não

se formassem jogadores com outras condições, porque o Sporting também os formou.

Depois é também muito importante em termos logísticos, em termos de apoio aos jogadores e até em termos das condições proporcionadas pelas instalações habitacionais aos próprios jogadores. A Academia serve também para criar mais segurança e laços afectivos entre todos aqueles que lá vivem e/ou diariamente convivem. Naturalmente, existe um acompanhamento maior por parte do Sporting aos jogadores residentes na Academia do que àqueles que vivem com as suas famílias. No entanto, isso não significa que os outros também não sejam acompanhados.

O que realmente é de salientar é que este espaço permite uma qualidade muito grande de trabalho, permite que o jogador evolua com melhores condições e sobretudo e que haja uma maior segurança no controlo do jogador em termos desportivos e em termos escolares.

M.M. – Uma coisa que reparei logo no primeiro dia que aqui entrei é que parece existir um ambiente muito salutar. Verifiquei que os jogadores cumprimentam treinadores (mesmo que não seja o seu), funcionários e até a mim me cumprimentaram sem me conhecerem de lado nenhum…

P.B. – Sim… Isso tem que ver com uma filosofia de respeito que se faz questão de implementar. Uma filosofia que tem também a preocupação de transmitir aquilo que é o Sporting e os valores que devem ser tidos em conta para alguém que quer chegar ao mais alto nível como jogador do Sporting, valores que são não só para "Jogadores", mas também para "Homens". Se há uma coisa que devemos todos ter em mente, é que nem todos aqueles que estão aqui vão ser jogadores do Sporting. Todos poderão ter essa oportunidade, mas, seguramente, nem todos o vão ser. Podem até ser jogadores de futebol ao mais alto nível, mas não significa que o sejam no Sporting e, por isso, a formação deles deve também ser académica, uma formação em termos escolares e, como é óbvio, uma formação em termos humanos. Isso é aquilo que quem trabalha com os jogadores tenta transmitir: não só os aspectos desportivos, mas também os aspectos de preparação para a vida.

M.M. – Na sua opinião, qual a importância que o "Futebol de Rua" tem no processo de formação de um jogador de futebol?

P.B. – Eu acho que o Futebol de Rua tem importância, porque permite aos jogadores contactar com outras realidades, com outros espaços, desde as próprias balizas, à bola, que nem sempre é igual à que depois eles vêm a encontrar no futuro. Ou seja, permite-lhes melhorar certos aspectos, como a qualidade de relação com a bola. No Futebol de Rua, o nível técnico do jogador pode ser melhorado só pelo simples facto de ter que se contornar alguns obstáculos que possam aparecer pelo caminho. Por exemplo, quando jogámos num jardim e temos que contornar árvores que lá existam ou até na própria rua, onde estão carros estacionados, desenvolvemos alguma destreza e estamos prontos para o improviso. Isto é aquilo que se vê muitas vezes e antigamente se calhar mais do que hoje. Era nesses espaços que muitas vezes se descobriam e onde se revelavam alguns talentos.

Digamos que há um conjunto de circunstâncias que também obriga os miúdos a estarem mais alerta, ou seja, a bola é diferente, as balizas são diferentes, os contornos do campo são diferentes, o piso é diferente (às vezes no pelado, às vezes no alcatrão ou até no jardim). Ora, tudo isto faz com que o próprio miúdo tenha uma capacidade de adaptação maior, faz com que ele melhore a sua técnica, porque vai jogando em diferentes sítios.

M.M. – Costuma acompanhar a evolução dos jovens jogadores e escalões de formação? De que forma?

P.B. – Apesar das informações chegarem de todos os escalões, aquele a que normalmente se está mais ligado é o escalão abaixo, neste caso os juniores. Isto acontece porque, sendo o escalão mais próximo, também é aquele que tem mais necessidade de um acompanhamento e identificação maior. No entanto, isto não significa que não saibamos aquilo que existe e o que se faz nos outros escalões. Há um modelo definido para a formação e nós temos o conhecimento do mesmo. Mas, logicamente, há um contacto e um conhecimento maior, em termos de trabalho com os juniores, não significando

que não se vejam jogos de outros escalões. Mas, por exemplo, treinos é mais difícil, até porque normalmente existem vários escalões a treinar no mesmo horário que nós e depois porque o próprio tempo que consome uma equipa sénior é grande.

Mas em termos de relação e acompanhamento da evolução é claro que a incidência é maior e mais permanente no escalão de juniores.

M.M. – Quais as razões que aponta para a tão boa adaptação dos jogadores provenientes dos escalões de formação do Sporting ao futebol de alto nível, seja na equipa sénior do Sporting como também, por vezes, noutras equipas de top mundial?

P.B. – Essas razões têm a ver com a qualidade dos jogadores, porque são bons jogadores, porque durante o seu trajecto de formação são trabalhados nos vários itens para poderem chegar aos seniores em boas condições, sabendo que (e esta parte está mais relacionada com o lado psicológico), como disse há pouco, nem todos vão ser jogadores do Sporting. A história assim o diz e vai continuar a dizer. Para além disso, durante o seu trajecto de formação, tentaram trabalhá-los de uma forma progressiva, para que eles cheguem aos seniores, não totalmente preparados, porque essa preparação só vem depois de estarem no futebol sénior durante alguns anos, mas com a maior capacidade possível.

Normalmente aquilo de que se vai à procura nos jogadores, especialmente em escalões mais baixos, é a qualidade técnica. Depois tudo o resto se pode trabalhar. Com as condições que os jogadores possuem aqui, pode desenvolver-se ainda mais a parte técnica, pode e tem obrigatoriamente que se melhorar a parte táctica (para se chegar aos seniores) e isso tem que ver com a idade. Ou seja, em iniciado, se calhar trabalham-se certos aspectos que nos juniores já não serão tão relevantes, mas serão relevantes outros aspectos. E depois trabalha-se a parte física em função do trabalho que aqui é desenvolvido, em termos de força, ginásio e não só.

Desta forma, o jogador chega bem preparado nesses aspectos, mas tentamos ao máximo encaminhá-lo psicologicamente para aquilo que são as exigências do futebol sénior. Em termos competitivos, as exigências são

naturalmente diferentes daquilo que é o futebol de formação e ainda para mais porque os jogadores da formação do Sporting não tem tanta competitividade como aquilo que seria desejado, tendo-a apenas mais no final do ano. Aí, muitas vezes, quando se perde torna-se um contratempo, isto é, existe muita facilidade durante todo o campeonato e depois aparece uma altura de maior dificuldade que exige mais de todos para ultrapassar essa adversidade. É importante encaminhar o jogador e criar um nível de exigências a nível mental para que ele depois possa suportar as exigências que irão surgir no futebol sénior.

No fundo é tentar que eles cheguem o mais evoluídos possível em todos os parâmetros do jogo – o físico, a técnica (que já a trazem), a parte táctica e a parte mental, sendo estas últimas, para mim, as mais importantes para se chegar a um entendimento daquilo que é o jogo. E sobretudo virem mentalmente preparados para os momentos adversos. Aqui no Sporting, os jogadores vivem normalmente mais momentos de sucesso, logo temos também que explicar e prepará-los para outros momentos mais difíceis que poderão surgir ao longo da sua vida. O jogador encontrará alguns aqui, serão é menos do que aqueles que irá encontrar depois noutro contexto.